

Anderson Soares de Souza

ORAÇÃO LIVRE, INSISTENTE E CONFIANTE
DAS PESSOAS MAIS SIMPLES E POBRES A PARTIR DA PARÁBOLA DO
AMIGO IMPORTUNO (Lc 11, 5-8)

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Apoio CAPES

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

Anderson Soares de Souza

ORAÇÃO LIVRE, INSISTENTE E CONFIANTE
DAS PESSOAS MAIS SIMPLES E POBRES A PARTIR DA PARÁBOLA DO
AMIGO IMPORTUNO (Lc 11, 5-8)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da práxis cristã

Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

S729o	Souza, Anderson Soares de Oração livre, insistente e confiante: das pessoas mais simples e pobres a partir da parábola do amigo importuno (Lc 11,5-8) / Anderson Soares de Souza. - Belo Horizonte, 2022. 102 p. Orientador: Prof. Dr. Washington Paranhos Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. 1. Oração. 2. Bíblia. N.T. Lucas. 3. Pobres. I. Paranhos, Washington da Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título. CDU 226.4
-------	---

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

AGRADECIMENTOS

SINCERA GRATIDÃO a *Deus* pela graça de cursar esse Mestrado com saúde e paz. À minha família pelo incentivo e orações. Às *pessoas* que rezaram por mim. Ao professor *Pe. Washington Paranhos*, pelo caridoso, paciente e dedicado acompanhamento e significativas orientações. À *Faculdade Jesuíta* por me acolher nesse tempo de estudo. Aos *colegas* de turma pela troca de experiências e partilhas pastorais. A *Arquidiocese de Belo Horizonte*, na pessoa do Sr. Arcebispo Dom Walmor Oliveira, que me permitiu esse tempo de estudos. Aos *paroquianos* da paróquia Sagrada Família pela paciência e compreensão que tiveram comigo durante o tempo dedicado aos estudos. Aos ex-paroquianos de outras paróquias que me ajudaram a fazer memória de histórias tão unidas de fé-confiança em suas vidas e de suas famílias.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

Portanto, eu vos digo: pedi e vos será dado; procurai e encontrareis; batei e a porta vos será aberta. Pois todo aquele que pede recebe; quem procura encontra; e a quem bate, a porta será aberta (Lc 11, 9-10)

RESUMO

A pesquisa visa desenvolver um olhar mais atento às diversas situações de sofrimentos da qual padecem as pessoas mais simples e pobres, que encontramos na vida pastoral; e sua maneira simples de rezar, dirigindo-se a Deus com persistência e confiança. A parábola do amigo importuno, extraída do evangelista Lucas (11, 5-8), será a referência para o desenvolvimento do trabalho. A metodologia usada será a pesquisa bibliográfica e desenvolvida seguindo três tópicos: primeiro, um histórico, ainda que breve, de oração insistente e confiante nas tribulações. Observar como a Sagrada Escritura e, posteriormente, os cristãos de séculos passados mergulhavam na oração insistente e numa fé-confiança em Deus. Segundo, perceber a eficácia da oração insistente ensinada por Jesus na parábola lucana; e como ela é experimentada nas dificuldades dessas pessoas mais simples e pobres. Terceiro, apresentar como consagrados e leigos, buscaram e buscam o consolo da oração nos momentos de provações. Conclui-se que a oração livre, insistente e confiante em Deus, antes de tudo, transforma o coração do ser humano.

PALAVRAS – CHAVE: Oração. Pessoas simples. Lucas. Parábola. Confiança.

ABSTRACT

The present work aims to develop a closer look at different types of suffering experienced by poor and simple people, who are usually part of the pastoral care. Especially when it concerns to their genuine way of praying and addressing God with confidence and persistence. The parable of the importunate friend, taken from St. Luke's Gospel (11: 5-8) is going to be the central axis of this study. The methodology used in this study is the bibliographic review which is going to be developed in three topics: Firstly, a brief background of confident and persistent pray in the midst of tribulations. Observing how the Holy Scripture characters and then other Christians prayed and expressed their confidence in God throughout centuries. Secondly, understanding the effectiveness of the way of praying taught by Jesus in Luke's parable and how poor people face it when referring to their difficulties. Thirdly, presenting how consecrated people and laity seek and sought solace in praying even amid the harshest trials. The conclusion is that the free, insistent and confident pray to God, above all, can transform human hearts.

KEYWORDS: Pray. Simple people. Luke. Parable. Confidence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	-	Antigo Testamento
CCL	-	Corpus Christianorum Latinorum
CIC	-	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	-	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
GS	-	<i>Gaudium et Spes</i>
NT	-	Novo Testamento
Org	-	Organizador
SD	-	<i>Salvifici Doloris</i>
séc	-	Século
SS	-	<i>Spe Salvi</i>
v.	-	Volume

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I - ORAÇÃO INSISTENTE E CONFIANTE NAS TRIBULAÇÕES	10
1 Conceção e importância da Oração	11
1.1 Oração de súplica na Sagrada Escritura.....	14
1.1.1 Comunitária.....	15
1.1.2 Individual.....	16
1.2 Oração de Jesus como paradigma.....	18
1.2.1 O Deus de Jesus Abbá (Pai)	19
1.2.2 A agonia no Monte das Oliveiras	21
1.3 As Bem aventuranças de Jesus	23
1.4 As tribulações	26
1.5 A pandemia da Covid-19	29
1.6 Espaços de cultivar a fé-confiança.....	30
1.6.1 Novenas.....	31
1.6.2 Terço mariano.....	31
1.6.3 Peregrinações	31
1.6.4 Adoração Eucarística	33
1.7 Contribuições	34
1.7.1 O Catecismo	34
1.7.2 Papas	36
1.8 À guisa de conclusão.....	38
CAPÍTULO II - A EFICÁCIA DA ORAÇÃO NA PARÁBOLA DO AMIGO IMPORTUNO.....	40
2 A parábola	40
2.1 Os elementos da parábola	41
2.1.1 A necessidade	42

a) <i>Amigo, empresta-me três pães</i>	42
b) <i>...porque um amigo meu chegou de viagem e não tenho nada a oferecer</i>	44
2.1.2 A reação do importunado (v.7)	47
2.1.3 A resposta (v.8).....	50
2.2 A catequese de Jesus	52
2.2.1 Pedir, procurar e bater à porta (9-10)	52
2.2.2 Pedir um peixe e um ovo (11-13)	53
2.3 Uma Igreja (comunidade) atenta às carências	55
2.4 Os três “pães” da Igreja	56
2.4.1 A enfermidade	57
2.4.2 A pobreza.....	61
2.4.3 A morte	64
2.5 À guisa de conclusão.....	67
CAPÍTULO III - SANTOS E LEIGOS DOS NOSSOS TEMPOS	68
3 Os testemunhos bíblicos	68
3.1 Ana, mãe de Samuel	68
3.1 Susana, filha de Helcias	71
3.2 Maria, modelo de oração e de fé	72
3.3 Oração na tradição.....	75
3.3.1 Santa Mônica	75
3.3.2 Santa Rita de Cássia	78
3.4 Oração nos dias de hoje: Relatos de experiências	82
3.4.1 Grave enfermidade de um pai	83
3.4.2 A dolorosa perda de um filho	85
3.4.3 Desemprego, miséria e fome.....	87
3.4.4 Uma experiência atual	88
3.5 A oração nos momentos de sofrimento.....	89
3.5.1 Sabedoria popular	89
3.5.2 A atenção orante dos presbíteros	90
3.5.2.1 Na visita aos enfermos.....	90
3.5.2.2 Na carência material.....	91
3.5.2.3 Na morte de ente querido	92

3.5.2.4 Nos estudos.....	93
3.5.2.5 Nos relacionamentos	94
3.7 À guisa de conclusão.....	94
CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

A questão proposta nesta pesquisa refere-se ao estudo amplo da oração: livre, insistente e confiante. É verdade que na oração encontramos vários aspectos: louvor, adoração, súplica, e até mesmo todos eles em uma única prece. No entanto, a delimitação será feita em relação ao aspecto da súplica. Isso não quer dizer que o ser humano clame a Deus somente nas suas necessidades. Uma oração de súplica é também, de certa forma, uma ação de graças e diante disso propomos a seguinte delimitação: das pessoas mais simples e pobres, a partir da parábola do amigo importuno (11, 5-8)¹ narrada no Evangelho de Lucas².

Apesar de a súplica estar, de certo modo, relacionada mais para uma busca da oração em momentos difíceis, presume-se que essas pessoas simples sempre buscaram a Deus também nos momentos de tranquilidade, e não apenas na provação. A perspectiva que desejamos suscitar é a de que quanto mais simples a pessoa, maior a confiança que ela deposita em Deus e, conseqüentemente, maior a perseverança que demonstra nos momentos de adversidades.

Na oração dirigida a Deus com liberdade, confiança e insistência revela-se o desejo da pessoa [simples] depositar Nele suas esperanças, principalmente, quando nada mais se espera.

O principal objetivo desta Dissertação é perceber na maneira de rezar das pessoas simples e mais pobres, que participam das comunidades e enfrentam momentos difíceis, “uma verdadeira luta” conduzida com liberdade, persistência e confiança filial em Deus, como ensinou Jesus na parábola do amigo importuno, no Evangelho de Lucas. E assim poder oferecer uma percepção mais apurada da oração de súplica; que não tem a pretensão de lembrar a Deus qualquer obrigação, mas de ensinar-nos a confiar na Sua Providência. O trabalho ganha consistência porque foi redigido em plena pandemia da Covid -19³, o que exigiu de todos, inclusive dos mais simples, colocar ainda mais em prática essa fé-confiança em Deus. E um aspecto decisivo para a pesquisa foi o benefício da Bolsa CAPES; pois sem a mesma, e vivendo em rigorosa pandemia, seria inviável desenvolvermos esse projeto de Mestrado.

O estudo pretendido pode favorecer a nossa compreensão de que o exercício da

¹ Optamos por usar a terminologia *amigo importuno* encontrada em GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas*. Do contexto às ressonâncias. São Paulo: Loyola, 2005. p.33, embora esse autor adote, posteriormente, a terminologia “amigo a contratempo” (p. 37). Encontramos em outras edições bíblicas subtítulos para a perícópe, tais como: *A oração insistente* (BÍBLIA Sagrada. 2.ed. Brasília: CNBB, 2019. p.1440), *amigo importuno* (BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1809) e ainda *parábola do amigo que acaba cedendo* (BÍBLIA Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. p. 1999).

² Utilizamos a tradução da CNBB (2019) para todos os textos bíblicos transcritos nesta dissertação.

³ A disseminação de coronavírus se deu em março de 2020.

paciência e entrega a Deus, nas mais severas tribulações e preocupações, responde, antes de tudo, à fé e não apenas às necessidades (imediatas); e que quando uma pessoa manifesta os sofrimentos e a necessidade de ajuda, já não se sente mais sozinha. Pois a misericórdia de Deus oferece aquilo que é bom para o ser humano. Porque não existe oração sem resposta para Deus. *Todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra; e para quem bate, a porta será aberta* (Mt 7, 8).

Para afastar possíveis juízos e/ou equívocos de interpretação por parte dos leitores sobre o efeito da oração insistente e confiante, por exemplo, como algo mágico e/ou invocação de privilégio, deve-se esclarecer que ela é, antes de tudo, verdadeiro gesto de gratidão a Deus pelos seus inúmeros benefícios. É uma afirmação da bondade de Deus. É uma necessidade permanente do ser humano. Portanto, a súplica confiante “não tem como meta lembrar a Deus a sua fidelidade, mas fazer crescer dentro de nós o hábito da necessidade dele, da dependência dele, lembrando que tudo está sob o sinal da graça”⁴.

O método seguido será a pesquisa bibliográfica com uma rica e vasta consulta a livros, periódicos, artigos, sites. E também relatos da nossa experiência pastoral como contribuição para a área de concentração escolhida, que é a da práxis cristã desenvolvida nesse trabalho. Pois a linha de pesquisa (1) da Espiritualidade cristã estuda manifestações concretas (no caso, da percepção de oração perseverante das pessoas humildes e carentes) e contextualizadas da prática da comunidade eclesial.

Como delimitação desse trabalho apresentamos alguns pontos: aqui não se esgota o tema da oração insistente e confiante; não são respondidas às indagações a respeito da eficácia da oração insistente; não se trata de responder se Deus atende ou não, segundo a vontade humana, a oração dirigida a Ele. Além disso, o tema pesquisado não está centrado na justificativa das boas obras (Lc 18,9), para ser atendido; não se trata necessariamente de confissão da miséria humana (Lc 18,13); muito menos quer medir o grau de santidade (Lc 18,11). Mas está centrado exclusivamente na súplica – e esta confiante, por exemplo, na entrega de um determinado sofrimento enfrentado. Visa perceber como as pessoas de condição humilde, mesmo atravessando um turbilhão de dificuldades, depositam de maneira confiante e insistente, sem revoltas, suas esperanças em Deus. São pessoas com esse estilo de vida e oração que ganham a atenção nestas páginas de Dissertação.

Optamos por usar o Discurso argumentativo, analisando a oração de súplica sob diferentes óticas, com o apoio de transcrições de experiências pessoais no que diz respeito à

⁴ MASSERONI, Enrico. *Ensina-nos a rezar: um caminho para a escola do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1999, p.75.

relação com pessoas simples, no trabalho pastoral, e como essas exercitam a oração de súplica em seu cotidiano, principalmente, em meio a dificuldades.

A história revela que existem correntes contrárias a essa prática de oração de súplica (por exemplo, vista como mágica: se cada vez que há uma tribulação ou necessidade pedíssemos a Deus e Ele interviesse trazendo uma solução; Ele seria uma marionete); uma vez que a entendem como desnecessária, supérflua, inútil, de segunda intenção ou sendo uma barganha. Embora essas objeções sejam numerosas e de colaboração incontestável para a reflexão teológica, não é objetivo desse trabalho aprofundar nessas questões. Não se trata de observar o funcionamento ou não desse tipo de oração. Mas perceber simplesmente a prática da oração suplicante numa parcela do povo de Deus: as pessoas de condições mais carentes. Obviamente, ao longo do trabalho serão apontados alguns argumentos, os quais a própria consciência poderia intuir. Não será abordado aqui o mérito das objeções quanto à oração de petição.

Elencam-se, sinteticamente, os assuntos dos três capítulos: **No primeiro**, apresenta-se uma breve concepção de oração ao longo dos séculos, de fé-confiança nas tribulações, trazendo os exemplos de alguns Padres da Igreja, de personagens bíblicos, de santas contemporâneas e do Magistério Católico. Além disso, serão apresentados alguns momentos de orações individuais e comunitárias na Sagrada Escritura, evidenciando-se o testemunho de Jesus, na sua confiança e intimidade com o Pai e como se dava sua oração nos momentos de provações. E, ainda, uma observação da oração de súplica nesse tempo de pandemia e nas diversas manifestações religiosas das pessoas simples e pobres. **No segundo capítulo**, será tratada a eficácia da oração insistente e confiante através da abordagem das características da parábola do amigo importuno, valendo-se tanto de sua contextualização à cultura da época, quanto ao cenário atual das comunidades de fé. E apontando as preocupações da Igreja para com as dificuldades cotidianas dessas pessoas. E no **terceiro capítulo**, apresentaremos três testemunhos de oração da Escritura, sendo Ana (mãe de Samuel), Susana e a mãe de Jesus; e da oração na tradição, buscando especialmente os exemplos de vida de santas mulheres, como Santa Mônica e Santa Rita de Cássia. Além desses, apresentamos relatos de experiências vividas na vida pastoral com leigos que enfrentaram rigorosos sofrimentos e que, em todos eles, exercitaram a fé-confiança em Deus. Por questão de ética, os nomes apresentados nos relatos são fictícios. E a atitude orante e caridosa dos pastores do povo de Deus que devem acompanhá-los e aconselhá-los a respeito de como lidar com essas situações de sofrimento.

Por fim, como os momentos de tribulações revelam uma grande sabedoria nessas pessoas simples e pobres.

CAPÍTULO 1 – ORAÇÃO INSISTENTE E CONFIANTE NAS TRIBULAÇÕES

A temática desenvolvida nessa pesquisa busca observar a maneira de rezar das pessoas mais simples e pobres, encontradas nas Comunidades de fé; e ver como elas, diante das tribulações, conseguem manter essa fé, a perseverança e a confiança em Deus. A passagem da parábola do amigo importuno em Lucas, que retrata a severa necessidade de uma pessoa, será o texto utilizado para entender a relação entre necessidade e oração.

O teólogo jesuíta Victor Codina no livro *O credo dos pobres*⁵ faz uma dura afirmação ao dizer que “sempre existiu uma grande diferença entre a fé oficial da Igreja, expressa em seus dogmas, credos e liturgias, e a fé do povo simples e pobre...” e que “o próprio Concílio Vaticano II, elaborado teologicamente, sobretudo, pelas elites teológicas da Europa Central, praticamente não fala da religiosidade popular, nem da fé do povo pobre e simples”.

O autor chama a atenção para um elemento que passa despercebido ou ignorado: o modo de rezar das pessoas mais simples e pobres. Essa desatenção para com a prática de oração dessas pessoas, infelizmente, ainda perpetua nas realidades pastorais contemporâneas.

Câmara (1986) afirma que

A oração mais profunda, mais pessoal, mais interior, mais mística, não é aquela que usa os artifícios de uma cultura sofisticada; ela não precisa de conceitos complicados nem de linguajar enfeitado. Ela não usa métodos refinados acessíveis somente depois de longo treinamento. Muito pelo contrário, ela é simples, e de uma simplicidade somente acessível aos simples⁶.

E completa que “a oração dos pobres não pode ser uma oração pobre”⁷. No entanto, a oração do erudito e economicamente privilegiado, não necessariamente será uma oração rica. Desse modo, o que realmente sustenta a oração e a dignifica, não se trata da condição daquele que reza, mas da fé-confiança depositada em Deus através da oração, em especial, de súplica.

É justamente sobre essa fé do povo mais simples e pobre, experimentada, sobretudo, nos momentos de dor que se tratará nas páginas a seguir. Perceber, como é manifestada, na oração de súplica dessas pessoas humildes uma louvável paciência e fé-confiança em Deus, sobretudo nos momentos de tribulações.

Optamos por usar a terminologia *súplica*, no lugar de *petição*, por traduzir melhor a atitude orante [das pessoas simples que clamam a Deus em meio às tribulações]. A tradução latina de *petitio* (petição) é pedido. Segundo o dicionário *Infopedia* português – grego há três expressões para a palavra *súplica*: a) *paraclese* (pedir); b) *ikesia* (implorar uma necessidade);

⁵ CODINA, Victor. *O credo dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 5.

⁶ CÂMARA, Dom Hélder. *Em tuas mãos, Senhor*: “A oração dos pobres”. São Paulo: Paulinas, 1986, p.5.

⁷ CÂMARA, 1986, p.6.

c) *epiclese* (invocar). Nessa pesquisa será utilizada a definição de *ikesia* (implorar).

1.1 Concepção e importância da oração

Com o intuito de observar esse estilo de rezar das pessoas mais humildes, nos momentos em que enfrentam severas provações, apresentamos, inicialmente, a concepção e importância da oração (cristã) da qual estamos tratando nesse estudo. Particularmente, daquela ensinada por Jesus na parábola do amigo importuno: com liberdade, insistência e confiança.

O exemplo, por excelência, de Jesus que rezou inúmeras vezes de maneira livre, íntima e confiante, seja dando graças ao Pai, seja O suplicando nas dores, será abordado com mais propriedade no item 1.3 desse capítulo.

A Revista *Perspectiva Teológica* de 2014, no seu Editorial, apresenta um artigo sobre a oração. E ele traz uma expressiva conceituação da oração de súplica

A oração de petição de um fiel consciente não ignora a vontade de Deus, mas, pelo contrário, inclui o “seja feita a tua vontade” na própria petição. Acrescente-se a isso que a oração é, antes de tudo, graças de Deus. De Deus vem a iniciativa de autocomunicar-se ao homem na sua existência e na sua história estabelecendo, assim, um diálogo pessoal-existencial em cujo centro está a vida⁸.

Ainda, de acordo com o Editorial do artigo da Revista, “a relação filial é uma relação de amor. Ela não se desfaz pelo fato de o pai atender ou não a um pedido de um de seus filhos”⁹.

No curso dos séculos, muitos formularam significativas definições sobre a oração. Sem dúvida, essas conceituações não foram simplesmente teóricas; mas partiram quase sempre da própria vivência de fé, da maneira como buscaram a satisfação do espírito na oração.

No séc. III, **Tertuliano (155-225)** lembra-nos que “nos tempos passados, a oração livrava do fogo, das feras e da fome; e, no entanto, ainda não havia recebido de Cristo toda a sua eficácia.”¹⁰ De fato, com Cristo a oração ganha novo entendimento. A certeza de que Deus é *Abbá* (Pai) e que escuta e acolhe a prece do fiel. Essa será a eficácia da oração cristã que

Talvez não faça descer sobre as chamas o orvalho do Anjo, não feche a boca dos leões, não leve a refeição aos camponeses famintos, não impeça milagrosamente o sofrimento; mas vem

⁸ EDITORIAL. *Oração mística e teologia*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 46, n.130, p.359-364, set./dez. 2014, p. 359.

⁹ EDITORIAL. 2014, p. 359.

¹⁰ TERTULIANO. Tratado sobre a oração. Cap. 28-29: CCL 1, 273-274.

em auxílio dos que suportam a dor com paciência, aumenta a graça aos que sofrem com fortaleza, para que vejam com os olhos da fé a recompensa do Senhor, reservada aos que sofrem pelo nome de Deus¹¹.

Já no séc. IV, tem-se dois grandes santos da Igreja: **São João Crisóstomo** (347-407) e **Santo Agostinho** (354-430), que também trataram a respeito da importância da oração. Em uma de suas homilias, João Crisóstomo, fala da oração como um recurso que Davi utilizava nos combates

Mas a oração não se limita a apagar os pecados, ela conjura os perigos e os males presentes. Davi, rei e profeta igualmente admirável, obteve pela oração numerosas e difíceis vitórias; entregando aos seus soldados esta única arma, a oração, e lhes permitindo vencer na segurança e na calma. Os outros reis confiavam suas esperanças de vitória à habilidade e à experiência dos generais e dos arqueiros, da sua infantaria e dos seus cavaleiros; mas o grande rei Davi dava como escudo ao seu exército, as santas orações: ele não voltava seu olhar sobre o orgulho de seus generais e dos chefes de sua infantaria e de sua cavalaria, ele não acumulava riquezas e nem se preocupava com as armas; era do Céu que ele esperava todas as armas divinas. Pois a oração é, em verdade, um arsenal divino e celeste, e não há necessidade de outros meios para proteger eficazmente os que se abandonam à conduta de Deus. Constantemente, a habilidade e a coragem da infantaria, a experiência e a artimanha dos arqueiros são desconcertadas pela vigilância do inimigo, pela força dos adversários, por vários outros meios. Quanto à oração, é uma arma irresistível, um escudo impenetrável, que repele um soldado e milhares de legiões com a mesma facilidade. Este Davi triunfou sobre Golias, e se precipitou sobre ele como um demônio terrível, não pela espada ou por meio de armas, mas pela oração¹².

Assim percebe-se a fé-confiança de Davi nas inúmeras batalhas que travou contra seus inimigos. Por duas vezes, Deus o livrou da morte pelas mãos de Saul. Na biografia de João Crisóstomo, depois dele ficar muito debilitado e doente, experimentado no sofrimento, ainda assim procurou mais consolar que ser consolado. Dizem que suas últimas palavras foram: “glória a Deus por tudo”.

O Bispo de Hipona, Santo Agostinho, dizia que “o homem é um mendigo de Deus” (CIC, n. 2559). Em outra ocasião, Agostinho afirma que “A tua oração é como uma conversa com Deus: quando lêes, Deus fala-te; quando oras, és tu que lhe falas” (CCL 39, 1177). É a convicção de que Deus ouve a prece a Ele dirigida.

Na Idade Média, no séc. XIII, temos **Santo Tomás de Aquino** (1225-1274). Nas palavras de Ligório (1992) “a oração é necessária, diz Santo Tomás, não para que Deus conheça as nossas necessidades, mas para que nós fiquemos conhecendo a necessidade que temos de recorrer a Deus, para receber oportunamente os socorros da salvação”¹³.

¹¹ TERTULIANO. Tratado sobre a oração. Cap. 28-29: CCL 1, 273-274.

¹² Disponível em: <http://www.montfort.org.br/sobre-a-oracao-sermao-de-São-João-Crisóstomo>. Acesso em: 16 mai. 2021.

¹³ LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *A Oração: O grande meio para alcançarmos de Deus a salvação e todas as graças que desejamos*. 4ª ed. Aparecida: Santuário, 1992, p. 21.

No sermão sobre o Pai nosso e a Ave Maria, o Doutor Angélico ao falar da vontade do Senhor diz que

Quando dizemos a Deus: Seja feita a vossa vontade, é como se fôssemos doentes que aceitam o remédio amargo, prescrito pelo médico. O doente não quer tal remédio, mas aceita a vontade do médico, do contrário, seguindo só sua vontade, seria um insensato. Da mesma maneira, não devemos pedir a Deus nada além do Seu querer, isto é, a realização de Sua vontade em nós¹⁴.

Do séc. XVI, destaca-se **Santo Inácio de Loyola** (1491-1556). Esse grande místico da fé cristã, concluía sua oração com as palavras: “dai-me somente o vosso amor e vossa graça; isto me basta, nada mais quero pedir”¹⁵.

No mesmo século encontra-se **Teresa D’Ávila** (1515-1582). Ela buscava a oração como fonte de saciar a sede. Dos seus escritos sobressaem dois, nos quais é abordado especialmente o tema da oração: *Caminho de perfeição e Livro da vida*. Nessa segunda obra, Teresa relata que, após contrair grave enfermidade e, estando no convento, “parecia impossível alguém suportar tantos males juntos”¹⁶. Porém, diz que encontrou forças e consolo na leitura assídua da história do sofrimento de Jó

Muito me aproveitou ter lido a história de Jó nas *Moralia* de São Gregório. Penso, que o Senhor me tinha preparado e disposto por meio desta leitura, e da oração, que eu já começara a ter, a fim de suportar meus males com tanta conformidade. Meu pensamento estava fixo no Senhor. Lembra-me constantemente das palavras de Jó e costumava repeti-las: “Se das mãos do Senhor recebemos os bens, porque não recebemos também os males?” (Jó 2, 10). Isto dava-me novas forças¹⁷.

E falando ainda da sua experiência de confiança e liberdade na oração em meio à enfermidade, diz que “A meu ver, a oração não é outra coisa senão tratar intimamente com aquele que sabemos que nos ama, e estar muitas vezes conversando a sós com ele”¹⁸.

No séc. XVIII viu-se florescer **Santo Afonso Maria de Ligório** (1696-1787) conhecido como “Doutor da oração”. Em 1757, ele publicou um “breve tratado sobre a necessidade da oração, sua eficiência e as condições com que deve ser feita”¹⁹. Santo Afonso entendia a oração como meio necessário para a salvação. É conhecida sua famosa frase: *Quem reza se salva; quem não reza se condena*. Para ele, “a oração é a mais poderosa arma para nos defendermos dos nossos inimigos. Quem não se serve dela está perdido.”²⁰ Afonso foi um grande amante da Palavra de Deus.

¹⁴ O PAI NOSSO E A AVE MARIA - SUMA TEOLÓGICA. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07>. Acesso em: 17 jun. 2021.

¹⁵ EDITORIAL. 2014, p. 359.

¹⁶ TERESA DE JESUS, Santa. *Livro da vida*. Paulus: São Paulo, 1983, p. 35.

¹⁷ TERESA DE JESUS, 1983, p. 35-36.

¹⁸ TERESA DE JESUS, 1983, p. 59.

¹⁹ LIGÓRIO, 1992, p. 5.

²⁰ LIGÓRIO, 1992, p.22.

Por fim, na Contemporaneidade, do séc. XIX, aponta-se **Teresa de Lisiéux** (1873-1897). Na sua obra *História de uma alma*, ela relata que aos 18 anos na intensidade de sua enfermidade, especialmente, a leitura da Sagrada Escritura e a obra *Imitação de Cristo*²¹ a confortava e dava ânimo

Nesses momentos, a Sagrada Escritura e a Imitação vêm socorrer-me; nelas encontro um alimento sólido e totalmente puro. Mas é sobretudo o Evangelho que me sustenta nas minhas orações; nele encontro tudo o que é necessário para minha pobre pequena alma. Sempre descubro novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos...²².

No séc. XX, **Santa Madre Teresa de Calcutá** (1910-1997). Ela possuía o dom de transmitir determinadas expressões em poesia; dentre elas, as que mais nos interessam para esse trabalho

Qual é...
O maior obstáculo: o medo.
O maior erro: desistir.
A pior derrota: o desencorajamento.
O maior mistério: a morte.
O sentimento mais desastroso: o rancor.
O melhor remédio: o otimismo.
A força mais poderosa do mundo: a fé²³.

Nesse breve, porém, necessário, percurso de fé que fizemos da hagiografia católica pôde-se perceber uma evolução na maneira de compreender o valor da oração perseverante. Assim, ao longo dos tempos e com o testemunho de muitos, se fez possível observar melhor aspectos como liberdade, persistência e confiança na relação com Deus, nos momentos de angústias e aflições; a confiar que Deus, como outrora, fizera maravilhas em meio aos sofrimentos de tantos que o invocavam, também continua a derramar sua graça nos dias atuais.

Em seguida será tratado como personagens bíblicos fizeram essa experiência da oração de súplica, sobretudo, nos momentos de intensos sofrimentos.

1.2 Oração de súplica na Sagrada Escritura

Na Escritura encontramos relatos de homens e mulheres que enfrentando tribulações buscaram, em Deus, conforto nas situações de sofrimento, seja físico ou existencial; e depositaram Nele total confiança. Uma enfermidade (Nm 12, 1-15; Jó 2, 7-8; Jo 5, 5), morte (2º Sam 12, 15-18; Jó 1, 18-19; Jo 11, 17-19), miséria (Gn 41, 27; 2º Sam 21, 1; Lc 16, 20-21) ou qualquer outra tribulação levaram a experimentar, mais do que nunca, o amor e a

²¹ A obra é atribuída ao padre alemão Tomás de Kempis (1380-1471).

²² SANTA TERESINHA, *História de uma alma*. Manuscritos autobiográficos. São Paulo: Loyola, 1996, p. 158.

²³ SICCARDI, Cristina. *MADRE TERESA. Tudo começou na minha terra*. São Paulo, Paulus, 2013, p. 9.

misericórdia de Deus, que nunca abandona seus filhos. A fé-confiança nas promessas de Deus foi isto que o povo buscou a todo instante, especialmente, os mais pobres da Bíblia.

Apresentam-se a seguir algumas perícopes de súplica encontradas na Sagrada Escritura, tanto individual quanto comunitária. Por fidelidade à pesquisa desenvolvida delimitar-se-á esse assunto da oração apenas ao aspecto da súplica.

1.2.1 Comunitária

Na Sagrada Escritura são numerosos os relatos nos quais a Comunidade se reunia para rezar, no intuito de louvar (Ex 15; Jz 5; At 2, 46-47), adorar (Ex 33, 7-11; Lc 2, 36-38); e também suplicar. Assim, mais particularmente, será observada essa atitude suplicante nos momentos de tribulações, a saber:

a) **Na vitória dos israelitas sobre os amalecitas:** *“Josué fez o que Moisés lhe tinha mandado e atacou os amalecitas, enquanto Moisés, Aarão e Hur subiram ao topo da colina. Enquanto mantinha a mão levantada, Israel vencida, mas quando abaixava a mão, vencida Amalec. Como as mãos de Moisés se tornassem pesadas, alguns pegaram uma pedra e a colocaram debaixo dele para que se sentasse. Aarão e Hur, um de cada lado, sustentavam-lhe as mãos. Assim as mãos ficaram firmes até o pôr do sol, e Josué derrotou Amalec e sua gente a fio de espada”*. (Ex 17, 10-13)

b) **Quando Mardoqueu e os anciãos do povo ameaçados de extermínio pelo Rei Assuero (Amã):** *“Mardoqueu pôs-se em ação e fez tudo o que Ester lhe havia mandado. Reunido com os anciãos do povo, rasgou suas vestes, endossou o pano de saco e prostrou-se com a face por terra, de manhã até a noite. Ele orou: ‘Ó Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, tu és bendito. Ouve a minha súplica e sê propício à tua herança: transforma o nosso pranto em alegria, para que, vivendo, louvemos o teu nome, Senhor. Sim, não feches a boca dos que cantam o teu louvor! E todo o Israel com todas as forças clamou ao Senhor”* (Est 4, 17 a; b; l).

c) **No episódio da prisão de Pedro:** *“Depois de prender Pedro, Herodes lançou-o na prisão, guardado por quatro turnos de quatro soldados. Herodes tinha a intenção de apresentá-lo ao povo depois da festa da Páscoa. Enquanto Pedro era mantido na prisão, a Igreja orava continuamente a Deus por ele”* (At 12, 4-5).

Esses episódios bíblicos revelam que o povo, nos momentos de provações, depositava sua esperança e confiança nas promessas de Deus. Sabia que, apenas por seus méritos, não seria capaz de vencer tantas “tempestades”. Mesmo quando parecia que Deus estava distante

ou havia abandonado, a lembrança de Suas promessas animava e alimentava a vida de fé e esperança do povo; em especial do povo mais simples e pobre.

O padre Gustavo Gutiérrez, no livro *Beber no próprio poço*, ao falar do sofrimento dos pobres na América Latina, aborda ao longo da sua obra que a experiência espiritual é o poço do qual tiveram que beber. Para ele

Não existe lugar na América Latina onde se reze com maior fervor e alegria, em meio ao sofrimento e à luta diária, do que nas comunidades cristãs inseridas no povo pobre. Trata-se de um ato de reconhecimento e de esperança no Senhor, que nos torna livres²⁴.

Na vida paroquial encontram-se nos diversos momentos litúrgicos, expressões da fé do povo simples. São preces, orações livres, gestos corporais, manifestações que se dão: nas celebrações eucarísticas, na recitação do terço mariano, na caminhada da Via Sacra, na contemplação da adoração ao Santíssimo Sacramento; e tantos outros espaços de oração que se tornam oportunidade de entrega das lutas e dores e um incessante clamor de fé e confiança em Deus. Estas experiências orantes são reflexos de uma interioridade que encontra eco nas ações rituais.

1.2.2 Individual

Há diversos exemplos de como muitos buscavam a oração fervorosa [e suplicante] na Sagrada Escritura:

a) **Na angústia da cegueira de Tobit (pai de Tobias):** *“Entristecido no meu íntimo, pus-me a suspirar e chorar, e comecei a orar entre gemidos: ‘Tu é justo, Senhor, e justas são todas as tuas obras. Todos os teus caminhos são misericórdia e verdade, e tu julgas o mundo. Agora, Senhor, lembra-te de mim e olha para mim”* (Tb 3, 1-3a);

b) **No desespero de Sara, filha de Raguel:** *“Naquele momento, ela ergueu as mãos para o lado da janela e pronunciou esta oração: ‘Tu és bendito, Senhor Deus misericordioso, e é bendito o teu Nome, santo e digno de honra pelos séculos. Bendigam-te todas as tuas obras para sempre. Agora, Senhor, é para ti que levanto meu rosto e meus olhos”* (Tb 3, 11-12);

c) **Na amargura de Ana, mãe de Samuel, estando no Templo:** *“Ana, cheia de amargura, em profusão de lágrimas, orou então ao Senhor, fazendo o seguinte voto: ‘Senhor*

²⁴ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço*: itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 34.

dos exércitos, se olhares para a aflição de tua serva e de mim te lembrares; se não te esqueceres da tua escrava e lhe deres um filho homem, eu o oferecerei a ti por toda a sua vida, e a navalha não passará sobre a sua cabeça” (1º Sam 1, 10-11).

Nessas perícopes apresentadas nota-se a proximidade das experiências relatadas com as lutas do povo simples e pobres presentes nas comunidades paroquiais.

Na experiência pastoral de longos anos, percebemos que muitos paroquianos enfrentam severas angústias; e para dizer que, dentre elas, a enfermidade é uma das angústias que mais traz sofrimento e dor às pessoas simples e pobres. Aqui recordamos do caso de uma paroquiana que lutava contra leucemia, sua rotina era hospital e casa. Quando tínhamos oportunidade e ela estava um pouco melhor, a visitávamos em casa. Percebíamos que estava sempre cheia de esperança; normalmente a encontrávamos rezando (com terço na mão ou assistindo algum momento de oração na televisão). Sua luta chegou ao fim quando, ainda, estávamos como pároco naquela paróquia. Mas perceber a fé dessa mulher que confiou em Deus, na luta contra a enfermidade, foi sem dúvida, para nós, uma experiência de que Ele não abandona seus filhos.

Nessas perícopes apresentadas notou-se a proximidade das experiências relatadas com as lutas do povo simples e pobres presentes nas comunidades paroquiais. Também na Coleção de **Salmos** observam-se tais súplicas de caráter individual:

“Quando o invoquei, atendeu-me o Deus da minha justiça. Na tribulação, me aliviaste; compadece-te de mim, escuta a minha oração” (4, 2);

“Estou cansado dos meus gemidos. Cada noite eu lavava com o pranto a minha cama, com minhas lágrimas regava o meu leito. Meus olhos se consumiam de tristeza e eu envelheci, entre tantos inimigos” (6, 7-8);

“Até quando, Senhor, me esquecerás para sempre? Até quando me ocultarás o teu rosto? Até quando na minha alma experimentarei aflições, tristeza no coração a toda hora? (13, 1-3).

A oração de súplica, seja ela individual ou comunitária comporta sempre atitudes fundamentais para com Deus: intimidade, perseverança e confiança. A parábola do amigo importuno, que será analisada com mais propriedade no segundo capítulo, abordará especificamente estas três características da oração: livre, insistente e confiante. A seguir, apresentamos Jesus como o modelo de oração, por excelência.

1.3 Oração de Jesus como paradigma

Quando Jesus ensinou aos discípulos a oração do Pai nosso, encontrada no Evangelho de Lucas (11, 1-4), em seguida, Ele também acrescentou com a parábola (v. 5-8) o modo que se deve entrar na oração, com liberdade e persistência, a exemplo do amigo importuno; e por fim, com confiança (v. 9-12), na garantia de sua eficácia (v. 13-14). Portanto, espelhar-se na maneira de rezar de Jesus conduzirá a uma experiência mais íntima com Deus.

É dessa maneira que os discípulos, na convivência diária com Ele, observavam no seu estilo de oração uma total confiança em Deus e não nos projetos humanos. Era uma verdadeira liberdade [filial] que chegava à mais íntima proclamação de Deus: *Abbá* (Pai).

O pedido por parte dos discípulos (*ensina-nos a rezar*) revela o desejo de aprender com o Mestre a correta atitude de dirigir-se a Deus. Jesus não dá simplesmente instruções, mas ensina, na prática, como rezar.

Por isso, os evangelistas relatam que muitas vezes Jesus rezou. Mas é especialmente no Evangelho de Lucas que encontram-se a maior parte dos momentos em que Cristo rezou: no batismo (3, 21), tarde da noite (6, 12), antes de escolher seus discípulos (6, 12), sozinho na presença de seus discípulos (9, 18), na transfiguração (9, 28-29), no Getsêmani (22, 41), por Pedro (22, 32), na crucificação (23, 34), após a ressurreição (24, 30) e na sua ascensão (24, 50).

No relato dos demais evangelistas tem-se alguns outros momentos de oração de Jesus: pela manhã (Mc 1, 35), na oração sacerdotal (Jo 17), no Getsêmani (Mt 26, 39; Mc 14, 35), na cruz (Mt 27, 46; Mc 15, 34), pelas crianças (Mt 19, 13-15). Ele também ensinou o povo a rezar (Mt 6, 5-15; Lc 11, 1-13) e instruiu sobre a oração propriamente dita (Mt 21, 22; Mc 11, 24-25; Lc 18, 1-14; Jo 16, 23-25).

Sem dúvida, a oração foi um dos ensinamentos mais importantes de Jesus, ao lado do anúncio da *Basileia tou Theou* (Reino de Deus). Ele aponta para os discípulos o conteúdo essencial na oração. A maneira de rezar de Jesus é a principal referência para todos aqueles que querem atravessar, com fé e paciência, as tempestades da vida. Por isso, serão apresentados a seguir dois episódios dos vários momentos nos quais Jesus rezava: sua intimidade com seu Pai (*Abbá*); e a experiência da angústia no Getsêmani.

1.3.1 O Deus de Jesus: Abbá (Pai)

A familiaridade de Jesus com Deus ao chamá-Lo de pai é o mais belo estímulo para a oração do cristão. Encontramos nos Evangelhos inúmeras passagens que demonstram essa intimidade: Mt 6, 6-13 (Como orar e o Pai nosso); Mt 6, 32 (O pai que conhece as necessidades dos filhos); Mc 6, 41 (O olhar para o Pai); Mc 14, 36 (Suprema angústia, Jesus suplica ao Pai); Lc 11, 1-4 (Pai nosso); Lc 15, 11-32 (Pai misericordioso); Jo 6, 40 (A vontade do Pai); Jo 17, 1ss (Oração ao Pai, oração sacerdotal).

A Sagrada Escritura apresenta, no Antigo Testamento, as várias imagens de Deus. Ora desagradável: Deus severo e castigador (Gn 6, 6-7; Ex 7, 19; Js 6, 2; 20-21; 2º Sam 12, 7-12); ora agradável: Ele é Justo (Gn 18, 22-33), Pastor (Ez 34, 11-16), Amigo (Ex 33, 11), Esposo (Os 2, 16-22), de coração maternal (Is 49, 15). Mas é no Novo Testamento que Jesus, definitivamente, apresenta uma imagem paternal de Deus. Ele mostra que Deus age, especialmente, no perdão, e nas parábolas narradas, como um verdadeiro Pai: O Pai que é Justo (Mt 18, 21-35), que valoriza as boas obras dos filhos (Mc 14, 3-9), que festeja a conversão do filho amado (Lc 15, 1-32), e que perdoa as faltas (Jo 8, 1-11).

A presença de Deus em todos os momentos da vida de Jesus, e, de modo especial, nas manifestações de sua Paixão e morte revela essa consciência, de que Ele é Pai. Por isso, Jesus muitas vezes, dirige-se a Deus como Abbá (Pai). Segundo Grun (2019)

A palavra aramaica **abba** designa o pai carinhoso e amoroso. É uma forma íntima de se dirigir a Deus. “Pai” não significa que Deus seja um Deus masculino; é, ao mesmo tempo, pai e mãe. Ele é um “tu” que deseja o nosso bem, que nos oferece segurança e apoio. E a primeira petição é de que devemos olhar para Deus, e não girar em torno de nós mesmos²⁵.

Pagola (2011) apresenta uma nota sobre o uso da palavra pai, à época de Jesus

As primeiras palavras que as crianças da Galileia balbuciavam eram: *immá* (“mamãe”) e *abbá* (“papai”). Assim também Jesus chamou Maria e José. Por isso, *abbá* evoca o carinho, a intimidade e a confiança da criança pequena para com seu pai. Mas não precisamos exagerar. Parece que também os adultos empregavam esta palavra, expressando seu respeito e obediência ao pai da família patriarcal. Chamar a Deus de *Abbá* indica carinho, intimidade e proximidade, mas também respeito e submissão. Jesus havia conhecido em sua própria casa a importância do pai. José era o centro de toda a família. Tudo gira em torno dele. O pai cuida dos seus e os protege. Se ele falta, a família corre o risco de desintegrar-se e desaparecer. É ele quem sustenta e assegura o futuro de todos²⁶.

²⁵ GRUN, Anselm. *Pequena escola de oração: sobre a vida e as práticas espirituais*. Petrópolis: Vozes, 2019, p.13.

²⁶ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 383.

Ao dirigir-se a Deus como Pai, Jesus demonstra liberdade e confiança. Também as pessoas mais simples, ao proclamarem a Deus como pai, reconhecem Aquele que cuida e protege; e se Ele falta, a vida fica vulnerável. Para Bovon (2002), frente a esse Pai não tem uma humanidade massiva, e sim um povo composto de filhos, todos eles diferentes e cada um de um valor inestimável. Pessoas frágeis... Seres de carne e osso, sedentos de Deus.²⁷

Ele, ungido pelo Espírito, se dirigia constantemente ao Pai: *Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra...* (Mt 11, 25); *Pai, santificado seja o teu nome...* (Lc 11, 2); *Elevando os olhos ao céu disse: Pai, chegou a hora. Glorifica teu filho, para que teu filho te glorifique...* (Jo 17, 1). É na força do Espírito que Jesus rezava.

De acordo com o Apóstolo Paulo, o Espírito Santo ajuda a rezar e leva aquele que reza a clamar. Conforme pode-se ler nas cartas paulinas, em **Romanos**: “*De fato, vós não recebestes espírito de escravo, para recairdes no medo, mas recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos, e no qual clamamos: ‘Abbá, Pai!’*” (8, 15); e ainda: “*Da mesma forma, o Espírito vem em socorro de nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir nem como pedir; é o próprio Espírito que intercede em nosso favor, com gemidos inefáveis*” (8, 26); em **Efésios**: “*Com toda sorte de preces e súplicas, orai constantemente no Espírito*” (6, 18); em **Galátas**: “*E a prova de que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: ‘Abá, Pai’*” (4, 6).

Nas palavras de Fausti (2021)

chamar Deus “Abbá” é proclamar e conhecer o amor por mim, de Jesus, meu Senhor. É estar em comunhão com Ele, que se tornou pecado por mim. É reconhecer o dom que me foi dado nele, o Filho (10, 22) no qual existo e sou o que sou. Fora dele não sou aquilo que sou, mas aquilo que não sou. A realidade dessa nossa filiação é o Espírito de Deus, derramado em nossos corações, que geme em nós com gemidos inefáveis (Rm 5, 5; 8, 26)²⁸

No Evangelho de Lucas (11, 13), concluindo a parábola do amigo importuno, Jesus diz que: *Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu saberá dar o Espírito Santo aos que lhe pedirem.* Aqui Ele diz que não se obterá exatamente o que tiver pedido, mas que podem ser esperadas “coisas boas” e, em primeiro lugar, o dom do Espírito Santo. Pois o Espírito Santo ajuda no discernimento da vontade de Deus, pela oração, especialmente em momentos difíceis.

²⁷ BOVON, François. *El Evangelio según San Lucas II* (Lc 9, 51-14, 35). Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002, p. 181. Tradução livre.

²⁸ FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*. Brasília: CNBB, 2021, p. 494.

1.3.2 A agonia no Monte das Oliveiras

Continuando a apreciação a respeito da oração de Jesus, tem-se, como segundo ponto, a passagem da experiência vivida por Ele, no Getsêmani, na certeza da confiança em Deus. Não é o objetivo dessa seção a realização de uma aprofundada exegese desse trecho e do contexto envolvido, mas tem o sentido de salientar a maneira fiel e confiante pela qual Jesus dirige-se ao Pai na oração, nos momentos de tribulações. Pois, como se recorda na Carta aos Hebreus “*Ele [Jesus], nos dias de sua vida na carne, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte. E foi atendido, por causa de sua piedosa submissão*” (5,7).

O texto de Lucas (22, 39-56) afirma que Jesus, ao sair da ceia, dirigiu-se para o Monte das Oliveiras; e que, chegando lá, recomendou aos discípulos: *Orai para não cairdes em tentação (v. 40)*. Jesus antecipa aos discípulos o momento de oração que ia realizar, como resistência para vencer a tentação de ceder ao mal; Ele ia recolher-se em profundo clamor ao Pai.

E, em seguida, afastou-se e de joelhos começou a rezar. Uma oração livre e confiante em Deus. Uma oração de intimidade na confiança de que aquele momento não seria em vão; que o Pai o escutaria e o consolaria: *Pai, se queres, afasta de mim este cálice, contudo, não seja feita a minha vontade, mas a tua (v.42)*.

Na concepção de Fabris (2006) “Lucas projeta sobre a figura de Jesus em oração os traços característicos do mártir e dos homens fiéis e corajosos na luta. E como os antigos mártires e perseguidos, também Jesus é confortado por Deus”²⁹.

Na sequência o texto diz que *lhe apareceu do céu um anjo que o fortalecia (v. 43)*. De Deus vem-lhe a força para suportar as angústias. Mas a oração, segundo Grun (2019), “nem sempre é uma experiência de paz; ela também pode ser uma luta dolorosa em relação à vontade do Pai, mas Ele envia um anjo para dar novas forças.”³⁰ Por isso, a aparição do anjo sugere a manifestação do próprio Deus que não abandona seus filhos no sofrimento. A busca da oração incessante e a presença do Senhor não eliminam as angústias do momento. Mas se tornam oportunidades para manter-se fiel a Deus. Como afirma Casalegno (2003), Jesus

[...] não reza para evitar a provação, mas para enfrentá-la com coragem, segundo o desígnio de Deus. Por isso, o objeto primeiro de seu pedido é a realização da vontade do Pai, deixando à plena discrição dele a possibilidade de que o cálice que deve beber seja afastado. Nessa circunstância, Jesus não procura, como nos outros sinóticos, o conforto por parte dos discípulos, nem se mostra angustiado e triste pela

²⁹ FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 224.

³⁰ GRUN, 2019, p. 25.

previsão de sua morte. Ele é o mártir que se oferece com liberdade, rezando “com maior insistência ainda”, até seu suor se tornar semelhante a espessas gotas de sangue (22,44). É por meio do contato sempre mais intenso com Deus que Jesus sai vitorioso da luta, mostrando sua certeza inabalável de que só Deus é a rocha que sustenta nas dificuldades da vida³¹.

E entrando em agonia Jesus orava, com mais insistência. Quanto mais intimamente Jesus adentra o turbilhão da paixão, mais intensamente reza “tomado de angústia, Jesus rezava com mais insistência. Seu suor se tornou como gotas de sangue, que caíam no chão (Lc 22,44)”³².

O pai não livra o Filho do medo da morte, mas é justamente em seu medo que Ele [Jesus] reza com uma intensidade ainda maior (Lc 22, 44). Fabris (2006) aponta que “Jesus sai da oração como um combatente ou atleta com os sinais do esforço e da luta. E ainda completa que ‘seu combate vitorioso por meio da oração é uma luta até o sangue [...]’³³.

Por fim, o texto diz que Jesus *levantando-se da oração foi para junto dos discípulos* (v.45). A oração afugenta a agonia e fortalece o espírito a ponto de colocar, mais uma vez, a pessoa de pé, com coragem renovada, para encarar a realidade que talvez não mude, como no caso de Jesus, mas transforma.

A experiência de oração de inúmeras pessoas simples, e quase sempre pobres, objeto dessa pesquisa, é semelhante à vivida por Jesus no Monte das Oliveiras. O recebimento de uma notícia ruim, o medo de uma intensa e prolongada dor, a sensação de solidão e abandono, são provações que lembram a agonia de Jesus no Monte. Recordam como Jesus enfrentou esse difícil momento apoiando-se na oração. “Então, para estas pessoas simples, a oração é o caminho de resistir à tentação, como fez Jesus, e de agarrar a Deus até mesmo diante de grande ameaça.”³⁴ Para Casalegno (2003) a oração que Jesus reza

[...] não é, então, a oração tranquila do hebreu devoto que vai à sinagoga todos os sábados, levando consigo o livro das orações. Realiza-se nos desafios da existência e nas provações que ninguém pode prever; brota da vida, é espontânea, e, conforme as circunstâncias, se torna apelo, invocação, diálogo, grito. Por isso, esta maneira de rezar marcou a comunidade dos discípulos que tiveram a experiência direta dos encontros de Jesus com Deus³⁵.

Tem-se, dessa maneira, um significativo exemplo de oração feita por Jesus o qual revela que Ele acolheu e realizou a vontade do Pai, fortalecido pela oração. Como Deus

³¹ CASALEGNO, Alberto. *Lucas – a caminho com Jesus missionário*: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003, p. 322.

³² MASSERONI, 1999, p. 83.

³³ FABRIS, 2006, p. 224.

³⁴ GRUN, 2019, p. 25.

³⁵ CASALEGNO, 2003, p. 323.

responde às angústias não se sabe ao certo. Mas, a oração é um caminho que ajuda a entender que não se luta sozinho.

1.4 As Bem aventuranças de Jesus (Mt 5, 1-12)

Ele levando consigo seus discípulos e depois de fazer sentar a multidão de pessoas apresenta-lhes as promessas, das bem aventuranças. O v. 1 mostra quem são os destinatários da boa notícia: *as multidões vindas da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e do Além-Jordão* (4, 24). E no v. 2 diz *que ao ver as multidões, Jesus subiu à montanha*. A montanha, como no Antigo Testamento, é lugar do encontro com Deus, mais precisamente da manifestação e da revelação de Deus. Pois recorda, de modo especial, a Aliança no Monte Sinai (Ex 19, 1-24, 11). Esse encontro agora se dá com Jesus, considerado pelos exegetas como o novo Moisés. Deus se revela e se manifesta em Seu Filho, o bem aventurado, por excelência.

Na série de seus livros sobre *Jesus de Nazaré*, do volume: *do batismo no Jordão à transfiguração*, Bento XVI (2016), afirma que

Na perspectiva da comunidade dos discípulos de Jesus, as bem-aventuranças são um paradoxo – os critérios mundanos são subvertidos, desde que as coisas sejam vistas na perspectiva correta, nomeadamente a partir do valor de Deus, que é diferente dos valores do mundo. Justamente os que são considerados pelo mundo pobres e perdidos são de verdade os felizes, os que são abençoados e podem, em todos os seus sofrimentos alegrar-se e rejubilar-se. São promessas escatológicas, mas não devem ser entendidas como se a felicidade anunciada fosse adiada para um futuro distante e sem fim ou exclusivamente para o além. Quando o homem começa a ver e a viver a partir de Deus, quando ele se encontra na comunidade caminhando com Jesus, então ele vive com base em novos critérios, e já se torna presente algo do “*eschaton*”, do que ainda há de vir. De Jesus vem a felicidade para o meio da aflição³⁶.

As bem-aventuranças são promessas de felicidade. E as pessoas mais simples, pobres, humildes são as que mais entendem essas bem-aventuranças. Pois as vivem diariamente, suportando as cruzes.

A maioria delas são dirigidas, de modo especial, às pessoas que de alguma maneira padecem. Ele antecipa a libertação definitiva daqueles que hão de sofrer, dirigindo a palavra: aos pobres (v. 3), tristes (v. 4), miseráveis (v. 6), perseguidos e injustiçados (v. 10-11); também aos que encaram os sofrimentos com mansidão e paciência (v. 5), e misericórdia (v. 7); e aqueles que, ao atravessar tribulações, não se revoltam nem se desesperam, mas mantém a pureza de coração (v. 8) e a paz (v. 9). As Bem-aventuranças apresentam a todos os homens

³⁶ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2016, p. 77.

que são provados por diversos sofrimentos a certeza futura de uma vida livre e conquistada pelas promessas de Jesus.

Na sequência de sua reflexão Bento XVI (2016) aponta que

Quem lê com atenção o texto de S. Mateus vê que as bem-aventuranças são, no fundo, uma anterior biografia escondida de Jesus, um retrato da sua figura. Ele, que não tem onde reclinar a sua cabeça (Mt 8, 20), é o verdadeiro pobre; Ele, que de si pode dizer: vinde a mim, porque Eu sou manso e humilde de coração (Mt 11, 29), é o verdadeiro manso; Ele é quem é puro de coração e, por isso, vê permanentemente Deus. Ele é o construtor da paz, aquele que sofre por causa de Deus: nas bem-aventuranças aparece o mistério de Cristo, e elas nos chamam para a comunhão com Cristo³⁷.

O evangelista Mateus apresenta nove bem-aventuranças, que não cabe aqui descrevê-las, minuciosamente, mas apenas refletir as duas primeiras, às quais nos dá uma visão geral de como elas são presentes na vida das pessoas mais simples e carentes que exercitam uma firme fé-confiança em Deus. A primeira é: *Bem-aventurados os pobres no espírito, pois deles é o Reino dos Céus* (v. 3). Não se trata simplesmente de carência material. Mas, antes de tudo, da exclusiva confiança em Deus; pois diante Dele seremos eternamente pobres dependentes, de Seu Amor, de Sua Bondade, de Seu Perdão. Segundo Ratzinger

No tempo da dominação da Judeia pela Babilônia, 90% dos judeus deviam ser contados entre os pobres; por causa da política dos impostos seguida pelos persas, depois do exílio ocorreu de novo uma dramática situação de pobreza. A antiga visão segundo a qual tudo corre bem para o justo, sendo então a pobreza consequência de uma má vida (a relação de causalidade entre ação e condição) deixou de se manter. Agora Israel se reconhece precisamente na sua pobreza como próximo de Deus, reconhece que justamente os pobres na sua humildade estão próximos do coração de Deus em oposição à soberba dos ricos, que apenas confiam em si mesmos³⁸.

Aqui se conclui que a pobreza é, antes de tudo, uma total confiança em Deus, atitude observada na vida dessas pessoas simples e pobres às quais estamos tratando nessa pesquisa. Porque *deles é o Reino dos Céus*.

E a segunda é: *Bem-aventurados os que choram, pois eles serão consolados* (v. 4). Aqui Jesus apresenta a tristeza como uma verdadeira aflição. Na coleção do livro sobre Jesus de Nazaré apresentada nesse trabalho, Bento XVI (2016) trata dessa bem-aventurança da seguinte maneira

[...] Há duas espécies de tristeza: uma tristeza que perdeu a esperança, que já não confia no amor nem na verdade e que por isso desagrega e arruína o homem por dentro; mas também há a tristeza que vem do abalo, da comoção provocada pela verdade, que leva o homem à conversão, à resistência contra o mal. Esta tristeza cura, porque ensina o homem a acreditar e a amar de novo³⁹.

³⁷ RATZINGER, 2016, p. 79.

³⁸ RATZINGER, 2016, p. 79-80.

³⁹ RATZINGER, 2016, p. 88.

E o papa Bento apresenta um exemplo extraído do Livro de Ezequiel, como modelo da tristeza que cura

Para esta espécie positiva de tristeza, que é um poder contra o domínio do mal, Ezequiel oferece um impressionante testemunho. Seis homens são encarregados de executar o juízo de condenação em Jerusalém, na terra que estava cheia de culpa pelo derrame de sangue, na cidade cheia de injustiça (Ez 9, 9). Mas, antes, um homem vestido de linho deve traçar um Tau (uma espécie de sinal da cruz) sobre a testa daqueles “que suspiram e gemem por causa das crueldades cometidas na cidade” (Ez 9, 4), e os assim assinalados são excluídos do juízo de condenação. São homens que não uivam com os lobos, que não se deixam misturar com a injustiça tornada como algo evidente, mas que sofrem por causa disso. Mesmo se não está no seu poder alterar totalmente a situação, eles opõem ao domínio do mal a resistência passiva do sofrimento – a tristeza que coloca os limites ao poder do mal⁴⁰.

Portanto, a tristeza à qual Jesus se refere nas bem-aventuranças não é o conformismo com o mal. Mas “é um modo de protestar contra o que todos fazem e que se impõe aos indivíduos como modelo de comportamento.”⁴¹ O mundo não está disposto a suportar esse tipo de humilhação, pois reage com violência. Por isso, Jesus afirmou que os tristes também *são perseguidos por causa da justiça* (v. 10).

E conclui Bento XVI (2016)

Mas aos tristes é prometida a consolação, aos perseguidos é prometido o Reino de Deus; é a mesma promessa feita aos pobres de espírito. Ambas as promessas estão unidas lado a lado: o Reino de Deus, colocar-se sob a proteção do poder de Deus e estar escondido no seu amor – aqui está a verdadeira consolação⁴².

O evangelista João, ao narrar o diálogo de Jesus com Nicodemos (3, 1-21), sinaliza nas palavras proferidas por Ele que essa promessa se realiza na Sua própria entrega na Cruz. Pois “*Deus amou tanto o mundo, que deu o seu único filho, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna*” (3, 16). Portanto, o amor de Deus revelado plenamente na Cruz com Seu filho, é a certeza da bem aventurança daqueles que confiam e esperam em Deus.

Na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* (SD,14), sobre o sentido cristão do sofrimento humano, o papa São João Paulo II afirma

Segundo as palavras dirigidas a Nicodemos, Deus dá o seu Filho ao « mundo » para libertar o homem do mal, que traz em si a definitiva e absoluta perspectiva do sofrimento. Ao mesmo tempo, a palavra « dá » (« deu ») indica que esta libertação deve ser realizada pelo Filho unigênito, mediante o seu próprio sofrimento. E nisto se manifesta o amor, o amor infinito, quer do mesmo Filho unigênito, quer do Pai, o qual « dá » para isso o seu Filho. Tal é o amor para com o homem, o amor pelo « mundo »: é o amor salvífico⁴³.

⁴⁰ RATZINGER, 2016, p. 88-89.

⁴¹ RATZINGER, 2016, p. 89.

⁴² RATZINGER, 2016, p. 90.

⁴³ JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apóstolica *Salvifici Doloris*. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 23.

Com isso, o papa João Paulo II sinaliza um significado novo para a questão do sofrimento: trata-se da dimensão redentora. O sofrimento é vencido pelo amor. Deste modo, Jesus ensina aos cristãos como enfrentar e suportar com esperança as adversidades da vida e a confiar no Pai; pois Ele, mesmo nas tribulações, depositou Sua fé-confiança em Deus. Ele que foi rejeitado, perseguido, incompreendido, humilhado, não tinha onde sequer reclinar a cabeça (Mt 8, 20b).

Em diversas ocasiões, Cristo ensinou aos discípulos, e também ao povo, que o sofrimento, enfrentado com paciência e confiança em Deus, receberia novo significado: libertador e redentor. Por isso, o sofrimento temporal teria sua consumação salvífica e definitiva na eternidade

Como consequência da obra salvífica de Cristo, o homem passou a ter, durante a sua existência na terra, a *esperança* da vida e da santidade eternas. E ainda que a vitória sobre o pecado e sobre a morte, alcançada por Cristo com a sua Cruz e a sua Ressurreição, não suprima os sofrimentos temporais da vida humana, nem isente do sofrimento toda a dimensão histórica da existência humana, ela *projeta*, no entanto, sobre essa dimensão e sobre todos os sofrimentos, *uma luz nova*. (SD, n. 15)

Observamos que no evangelho de Lucas, capítulo 4, 16-21, Jesus ao entrar na Sinagoga toma nas mãos o livro da Lei: *Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus achou a passagem em que está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor”*. Essa profecia se cumpriu na encarnação do Verbo, na sua vida pública, no mistério pascal e se cumprirá na parusia. Pois Ele veio para anunciar a Boa Nova, libertar os cativos não somente para esta vida temporal, mas para aquela que se esconde e um dia será revelada.

1.5 As tribulações

A Bíblia apresenta muitos relatos de pessoas que enfrentaram severos sofrimentos. São homens e mulheres de fé que experimentaram o: **a) sofrimento corporal**: Tobit, pai de Tobias, com sua cegueira (Tb 2); o servo Jó que contraiu uma infecção na pele (Jo 2, 7); a lepra do sírio Naamã (2º Rs 5, 1); **b) sofrimento psíquico/emocional**: a amargura de Ana, mãe de Samuel (1º Sam 1, 9-15); o desespero de Sara, filha de Raguel (Tb 3, 7-15); a calúnia feita a Susana (Dn 13), o arrependimento de Davi (2º Sam 12, 15-18); a adúltera (Jo 8, 1-11); **c) sofrimento material**: a viúva de Sarepta (1º Rs 17, 12); o filho pródigo (Lc 15, 14-17); o

pobre Lázaro (Lc 16, 20-21). São histórias de paciência, superação, fé no Senhor, aceitação e conversão. O servo Jó e o Apóstolo Paulo são, na Sagrada Escritura, exemplos de vida e testemunho de fé que ensinam aos cristãos a respeito da firmeza da fé, da libertação da dor e da consolação.

A história de **Jó** é muito conhecida por todos. De maneira sintetizada, foi um homem íntegro e reto, temente a Deus (1, 1). Mas que um dia foi experimentado no limite de suas forças; então perdeu suas riquezas (1, 13-17), sua família (1, 18-19) e, por fim, sua saúde (2, 7-8); e ainda foi incentivado por sua companheira a amaldiçoar Deus e depois morrer (2, 9). Em seguida, começaram uma série de questionamentos de seus três amigos Elifaz, Baldad e Sofar (capítulos 4, 5, 8, 11, 15, 18, 20, 22, 25, 32, 33, 34, 35, 36) tentando convencer Jó de que ele havia um dia pecado para estar sofrendo tudo aquilo. Mas, Jó permaneceu firme nos seus propósitos.

O exemplo desse servo de Deus foi inserido na Sagrada Escritura para ilustrar e instruir em quais momentos deve-se exercitar a paciência. No fim Jó recobrou em dobro o que perdera (42, 10-17). Nesse relato da vida de Jó poderia se recordar da experiência de muitas pessoas simples com as quais se convive no contexto comunitário. Pessoas íntegras, retas e tementes a Deus. Pessoas que não se desesperam com as contrariedades que a vida reserva; mas procuram descobrir nesses momentos qual a vontade do Senhor e como proceder sem perder a fidelidade.

São João Paulo II na SD (11) apresenta, de maneira significativa e esperançosa, o exemplo desse homem experimentado na dor

Jó, no entanto, contesta a verdade do princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e faz isso baseando-se na própria situação pessoal. Ele, efetivamente, tem consciência de não ter merecido semelhante castigo; e, por outro lado, vai expondo o bem que praticou durante a sua vida. Por fim, o próprio Deus desaprova os amigos de Jó pelas suas acusações e reconhece que Jó não é culpado. O seu sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério, que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência

São muitos leigos e leigas, simples nas atitudes, e pobres nos recursos que, nas adversidades e sofrimentos, esforçam-se por imitar Jó, exercitando a paciência. Na vida pastoral, acompanhamos experiências profundas de tristezas para algumas famílias. Pessoas simples que lutando contra um sofrimento físico, por exemplo, câncer, leucemia, diabetes, suportaram com paciência, como um inocente, na esperança de que as mesmas palavras, sabiamente, pronunciadas por Jó: *eu sei que o meu redentor está vivo e que, no fim, se levantará sobre o pó; e, depois que tiverem arrancado esta minha pele, sem minha carne,*

verei a Deus. Eu mesmo o verei, meus olhos o contemplarão, e não a um estranho (19, 25-27) pudessem confortá-las.

O outro testemunho de fé é o do Apóstolo **Paulo**. Ele, por diversas vezes, encorajou inúmeras comunidades a enfrentar com fé e perseverança as tribulações. Paulo relata a própria experiência dos sofrimentos que viveu. Na segunda Carta aos Coríntios apresenta uma série de humilhações e sofrimentos que enfrentou durante a sua missão apostólica

Muito mais do que eles, pelos trabalhos, pelas prisões, pelos excessivos açoites; muitas vezes em perigo de morte; cinco vezes, recebi dos judeus quarenta chicotadas menos uma; três vezes, fui batido com varas; uma vez, apedrejado; três vezes naufraguei; passei uma noite e um dia em alto-mar; fiz inúmeras viagens, com perigos de rios, perigos de ladrões, perigos da parte de meus compatriotas, perigo da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos em regiões desertas, perigos no mar, perigos por parte de falsos irmãos; trabalhos e fadigas, inúmeras vigílias, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez; e, sem falar de outras coisas, a minha preocupação de cada dia, a solicitude por todas as igrejas. (2º Cor 11, 23-28)

Em outro momento da Carta, Paulo dirige à comunidade animadoras palavras diante dos sofrimentos, enfatizando que essa comunidade é destinada para a glória futura

Por isso, não desanimemos. Mesmo se o nosso físico vai se arruinando, o nosso interior, pelo contrário, vai-se renovando dia a dia. Com efeito, a insignificância de uma tribulação momentânea acarreta para nós um volume incomensurável e eterno de glória. Isso acontece, porque miramos as coisas invisíveis e não às visíveis. Pois o que é visível é passageiro, mas o que é invisível é eterno. (2º Cor 4, 16-18)

As palavras de Paulo afirmam que os sofrimentos da vida presente nem se comparam àquilo que Deus preparou para aqueles que Nele depositam sua confiança. E mesmo que o sofrimento permaneça há de se entender que o mesmo é passageiro.

No mundo atual têm surgido novas tempestades que colocam à prova a fé das pessoas. Uma pessoa que contrai determinadas enfermidades: um tumor maligno, uma leucemia, diabetes. A morte que chega lentamente para muitos. Mas a esperança no Alto é necessária.

Por isso, deve-se depositar a esperança em Jesus como aconselha o Papa Francisco no momento de reflexão realizado em 27 de março de 2020

O Senhor interpela-nos e, no meio da nossa tempestade, convida-nos a despertar e ativar a solidariedade e a esperança, capazes de dar solidez, apoio e significado a estas horas em que tudo parece naufragar. O Senhor desperta, para acordar e reanimar a nossa fé pascal. Temos uma âncora: na sua cruz, fomos salvos. Temos um leme: na sua cruz, fomos resgatados. Temos uma esperança: na sua cruz, fomos curados e abraçados, para que nada e ninguém nos separe do seu amor redentor⁴⁴.

Por fim, situar o sofrimento da pandemia da Covid-19 que se deu no momento da redação dessa dissertação, principalmente no contexto dos mais simples e pobres.

⁴⁴ FRANCISCO, Papa. *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican>. Acesso em: 20 de set. 2021.

1.6 A pandemia da Covid-19

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS, n.1)⁴⁵ traz logo no início do documento a seguinte afirmação

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.

Se as aflições e esperanças, particularmente das pessoas simples, encontram acolhida na Igreja de Cristo, quanto mais não encontrará a certeza da misericórdia e providência de Deus.

A chegada de uma tribulação na vida de alguém é, sem dúvida, um desafio e um momento difícil. Cada pessoa reage de uma maneira à provação. Haja vista, a pandemia da Covid-19 que, em março de 2020, apanhou o país de surpresa provocando, entre outros, diferentes sentimentos, tais como: rigorosa quarentena⁴⁶ e negacionismo radical. Mas todos, sem exceções, foram afetados com essa situação.

A inesperada manifestação da pandemia de Coronavírus desestruturou a rotina da maioria das pessoas. Percebe-se, desse modo, que essa avalanche tem trazido dolorosas consequências na vida de todos. De maneira particular, na vida dos mais pobres. As recomendações sanitárias forçadas, o desemprego, a pobreza e a fome, o estresse e outros diagnósticos levaram as pessoas ao medo, insegurança e falta de paz. A peculiaridade no tratamento dos acometidos pela Covid-19, com protocolos de isolamento, para evitar o contágio, exige a separação entre o doente e seus familiares. Muitos permanecem dias hospitalizados com respiradores, trazendo preocupação e desespero. Esta situação gera sofrimento, muita ansiedade e angústia. No caso de morte, a impossibilidade de vivenciar os ritos de despedida, conforme os costumes tradicionais, tornam o luto ainda mais complexo.⁴⁷

Mas a fé das pessoas mais simples testemunhou que, de verdade, elas depositam, em Deus, total esperança e confiança. Diariamente víamos pessoas simples, aqui na paróquia, suplicarem em favor do fim da pandemia, se colocando de joelhos em oração, terço na mão,

⁴⁵ COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. 31ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 141-256.

⁴⁶ A pandemia obrigou o fechamento de inúmeras atividades do comércio, bem como a suspensão de missas presenciais.

⁴⁷ Segundo o consórcio formado pelos veículos de comunicação: Portal G1, O Globo, Extra, O ESTADO de São Paulo, FOLHA de São Paulo e UOL até o dia 30 de setembro a pandemia do coronavírus havia ceifado a vida de mais de 630.000 pessoas no Brasil.

livros de novenas. Pessoas que não deixaram enfraquecer no coração a fé, pelas coisas ruins; mas que, com sua fé renovada, enfraqueceram o poder do mal.

Em virtude da disseminação de Coronavírus no mundo, o Papa Francisco realizou um momento extraordinário de oração no Adro da Basílica de São Pedro, clamando em favor do fim da pandemia. Nele, o papa meditando sobre a passagem da tempestade no Evangelho de Marcos (4, 35-41), dizia que frente a essa tormenta da Covid-19, muitos reagiram com coragem e companheirismo; e cita profissionais que não estão diariamente nas manchetes de jornais e revistas, como médicos, faxineiros, atendentes de supermercados, transportadores e outros. O Pontífice ainda completa

Quantas pessoas dia a dia exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avós e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de todos! A oração e o serviço silencioso: são as nossas armas vencedoras⁴⁸.

Sem dúvida, são essas pessoas simples, muito presentes e participativas nas comunidades de fé, que diante dessas tempestades ainda semeiam a fé, esperança e confiança em Deus, como afirmou o papa. A seguir, será observado como essa fé é manifestada nos espaços comunitários.

1.7 Espaços de cultivar a fé-confiança

Na vida comunitária encontram-se alguns espaços de fé onde se revelam concretamente a entrega, a paciência, a persistência e a confiança em Deus na oração. Em se tratando de pessoas de condições mais simples e pobres, é inegável a forte presença da religiosidade popular; que é verdadeiramente uma significativa e profunda experiência de fé para o povo. Ao serem experimentadas em determinados sofrimentos (morte, enfermidade, miséria, etc) essas pessoas continuam firmes a cultivar a fé. Na verdade, a fé e a perseverança se intensificam e aumentam a confiança de que Deus também acolhe as dores desse povo através dos exercícios de piedade.

Algumas manifestações públicas favorecem a percepção de uma oração paciente, livre, perseverante e confiante dos mais simples. São exemplos dessas manifestações: novena, terços marianos, peregrinações e adorações ao Santíssimo Sacramento.

⁴⁸ FRANCISCO, Papa. *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican>. Acesso em: 20 de set. 2021.

1.7.1 Novenas

As novenas são espaços de muita fé para alcançar de Deus, ainda que pela intercessão de um santo, uma graça e uma resposta. A palavra novena vem do latim *novem* e significa *nove*. Portanto, nove dias em que se pede repetidamente o mesmo favor. É visível nessas pessoas a piedade, a entrega do sofrimento a Deus e a confiança de que Ele está disposto a acolher as preces, pela milagrosa (poderosa) intercessão de algum santo. Alguns gestos de fé-confiança e piedade ligados ao momento da recitação das novenas são: as mãos erguidas em súplica quando se entoa o hino do padroeiro, o toque na imagem do santo, os joelhos dobrados em oração e, algumas vezes, as lágrimas nos olhos. A fé do povo simples se revela confiante. Pois quando se roga a intercessão de um santo, é a Deus, antes de tudo, a quem se busca.

1.7.2 Terço mariano

O terço mariano sempre foi uma das devoções mais queridas do povo, particularmente, dos mais simples e pobres. Muitas vezes, as pessoas relataram que, ao enfrentar sérias dificuldades na vida, rezavam o terço com muita fé e esperança. Trazemos conosco uma prática pastoral. Em todas as novenas de padroeiros costumamos rezar o terço mariano antes das celebrações. E quão visíveis são a fé e a confiança do povo na oração do terço. As diversas intenções expressadas em voz alta, antes mesmo de cada mistério contemplado, revelam as tribulações, os dramas diários que cada pessoa vive na sua vida pessoal e familiar. São muitas as expressões de fé persistente e confiante em Deus e Nossa Senhora no momento da recitação do terço.

1.7.3 Peregrinações

Outra manifestação de fé são as peregrinações. Codina (1997) escreve que “graças a elas, o povo mantém um sentido de esperança em meio às suas múltiplas dificuldades”⁴⁹.

As peregrinações demonstram também que a fé não tem distância. E quanto mais ungidos os lugares da presença de Deus e de Nossa Senhora, mais as pessoas simples

⁴⁹ CODINA, 1997, p. 70.

recorrem a eles. Peregrinam a esses lugares de manifestação da fé porque confiam que ali suas orações podem ser acolhidas.

O Papa Francisco em uma de suas homilias matinais na Casa Santa Marta, sobre a oração perseverante partilha

Acho que certa vez vos disse, mas não tenho a certeza: eu estava em Buenos Aires, num hospital havia uma menina de nove anos com uma doença infecciosa, contagiosa, e numa semana teria morrido». Quando «os médicos chamaram os seus pais, disseram-lhes: “Fizemos o possível, mas não há nada a fazer. Morrerá em duas ou três horas”». Então «o pai, que era um operário — um homem simples, trabalhador — e conhecia a realidade da vida como Jesus, saiu da clínica, deixou ali a sua esposa, apanhou um carro» e percorreu 70 km até ao santuário de Nossa Senhora de Luján. Saiu por volta das 18h00 e chegou às 20/21h00, quando o santuário já estava fechado. Mas «esse homem permaneceu ali a noite inteira, diante do santuário. Agarrou-se ao portão de entrada do santuário, e a noite inteira implorou à Nossa Senhora: “Quero a minha filha. Quero a minha filha. Tu podes dar-ma”. Depois, por volta das 5/6h da manhã, voltou a apanhar o carro e regressou». Chegou «mais ou menos às 9h30 e encontrou a esposa um pouco desorientada, sozinha. A menina não estava ali. Pensou no pior. E a mãe, a esposa, disse-lhe: “Sabes, os médicos levaram-na para fazer outro exame, não conseguem explicar porque ela despertou e pediu para comer, e não tem nada, está bem, fora de perigo”. Isto aconteceu. Estou certo». E o ensinamento tirado deste acontecimento é que «aquele homem talvez não fosse à missa todos os domingos, mas sabia rezar, sabia que quando temos «uma necessidade, há um amigo que tem a possibilidade, tem o pão, tem a possibilidade de resolver um nosso problema». Por isso, «bateu à porta a noite inteira»⁵⁰.

Anualmente nas festas dos grandes santuários pelo Brasil afora tem-se muita demonstração de fé e confiança das pessoas. Em Aparecida do Norte, por exemplo, são inúmeros os romeiros que fazem, a pé, o trajeto em direção ao Santuário Nacional, dias antes da festa; outros atravessam rezando de joelhos toda a ponte até a imagem da Mãe Aparecida localizada na Basílica; outros ainda oferecem enormes velas como prece à Nossa Senhora em favor de suas necessidades. Duas imagens vêm-me à mente: as palavra da canção *Romaria*⁵¹, traduz a simplicidade das gentes que recorrem à Nossa Senhora Aparecida, e a cena do filme *O Auto da Compadecida*,⁵² quando João Grilo pede intercessão de Nossa Senhora, com um versinho popular, mas cheio de confiança

De gibeira o jiló

Dessa vida cumprida a sol

⁵⁰ FRANCISCO, Papa. *Meditações matutinas da missa celebrada na capela da Casa Santa Marta: rezar sem nunca se cansar*. Disponível em <https://www.vatican.va>. Acesso em: 27 set. 2021.

⁵¹ **Romaria** é uma canção composta por Renato Teixeira em 1977. De letra simples, a música tornou-se muito popular por homenagear Nossa Senhora Aparecida, que é a padroeira do Brasil, e também por fazer referências ao caipira e ao romeiro.

⁵² **O Auto da Compadecida** é um filme brasileiro de comédia dramática lançado em 2000. Dirigido por Guel Arraes, o filme é baseado na peça teatral *Auto da Compadecida* de 1955 de Ariano Suassuna. Durante o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro (em 2001), o filme recebeu as premiações de melhor diretor, roteiro, lançamento e ator. Também foi indicado na categoria de “melhor filme”, mas perdeu o prêmio para o filme: *Eu, Tu, Eles*.

Sou caipira, pira, pora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura
E funda o trem da minha vida

O meu pai foi peão, minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
A custa de aventuras
Descasei, joguei, investi, desisti
Se há sorte eu não sei, nunca vi

Me disseram, porém, que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos

Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar

Em Belém do Pará, no segundo domingo do mês de outubro, ocorre a tradicional festa do Círio de Nazaré, na qual milhares de romeiros, como num ato de fé e confiança, se agarram a uma gigantesca corda de 400 metros, utilizada na trasladação e procissão do Círio, e que leva a imagem na esperança de terem suas preces atendidas. Em Trindade, no Estado de Goiás, há a famosa festa em louvor e honra ao Divino Pai Eterno, no mês de julho. Anualmente, são milhares de peregrinos que vão à cidade de Trindade na esperança de que o Pai Eterno corresponderá às suas necessidades. São especialmente pessoas de condições mais simples e pobres que saem do norte e do sul, do leste e oeste do país e peregrinam, a exemplo do povo hebreu, rumo às terras onde correm leite e mel (Ex 3-8), onde encontram bênçãos e graças para si e outros.

1.7.4 Adoração Eucarística

Um quarto espaço onde podemos perceber a maneira perseverante de rezar destas pessoas é a Adoração Eucarística. Como afirma Buelta (1988): “A palavra adoração pode

expressar esta experiência de comunhão, vivida como confiança e abandono no Deus da história. “*Ao Senhor adorarás e só a ele servirás*” (Mt 4, 10)⁵³.

De todas as manifestações de fé pública, a adoração é, sem dúvida, a que mais sensibiliza essas pessoas mais simples. Diante dos pedidos e súplicas, dores e sofrimentos, músicas e orações, são inevitáveis as lágrimas. Sempre gostamos de rezar junto com o povo, em momentos fora da celebração eucarística. Na primeira sexta feira do mês, como é tradição em muitos lugares, costumamos realizar a adoração ao Santíssimo Sacramento, antes da missa. Quão grande é a percepção no olhar atento das pessoas para o Santíssimo: no silêncio orante oferecem suas dores; às vezes, no balbuciar dos lábios apresentam suas necessidades; nas lágrimas reconhecem que sozinhos não suportariam as tribulações; e nos joelhos dobrados o desejo de não sair dali sem a graça. E quase sempre manifestam, em voz alta, gratidão a Deus, apesar dos sofrimentos vividos. E até mesmo na procissão do Santíssimo Sacramento essa fé-confiança se fortalece.

Além desses espaços em que percebe-se a manifestação de fé-confiança dessas pessoas simples, os momentos de visitas e bênçãos às famílias e as confissões individuais são outros dois fortes espaços onde elas expressam as angústias, as provações diárias e a confiança em Deus. “Ao deixar que Deus seja com todo seu mistério, vão se calando em mim, palavras e projetos, e se estende um silêncio agradecido”⁵⁴.

1.8 Contribuições

A Igreja contemporânea se preocupa bastante em contribuir para o esclarecimento e catequese a respeito da questão da oração por parte dos fiéis. Aqui serão abordadas as contribuições do Catecismo da Igreja Católica (CIC) e dos papas, em especial, do Papa emérito Bento XVI e de Francisco.

1.8.1 O Catecismo

O Catecismo na sua estrutura reserva uma parte inteira à reflexão sobre a Oração Cristã (Quarta parte). Apresentam-se aqui duas disposições que o CIC recomenda para oração insistente e confiante.

⁵³ GONZÁLEZ BUELTA, Benjamin. *Bajar al encuentro de Dios. Vida de oración entre los pobres*. Santander: Sal Terrae, 1988, p. 35. Tradução nossa.

⁵⁴ GONZÁLEZ BUELTA, 1988, p. 36.

A primeira é a **Humildade**. A oração é a elevação da alma para Deus; aquele que se humilha é que é elevado. Por isso, “a *humildade* é o fundamento da oração. Nem sabemos o que seja conveniente pedir (Rm 8,26)” (CIC, n. 2559). Ela é, nas palavras do Catecismo, “a disposição para receber gratuitamente o dom da oração; o homem é um mendigo de Deus” (CIC, n. 2559). O Catecismo convida a perceber esse dom de Deus, essa capacidade que Ele dá aos fiéis. Ao reconhecer a sua pequenez e se ajoelhar na terra, a humanidade tem seus pedidos e súplicas elevados ao céu.

Observar a maneira das pessoas simples em momentos de sofrimento é também perceber a humildade de tais pessoas. Como elas irradiam fé e esperança. Como conseguem expressar a dor sem revolta. Um dos livros sapienciais traz a bonita afirmação: “*A oração do humilde penetra as nuvens e não se consolará enquanto não se aproximar de Deus; e não se afastará, enquanto o Altíssimo não olhar e o justo juiz não fizer justiça*” (Eclo 35, 21). Sem dúvida, a humildade é um elemento primordial para estar na presença de Deus, para entregar-Lhe os sofrimentos, e dizer que sem a Graça a humanidade não conseguiria suportá-los e, muito menos, vencê-los.

Tertuliano (2001) no seu Tratado recomenda algumas modestas atitudes gestuais

Na verdade, quando oramos com modéstia e humildade tornam-se recomendáveis diante de Deus as nossas preces. Nem levantamos muito alto as mãos, mas de modo sóbrio e correto, para que o rosto não se erga com arrogância”. É preciso que manifestemos submissão também pelo tom da voz. De quantos pulmões precisaríamos, se fosse pela altura do som da voz que Deus nos ouve? Deus, em verdade, escuta, não a voz, mas o coração, até onde penetra o seu olhar⁵⁵.

Estes gestos se revelam, quase sempre, na oração dos mais simples: quando verbalizam suas preces, em voz alta, em momentos comunitários, tais como adoração, celebrações eucarísticas, círculos bíblicos, suas palavras parecem muitas vezes pobres, desconexas e cansativas; mas, na verdade, estão cheias de unção, porque encontram sentido nas palavras de Jesus: *Eu te louvo, ó Pai, porque escondestes essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos* (Mt 11, 25).

A outra disposição da oração é a **Intimidade**. São muitos aqueles que, no contexto bíblico, buscaram essa intimidade com o Senhor: **Moisés**: “*O Senhor falava com Moisés face a face, como alguém que fala com seu amigo*” (Ex 33, 11); **Davi**: “*Então, o rei Davi foi sentar-se na presença do Senhor, e disse: ‘Quem sou eu, Senhor Deus, e o que é minha casa, para que me tenhas conduzido até aqui?’*” (2 Sam 7, 18); **Maria**: “*Maria então disse: ‘A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque ele*

⁵⁵ TERTULIANO, S. CIPRIANO, ORÍGENES. *Tratado sobre a oração*. 2ª ed. Mosteiro da Santa Cruz, 2001, p. 29.

olhou para a humildade de sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz, porque o Poderoso fez para mim coisas grandiosas” (Lc 1, 46-49); e especialmente Jesus: “De madrugada, quando ainda estava bem escuro, Jesus se levantou e saiu rumo a um lugar deserto. Lá, ele orava” (Mc 1, 35).

Ligado à intimidade está um dos aspectos já mencionados que é a **confiança**. De acordo com o ensinamento do Catecismo

Um fato deveria provocar admiração em nós. Quando louvamos a Deus ou lhe damos graças pelos benefícios em geral, pouco nos preocupamos em saber se nossa oração lhe é agradável. Em compensação, temos a pretensão de ver o resultado de nosso pedido. Qual é, pois, a imagem de Deus que nos motiva à oração? Um meio a utilizar ou o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo? (CIC, n. 2735)

Essa dupla atitude apresentada pelo CIC é uma realidade. Porém, a pessoa quando louva a Deus entende o acolhimento total da oração por parte Dele. Mas, quando suplica questiona a maneira a qual Ele acolhe a oração. Nas duas atitudes existe a confiança: na certeza de que Deus acolheu o louvor; e na certeza de que vai acolher a dor.

A confiança é sinônimo de fé. É esperança para os mais simples e pobres. O Catecismo relata inúmeros exemplos bíblicos: do Patriarca Abraão: “Assim que Deus o chama, Abraão parte, ‘como lhe disse o Senhor’ (Gn 12, 4)” (CIC, n. 2570); de Moisés: “É Ele quem chama Moisés do meio da sarça ardente” (CIC, n. 2575); de Davi: “Como ungido de Deus, sua oração é adesão fiel à promessa divina, confiança cheia de amor e alegria naquele que é o único Rei e Senhor” (CIC, n. 2579). Somos convidados a ter confiança na Palavra e na Providência de Deus.

1.8.2 Papas

Seguem as contribuições do Magistério da Igreja, especialmente com Francisco e Bento XVI. O Papa Francisco tem falado muito sobre a importância da oração. Ele mesmo partilhou, numa de suas catequese sobre o tema, a seguinte reflexão

Continuemos a catequese sobre a oração. Alguém me disse: “Fala demasiado de oração. Não é necessário”. Sim, é necessário. Porque, se não rezarmos, não teremos forças para ir em frente na vida. A oração é como o oxigênio da vida. A oração é atrair sobre nós a presença do Espírito Santo que nos leva sempre em frente. É por isso que falo muito sobre a oração⁵⁶.

Francisco nos últimos anos (2018 a 2020) refletiu nas Audiências Gerais, duas significativas séries sobre a oração: o *Pai nosso*, com dezesseis encontros; e a *oração*

⁵⁶ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/pt/2021/09/27/aud-geral-027-2021.html>. Acesso em: 27 de set. 2021.

perseverante, de personagens bíblicos, com doze encontros. Nessa série de catequeses se expressa o coração de quem verdadeiramente reza. Das catequeses sobre o Pai nosso destacam-se, dentre tantas, duas expressivas motivações do Papa

[...] a prece de pedido é autêntica, espontânea, é um ato de fé em Deus que é Pai, que é bom, onipotente. Trata-se de um ato de fé em mim, que sou pequenino, pecador, necessitado. E por isso a oração para pedir algo é muito nobre. Deus é o Pai que tem imensa compaixão por nós, e deseja que os seus filhos lhe falem sem medo, chamando-lhe diretamente “Pai”; ou nas dificuldades dizendo: “Mas Senhor, o que me fizeste?” Por isso podemos contar-lhe tudo, até aquilo que na nossa vida permanece distorcido e incompreensível⁵⁷.

Podemos estar certos de que *Deus responderá*. A única incerteza é em relação ao tempo, mas não temos dúvida que Ele responderá! Talvez tenhamos que insistir durante a vida inteira, mas Ele responderá! No-lo prometeu: Ele não é como um pai que dá uma serpente em vez de um peixe. Não há nada de mais certo: um dia realizar-se-á o desejo de felicidade que todos temos no coração. Jesus diz: «Porventura não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que clamam por Ele dia e noite?» (Lc 18,7). Sim, fará justiça, ouvir-nos-á! Aquele dia será de glória e de ressurreição! Rezar é desde já a vitória sobre a solidão e o desespero. Rezar! A oração muda a realidade, não o esqueçamos. Ou muda as coisas ou transforma o nosso coração, mas muda sempre. Rezar é desde já a vitória sobre a solidão e o desespero⁵⁸.

O Papa Francisco demonstra profunda sensibilidade com os sofrimentos dos mais pobres. Por isso, sabe que a oração é quase sempre o único alimento que nutre o coração dos pequeninos e os fortalece na caminhada de fé.

O papa emérito Bento XVI também oferece significativas contribuições acerca da oração. Na Encíclica *Spe Salvi* (32)

Quando já ninguém mais me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar – por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar – ele pode ajudar-me...o orante jamais está totalmente só⁵⁹.

Durante uma de suas Audiências Gerais, Bento XVI diz, sobre o Saltério e as orações ali expressas, que

[...] a súplica é animada pela certeza de que Deus responderá, e de que isto abre ao louvor e à acção de graças [...] Na súplica, o orante lamenta-se e descreve a sua situação de angústia, de perigo e de desolação, ou então, como nos Salmos penitenciais, confessa a culpa, o pecado, pedindo para ser perdoado. Ele expõe ao Senhor o seu estado de espírito na confiança de ser ouvido, e isto implica um reconhecimento de Deus como bom, desejoso do bem e «amante da vida» (cf. *Sb* 11, 26), pronto a ajudar, salvar e perdoar. Por exemplo, assim reza o Salmista, no *Salmo* 31: «Junto de vós, Senhor, refugio-me. Que eu não seja confundido para sempre [...] De maneira análoga, nos Salmos de acção de graça e de louvor, fazendo

⁵⁷ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/2021/09/27/aud-geral-2021-09-27.html>. Acesso em: 27 de set. 2021.

⁵⁸ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/2021/09/27/aud-geral-2021-09-27.html>. Acesso em: 27 de set. 2021.

⁵⁹ BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 32, p. 49.

memória do dom recebido contemplando a grandeza da misericórdia de Deus, reconhece-se também a própria insignificância e a necessidade de ser salvo, que se encontra na base da súplica. Confessa-se assim a Deus a própria condição de criatura, inevitavelmente caracterizada pela morte, e no entanto portadora de um desejo radical de vida⁶⁰.

Encerrando esse primeiro capítulo de nossa pesquisa, podemos concluir que a necessidade é um aspecto essencial da oração. Nela, podemos inferir que existe um paradoxo: Eu não só recebo algo, mas também ofereço. Mas nela entramos necessitados e saímos ainda mais necessitados [de Deus]. Por fim, a oração insistente e confiante nos ajuda a fugir do desespero e da infidelidade, especialmente, nas provações.

No capítulo segundo abordaremos essa necessidade da oração apresentada na parábola do amigo importuno.

1.9 À guisa de conclusão

O primeiro capítulo do presente trabalho teve como intuito a apresentação da significativa experiência de oração [livre, insistente e confiante] das pessoas humildes, e quase sempre carentes, nos intensos momentos de sofrimentos e provações.

O testemunho de homens e mulheres, especialmente na Bíblia, demonstrou que a oração é uma consolação de fé. O exemplo de Jesus, sua intimidade e aceitação à vontade de Deus, nos momentos de tensão, revelam o poder da oração. O estilo de rezar de Jesus, com liberdade e confiança, especialmente nos momentos de tribulações apresentados na pesquisa encoraja os que estão desanimados e renova a fé daqueles que seguem perseverantes. As promessas das Bem-aventuranças de Jesus se apresentam como consolação, particularmente, para os pobres e os que sofrem; e que esperam somente em Deus.

Muitos outros personagens bíblicos apresentados, como o servo Jó e o Apóstolo Paulo, atravessaram noites escuras na vida. Porém, jamais perderam a fé e a esperança. No contexto atual, a inesperada situação de pandemia da Covid-19, que assustou o mundo, escancarou nossas fraquezas (físicas, emocionais, estruturais) e reacendeu mais do que nunca a extrema necessidade da fé em Deus. Reacendeu a consciência e a certeza de que *somos pó e ao pó vamos voltar* (Gn 3, 19).

A busca dessa fé-confiança em Deus é perceptível na vida das pessoas simples e carentes, que encontramos nas inúmeras comunidades eclesiais. Sempre praticando gestos de

⁶⁰ BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/2021/09/28/aud-ge-2021-09-28.html>. Acesso em: 28 de set. 2021.

fé para vencer os sofrimentos: terço na mão, piedosas e sacrificadas procissões, muitas vezes descalços, joelhos dobrados em constante adoração, braços erguidos nas diversas devoções de novenas e romarias.

O Magistério da Igreja aconselha e, ao mesmo tempo, constata que a oração perseverante e confiante consiste em um verdadeiro alimento para a alma. O papa Francisco demonstra profunda sensibilidade com os sofrimentos dos mais pobres. Por isso, sabe que a oração é quase sempre o único alimento que nutre o coração dos pequeninos e os fortalecem na caminhada de fé.

CAPÍTULO 2 - A EFICÁCIA DA ORAÇÃO NA PARÁBOLA DO AMIGO IMPORTUNO

Como o objetivo é analisar, a partir da parábola de Lucas, o estilo persistente e confiante de pessoas simples e pobres, quando elevam a Deus suas necessidades e súplicas, então, compete refletir a situação do amigo importuno, esse que se tratava do verdadeiro necessitado. Sua única fala (súplica) logo no início da parábola é importante para esse estudo, pois ela se assemelha às necessidades dos sujeitos da pesquisa, encontrados também no contexto da vida paroquial. Aqui espera-se perceber a eficácia da “invasão” do amigo importuno durante a noite. Não temos o intuito de elaborar uma refinada exegese do texto no presente trabalho; uma vez que o mesmo visa a práxis pastoral, e não tanto a hermenêutica bíblica. São inúmeras as limitações.

2.1 A parábola

A parábola era um estilo de catequese de Jesus. Levava as pessoas a refletirem sobre determinadas atitudes de vida. Ela apresenta especialmente elementos da vida do campo; e coloca em comparação as reações humanas e as que se esperam de Deus. Nesse estudo verificamos a parábola sobre a oração.

A seguir, a transcrição da perícopie narrada em Lucas

E Jesus acrescentou: Imaginai que um de vós tem um amigo e, à meia noite, o procura, dizendo: ‘Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou de viagem e nada tenho para lhe oferecer’. O outro responde lá de dentro: ‘Não me incomodes. A porta já está trancada. Meus filhos e eu já estamos deitados, não posso me levantar para te dar os pães’. Digo-vos: mesmo que não se levante para dá-los por ser seu amigo, vai levantar-se por causa de sua impertinência e lhe dará quanto for necessário (Lc 11, 5-8)

Lucas é, dentre os evangelistas, aquele que mais apresenta Jesus em oração (item 1.3, do capítulo I). Jesus narra essa parábola a partir do pedido de um dos seus discípulos ensinando-os, em primeiro lugar, a oração do Pai nosso. Não se sabe qual deles fez essa solicitação. Isso sugere também que cada pessoa seja o discípulo que necessita aprender com o Mestre o exercício da oração.

A cena faz saber que certa pessoa (chamada aqui ora de *importuna*, ora de *necessitada*) ao receber uma visita amiga, à meia noite, vai ao encontro de um amigo que poderia acudi-la. Pois o *necessitado* é surpreendido também com a falta de pão dentro da sua própria casa. Então resolve sair em busca de quem pudesse lhe oferecer o alimento necessário

para aquele que hospedara em casa. Vai amolar um amigo tarde da noite. Todavia, o amigo já se encontrava recolhido junto à sua família. Porém, o *necessitado*, do lado de fora, não se mostrava muito preocupado com isso. Sua responsabilidade era acolher bem a visita que havia chegado cansada da viagem. Não queria, de maneira alguma, falhar com a boa hospitalidade, tão sagrada. Mas, pode-se deduzir que também não se sentira tão confortado em ter que procurar o amigo nesse horário tão tarde. Inicialmente, o amigo que já está repousando com sua família, se recusa a atendê-lo. É importante ressaltar que o amigo não nega o pão; mas só diz que o momento não é apropriado, uma vez que a porta já estava trancada e ele e os filhos dormindo. Assim Jesus conclui a parábola dizendo que se não o atendesse, pela amizade, o faria pela inconveniência; e ainda lhe daria tudo o que fosse necessário.

2.2 Os elementos da parábola

Para Lucas, o aspecto central dessa parábola é a “invasão” da noite do amigo *importuno*. *Imaginaí que um de vós tem um amigo e, à meia noite, o procura* (v. 5). O amigo (*importuno*) adentra a privacidade de outro porque uma necessidade urgente veio inesperadamente a um tempo muito inconveniente. Quando uma provação, de maneira inesperada, bate à porta dos pobres é ao amigo de toda hora (Deus) que eles buscam “invadir” a privacidade. E o fazem por necessidade.

A cena se desenrola entre três amigos (o importuno, o visitante que chega de viagem e o que está dormindo com sua família). O viajante é, sem dúvida alguma, a surpresa do amigo *necessitado*. Naquele tempo, geralmente, as pessoas realizavam as viagens mais longas quando o sol já começava a se pôr, evitando assim o intenso calor e, conseqüentemente, as dificuldades no caminho. Não se sabe ao certo se, durante a viagem, o viajante enfrentou alguma situação desconfortável. Mas, sem dúvida, ela foi cansativa; e receber acolhida na casa de um amigo seria um verdadeiro alívio dessa desgastante jornada. A parábola não diz o nome do viajante, o lugar do qual saiu, o motivo da viagem, e muito menos o parentesco com aquele que o acolheu. Da mesma forma, a história narrada por Jesus não diz o nome daquele que acolheu a visita na sua casa e nem do amigo importunado. Mas apenas aquilo que foi solicitado: *três pães*. Jesus desenvolveu essa história partindo da necessidade daquele que pede, passando pela reação do importunado e a resposta obtida, a fim de catequizar os discípulos a respeito do sentido da oração.

2.2.1 A necessidade (v. 5-6)

Um dos amigos recebe, bem no meio da noite, uma visita que chegou de viagem. Por isso, ele (o *necessitado*) é, de certa forma, surpreendido por um conhecido (que poderia ser, talvez, um parente, não se sabe) que aparece em sua casa. A situação é desconfortável para o amigo *importuno*, pois além de receber bem tarde um viajante, precisaria ainda lidar com as necessidades da visita. Não é possível extrair da parábola, por exemplo, há quanto tempo foi a última refeição ou banho desse viajante e, muito menos, as reais condições nas quais o mesmo se encontrava. A parábola narrada por Jesus diz que ele foi à procura de um amigo solicitando amparo. Pois tinha duas necessidades: acolher o visitante e ter pão para oferecê-lo.

a) *Amigo, empresta-me três pães...*

Aqui se encontra a única intervenção/pedido do *necessitado*: *Amigo, empresta-me três pães, pois um amigo meu chegou de viagem e nada tenho para lhe oferecer* (v.5). Esse enunciado do amigo *importuno* conduz a uma reflexão a respeito das reais necessidades das pessoas simples que são constantemente encontradas nas comunidades paroquiais.

Diante da necessidade e sem possibilidade nenhuma de recorrer a um mercado naquela hora, o *necessitado* da parábola resolveu buscar ajuda onde certamente seria atendido: com um amigo. A saudação dirigida a ele vem seguida do pedido: *empresta-me três pães...* Gourgues (2005) esclarece que

O termo amigo (*philos*) volta três vezes em dois versículos. É um amigo que acaba de chegar de improviso no meio da noite (v. 6), e é só a um amigo que se pode incomodar a essa hora para pedir emprestado o que é preciso para acolher o outro amigo de maneira conveniente (v. 5). O clima é de amizade, e o pedido pode apostar em um, a priori, de benevolência. Essa notação desempenha um papel essencial, como mostrará mais diante a aplicação da parábola: “Se não se levanta para dar-lhe pelo fato de ser seu *amigo...*”¹.

A amizade é um elemento primordial para essa “invasão” à meia noite. Fausti (2021) observa que “meia-noite é a hora em que é grande a escuridão e distante a luz: a hora da necessidade mais aguda e da suma improbabilidade de cumprimento. È o momento mais distante do sol, que se foi e ainda não voltou”.²

Jesus ao narrar a parábola quer recordar que Deus, além de Pai, também se apresenta como amigo. É esse Amigo que as pessoas mais simples buscam, livremente, sobretudo, nos

¹ GOURGUES, 2005, p. 40.

² FAUSTI, 2021, p. 502.

momentos mais difíceis da vida. O sofrimento chega de tal maneira que apanha a pessoa desprevenida. Não marca hora, local e intensidade. A manifestação de um tumor cancerígeno, por exemplo, que surpreende determinada pessoa é como a chegada inesperada do amigo viajante, no meio da noite. Apanha-a totalmente desprovida do “alimento” necessário para suportá-la sozinho. Por isso, invadir a intimidade do amigo, mesmo na hora avançada, torna-se primordial para vencer a angústia. É dessa maneira de rezar que pessoas simples, na confiança, paciência e liberdade, buscam somente em Deus, o Amigo fiel, a esperança de encontrar o remédio para suas dores.

Sabe-se que, em virtude da Encarnação, Deus se revela e se comunica definitivamente no Filho. Portanto, Jesus é o rosto do Pai. *Quem me vê, vê o Pai* (Jo 14, 9b). Por isso, ir ao encontro do amigo, chamá-lo e implorá-lo, como fez o *necessitado*, é buscar em Jesus (a revelação do Pai) o amparo da amizade. Os exemplos das parábolas do samaritano e do rico e pobre Lázaro ilustram bem que Jesus é o amigo fiel a quem se pode recorrer. Porque Ele é também o próprio samaritano que ampara o homem caído e ferido na estrada (Lc 10, 33-35); e é a figura de Abraão que acolhe o pobre Lázaro, aliviando suas dores (Lc 16, 25-26). Segundo Bovon (2002)

A amizade tem suas regras, suas obrigações, suas exigências. A amizade os permite dar esse passo (a mesma coisa que permitiu que aquele que veio prematuramente incomodasse você). Os obriga também a acolher o visitante. Que vergonha para você se eu lhe dissesse no dia seguinte que tinha ido ficar em outro lugar. Aqui os deveres da amizade são combinados com as leis da hospitalidade³.

Naquele tempo, era tradição hospedar os visitantes e dar-lhes boa refeição. Joachim Jeremias (1978) lembra que “cuidar do hóspede é uma questão de honra no Oriente.”⁴ Portanto, há um fator decisivo: a hospitalidade. Negá-la a alguém era “motivo de vergonha no dia seguinte”⁵.

Consideremos também aquilo que o amigo *importuno* solicita: *empresta-me três pães*. Bovon (2002) diz: “Se trata, sem dúvida, de pães como temos na Síria. A hospitalidade exige, mesmo nessas horas, que haja o suficiente para comer.”⁶ O pão deveria ser inteiro. Seria um descaso oferecer sobra de pão a um visitante. Na verdade, a refeição não era composta simplesmente de pão; afinal, outros alimentos também eram servidos em pratos comuns. O costume era fatiar o pão, molhando-o no prato comum, antes mesmo de comê-lo. Por isso, ao pedir pão emprestado fica subentendido que a visita necessitava da refeição completa; e não

³ BOVON, 2002, p. 188.

⁴ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 159.

⁵ BOVON, 2002, p. 190.

⁶ BOVON, 2002, p. 188.

simplesmente de pão, que era a parte substancial. E era justamente do essencial que o *importuno* necessitava.

Ainda de acordo com Bovon (2002) “[...] insistindo, a partir dos três pães, na unidade da Trindade, Agostinho afirma isso: ‘O Deus que dá não tem nada melhor para dar do que Ele mesmo’. Isso é o que devemos desejar e pedir; não o que é visível e passageiro...”⁷. E ele prossegue dizendo que “o amigo importuno recebe finalmente os três pães do conhecimento da Trindade: compartilhará esta ciência com sua visita.”⁸ Portanto, receber a própria Trindade nas dificuldades da vida é o melhor alimento que sacia a fome. Pois, ao receber a Trindade se dividirá com a visita a refeição, que é sua luz e força nos momentos de tribulações.

b) *Porque um amigo meu chegou de viagem e não tenho nada a oferecer*

Aqui são apresentadas duas necessidades: a do amigo que chega cansado da viagem no meio da noite; e a impossibilidade do *necessitado* que não tem como oferecer – a não ser a hospedagem – uma digna refeição que pudesse sustentá-lo da longa e cansativa viagem.

O amigo que chega de viagem simboliza também a necessidade de cada ser humano assim como o fato de não ter nada a oferecer revela a pobreza na humanidade. São situações vividas por inúmeros paroquianos, especialmente, pobres quando relatam, com palavras ou apenas com o olhar cansado, suas lutas diárias frente a um sofrimento.

Já não bastasse a resistência do amigo: *Não posso me levantar, meus filhos e eu já estamos deitados...*, a busca pelo benefício (os pães) se torna uma luta. Pois, além de não ter o que oferecer à sua visita, tem que correr contra o tempo para atender a uma necessidade mais imediata: acolher sua visita que chegou desprovida à meia noite. É assim também, muitas vezes, a vida dos mais pobres e humildes que, diante de um sofrimento, ao buscar refúgio em Deus, procuram não só o favor da oração, mas enfrentam uma angustiante luta contra o tempo: contra a enfermidade que avança, o prato vazio em casa, as dívidas que crescem em virtude do desemprego e tantas outras adversidades. E é na oração confiante em Deus que buscam uma resposta para correr contra o tempo.

Bovon (2002) chama a atenção para a hora

O tempo é importante. É o dos ladrões, mais do que dos visitantes; o do medo mais o do que da alegria. Aqui se torna a hora da confiança e de coragem, na hora da prova de amizade. Esta prova, pela qual o amigo que viaja te faz passar, é aquela que agora é sua vez de fazer passar o seu amigo que já está dormindo⁹.

⁷ BOVON, 2002, p.199.

⁸ BOVON, 2002, p.199.

⁹ BOVON, 2002, p. 189.

Se Jesus mesmo afirma, na parábola, que Deus não é capaz de desamparar nenhum dos pequeninos então é hora de experimentar novamente a fidelidade de Deus; Ele que acolhe a dor e a necessidade daqueles que o suplicam. Como afirma Santo Agostinho

O que deves fazer então é bater à porta do próprio Senhor, daquele com quem descansa a sua família. Bate-lhe à porta, suplica, insiste. Ele não será como aquele amigo que, no mesmo lugar, só vencido pelo cansaço se levantou para dar. O Senhor quer dar. Se bateste à porta e ainda não recebeste, continua a bater, que Ele quer dar. E se tarda em dá-lo é para que mais desejes o que tardas em alcançar, para que não perca valor se for concedido rapidamente¹⁰.

Em outro momento deste sermão, Agostinho interpreta no *Excidio Urbis* de forma alegórica o amigo que chegou de viagem

Imagina que, porventura, um qualquer amigo teu vem cansado de uma viagem má, isto é, de uma vida má, não encontrando a verdade que o tornaria feliz se a ouvisse e acolhesse, mas antes arrastado por toda a ambição e pobreza deste mundo, vem ter contigo porque és cristão, e te diz: “Ensina-me a tua doutrina, faz de mim cristão¹¹”.

Embora Agostinho esteja falando de uma pessoa que se perdeu nas fugacidades e ilusões da vida, a alegoria também sugere uma mensagem para o propósito da reflexão aqui trabalhada. Sendo, nesse estudo, considerada a vida atribulada das pessoas simples e pobres. Uma tribulação pode ser também essa viagem má, amarga, sofrida, que desestabiliza, exigindo da pessoa um aprendizado da “doutrina de Deus” (de Sua vontade), neste momento de dor.

Um importante registro da parábola é que o amigo *importuno* acolhe em sua casa o visitante cansado e faminto. Ele não apresenta nenhuma desculpa: de não ter comida, e nem da hora já estar avançada. Interpretada mais uma vez de forma alegórica, pode-se imaginar que esse amigo que chegou de viagem, à meia noite, e foi acolhido em casa trata-se do próprio Deus. Pois Ele quer estar com a humanidade, especialmente, nos momentos de escuridão (meia noite); e ainda mais quando não se tem nada para oferecer, mas apenas receber.

Na fictícia história contada por Jesus está também a de inúmeras pessoas simples e pobres, que surpreendidas pela chegada de uma inesperada “visita” têm que abrir mão do conforto e sair em busca do “pão” para saciar a fome. A chegada de um sofrimento desinstala qualquer pessoa. Como já foi apontado anteriormente, é significativo que em nenhum momento da parábola o *necessitado* se desespera. Muito pelo contrário, percebe-se um sentimento na sua única fala: a confiança (de que seria amparado pelo amigo).

¹⁰ AGOSTINHO, Santo. *O DE EXCIDIO VRBIS e outros sermões sobre a queda de Roma* - Sermão 105, 2010, p. 89. Acesso em: 09 out. 2021.

¹¹ AGOSTINHO. Acesso em: 09 out. 2021, p. 87.

A segunda necessidade é a de que ele não tinha nada, na sua humilde casa, para oferecer ao viajante. A não ser a hospedagem que, como já visto, tratava-se de certa obrigação dos pontos de vista social e cultural. Colavecchio (2013) faz saber que o *necessitado* era pobre: “Jesus conta mais uma parábola. Um pobre recebe a visita de um parente do interior e não tem nada para oferecer-lhe de comer”¹².

A parábola afirma que o *importuno* ao bater à porta de seu amigo solicita *três pães* emprestados. “O verbo *xíxsemi* (empréstimo), raro no Novo Testamento, está bem escolhido. Designa o empréstimo amistoso, sem interesses”¹³. O *importuno* não tinha nada. Foi em busca do pão; ainda que de maneira paliativa. Geralmente, no Oriente, as famílias costumavam assar os pães para a semana inteira. De maneira que, não se sabe como o amigo *importuno* se descuidou e não estava com a própria despensa abastecida. Poderia-se imaginar um estado de carência material? Ou outra dificuldade? Seria uma possibilidade. Fato é que ele também estava na posição de necessitado.

Essa necessidade na parábola ilustra a vida de muitas pessoas simples e pobres que lutam com dificuldade e, ainda, são surpreendidas por um infortúnio. Observamos que o amigo *importuno* abre mão de uma noite tranquila de sono, no conforto de sua cama, e sai de madrugada em busca do pão para o visitante e, de certa forma, também para si mesmo. Pois naquele momento da noite o mercado já estava fechado, os vizinhos dormindo. E nesse sufoco e dificuldade só lhe restava recorrer a um fiel amigo.

Assim vimos acontecer com uma leiga simples, pobre em recursos, na paróquia¹⁴ onde trabalhamos em 2011. Não bastasse a triste notícia de um câncer de mama já avançado e quando estava para iniciar o tratamento, dias depois viu seu esposo ser demitido da empresa. Situação: uma família com dois filhos ainda na pré-adolescência; uma mãe que deveria cuidar dos filhos, mas acometida por um tumor; e o chefe da casa desempregado. Queremos dizer que, simbolicamente, era *meia noite* para essa família: o mercado estava fechado (o marido desempregado) e a despensa sem pães (a esposa sem saúde suficiente). E iluminados pela oração perseverante, testemunhamos a confiança dessa família no Amigo [fiel] de todas as horas. Porque, só a Ele poderiam recorrer neste momento (de escuridão e dor).

¹² COLAVECCHIO, R.L. *Jesus e a comunidade do reino no evangelho de São Lucas*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 77.

¹³ BOVON, 2002, p. 188.

¹⁴ Paróquia Nosso Senhor dos Passos, Sarzedo-MG, comunidade Santa Edwiges.

2.2.2 A reação do importunado (v.7)

O *necessitado* não tinha recursos suficientes, no momento, para suprir a visita que chegou de viagem. Ao sair em busca do alimento necessário estava convicto de que seu amigo o atenderia, que não se importaria de ser importunado à meia noite. Foi essa confiança que o levou a sair e enfrentar a escuridão e o frio. Contudo, se depara com nova dificuldade: o amigo que não quer ser incomodado e não pode atendê-lo naquele momento.

Não me incomodes, disse o amigo. Jamais se esperaria uma resposta como essa vinda de um amigo. Mas Jesus a insere na parábola para mostrar que: ainda que um amigo agisse desta maneira, ou seja, recusando amparo no momento de enorme dificuldade, Deus jamais desampararia aqueles que o procuram. Segundo Gourgues (2005)

A resposta do amigo encontra-se em dois tempos e de duas formas diferentes. A primeira reação, negativa, é descrita no v.7, no modo narrativo. A demanda vinha precedida pela interpelação “amigo” (v.5b). Não ocorre o mesmo com a resposta, que vem seca e não pode ser mais clara: “Não me importunes; não posso levantar-me para dá-los [os pães] a ti¹⁵.”

O aborrecimento do amigo incomodado foi tão grande que sequer se dirige ao *necessitado* o chamando, afetuosamente, de amigo.

Não me incomodes! Quantas vezes tem-se expressões como estas dirigidas às muitas pessoas simples e pobres que vivem suas dores: numa enfermidade, num desemprego, numa pobreza material. Pessoas que se encontrando em severos sofrimentos (à meia noite, da parábola) não têm mais tantas esperanças. Então Deus é a Única e verdadeira Esperança. É Aquele que nos permite ser incomodado a qualquer momento; porque se deixa encontrar.

A parábola narra ainda essa reação negativa do amigo (que tudo tinha para oferecer) alegando outros dois motivos: a porta já estava trancada e seus filhos já estavam deitados. Desses obstáculos encontrados na parábola observa-se a seguinte explicação de Joachim Jeremias (1978)

Já = há muito tempo (como também por ex. Jo 19, 28): o oriental vai dormir cedo. Já pela tarde é escuro na casa; a pequena lamparina de azeite, que fica acesa a noite inteira, asperge apenas um fraco clarão. ‘Há tempo a porta foi fechada’, ou seja, com a fechadura e a trava. A trava, uma viga de madeira ou de ferro, é passada pelas argolas que se encontram nas folhas da porta; tirar a trava é incômodo, exige esforço e faz barulho. ‘As crianças, bem como eu, estão na cama’: pensa-se numa casa de camponês, dum só cômodo; toda a família, deitada numa parte mais elevada da casa sobre um estrado, seria incomodada, se o pai-de-família se levantasse e retirasse a trava¹⁶.

¹⁵ GOURGUES, 2005, p. 41.

¹⁶ JEREMIAS, 1978, p. 159.

Como se vê as casas mais simples tinham apenas um cômodo; de maneira que se alguém se levantasse, poderia incomodar os demais. Era algo muito desagradável em virtude do horário. Além disso, para se locomover até a porta [e abri-la], ele teria que fazer todo um malabarismo; e ainda com o risco de acordar seus filhos. Isso demonstra que o amigo *importuno*, no momento de sua necessidade, se confrontou ainda com alguns obstáculos.

Um primeiro obstáculo que o *necessitado* encontra é que a porta já estava trancada. Pode-se imaginar a maneira com a qual ele serviu-se para acordar seu amigo: possivelmente batendo algumas vezes na porta, de forma insistente, e mesmo com voz alta, até despertá-lo. Intui-se na parábola narrada por Jesus que o *necessitado* não se desesperou; apenas apresentou sua necessidade ao amigo que poderia ampará-lo naquele momento. Essa atitude ousada daquele que bateu na porta até ser escutado se revela também na vida da maioria das pessoas simples encontradas nas comunidades de fé. Quando chega um sofrimento, sua oração e seu pedido parecem intensificar-se e sua atitude se assemelha à do amigo *necessitado* que bateu à porta até ser escutado.

Um segundo obstáculo é que os filhos já estavam deitados. Devemos levar em conta também a decisão que o amigo incomodado teria que tomar naquele momento: ajudar o *necessitado* e assim incomodar os filhos que estavam dormindo; ou deixá-los dormir e não ajudar o *necessitado*. Aqui entram as dificuldades, as tribulações das pessoas pobres, simples nas comunidades: que ao recorrer a Deus podem imaginar que, de certa forma, o estariam incomodando.

O terceiro obstáculo é que *Não posso me levantar* disse o amigo importunado, de dentro da casa, alegando os motivos. Percebe-se que o amigo não nega o pão; mas só diz que o momento não é apropriado. Porém, aqui há um fator decisivo: a hospitalidade. Negar acolhida a alguém era motivo de vergonha no dia seguinte¹⁷. Por isso, Jesus disse que se ele não fizesse em nome da amizade, o faria pela impertinência e, também, pela hospitalidade.

Jesus narra a parábola para mostrar a necessidade da oração insistente e da confiança de que aquele que clama, que bate, que grita, vai ser atendido. Há momentos nos quais a oração se apresenta assim: cercada de dificuldades; e Deus quer que cada um seja ousado, insistente. O homem tinha que ser atrevido a ponto de importunar seu amigo de madrugada. Esse verbo importunar, do grego *anaideia* significa *falta de vergonha, atrevimento*. É isso que Deus espera de cada um: ousadia

Precisamos fazer questão do que pedimos. Nesta parábola não temos a lição de que Deus deseja ser pressionado, ou que se formos importunos “moveremos” a mão de

¹⁷ BOVON, 2002, p. 190.

Deus! Observe que na parábola, apenas o momento é citado como um mau momento para o pedido ser atendido. Porém, quando o amigo observa o quanto aquilo era necessário, o quanto era persistente o pedido, por causa do esforço dele, por aceitar inclusive a vergonha de ser importuno, o amigo o atenderá, mesmo que seja para se ver livre do constrangimento. Muitas vezes Deus quer ver em nós o quanto um pedido de fato é importante, se de fato fazemos questão do que estamos pedindo e buscando, até onde estamos dispostos a ir em oração!¹⁸.

É significativa também a contribuição de Fausti (2021) que apresenta a figura do *amigo importunado* na perspectiva Eucarística e do Mistério Pascal. Para ele

Esta parábola é um comentário ao v. 3: dá-nos, a cada dia, o pão cotidiano”. Exortanos a uma oração sustentada por uma fé “impertinente” no amigo que dorme. O início e o fim falam de três pães dos quais temos necessidade – dom do amigo aparecido e acordado – para doar ao amigo que viaja na noite. Trata-se da Eucaristia que o coloca em comunhão de vida conosco e nós, por nossa vez, com quem ainda viaja nas trevas. Assim, circula em todos os irmãos a mesma vida do Filho, doado a nós pelo Senhor, morto e Ressuscitado.¹⁹

Aqui se vislumbra uma das maiores necessidades do ser humano em relação à fé-confiança em Deus: a de saciar-se do Pão ofertado que é o próprio Filho, imolado por nós. Ele é o Pão da vida (Jo 6, 35), descido do céu e que dá vida ao mundo (Jo 6, 33). É Jesus o Amigo que dorme (morto e sepultado), mas que acorda (ressuscita) para nos oferecer o Dom mais essencial. Para Fausti (2021) “o dom eucarístico exige uma fé ‘impertinente’ diante da porta fechada, capaz de atravessar a soleira da porta da casa do Pai e entrar no repouso dos filhos.”²⁰ E completa dizendo que “a insistência consiste no acreditar que o sono do amigo é exatamente o lugar no qual somos ouvidos: a sua morte é o dom de sua vida, feita para nós pão cotidiano.”²¹

Por isso, quando o *amigo importunado* parece insensível à nossa oração (*a porta já está trancada*), quando as tribulações parecem encerrar todas as possibilidades, então, é que vemos quase sempre as pessoas mais simples e carentes buscar diariamente na Eucaristia o alimento e a força necessária para suportar tamanho sofrimento. “Na Eucaristia, toda a glória de Cristo e dos seus santos acorda, se levanta e vem ao nosso encontro, para nos dar aquele Pão, que transforma a nós mesmos em pão para dar ao amigo.”²²

Por fim, a ousadia de buscar Deus na oração, ainda que por uma necessidade imediata, a exemplo do *necessitado* da parábola, mostra que Ele é o único (amigo) que pode socorrer o necessitado, quando não existe mais possibilidade nenhuma de se encontrar auxílio em outro lugar.

¹⁸ BOVON, 2002, p. 185.

¹⁹ FAUSTI, 2021, p. 501.

²⁰ FAUSTI, 2021, p. 501.

²¹ FAUSTI, 2021, p. 502.

²² FAUSTI, 2021, p. 504.

2.2.3 A resposta (v.8)

No v. 8 Jesus narra a reação positiva: *Digo-vos: mesmo que não se levante para dá-los por ser seu amigo, vai levantar-se por causa de sua impertinência e lhe dará quanto for necessário.* Dificilmente um amigo recusaria conceder amparo, numa situação de extrema necessidade, a outro amigo: ou ajudaria pela amizade ou para ficar livre do incômodo. De modo que o *necessitado* alcançaria, sem dúvida, o que pediu. É assim que Jesus conclui a história dizendo que a insistência é acolhida pelo amigo que estava dormindo. Ele quer, na verdade, apresentar o gesto de generosidade do amigo importunado. Se esse não foi capaz de desamparar um amigo, muito mais Deus seria incapaz de fechar os ouvidos às necessidades dos que sofrem.

Para Joachim Jeremias (1978)

[...] quem está no centro da narrativa não é o pedinte (assim o contexto lucânico), mas o amigo que é importunado no sono. A parábola trata, não da perseverança na oração, mas da certeza de atendimento na oração. Mas então é claro que a parábola quer argumentar “a minore ad maiorem”, levando à mesma conclusão que a parábola do juiz iníquo. Se já o amigo, perturbado no sono à noite, não divida um momento sequer em atender o pedido do vizinho que entrou em dificuldade, ainda que arranque toda a família do sono ao abrir retirando a trave da porta, quanto mais Deus! Ele ouve os que estão em angústia. Ele os ajuda. Faz mais do que pedem. Vocês podem confiar nisto com toda certeza!²³.

Numa de suas audiências da catequese sobre a oração perseverante o Papa Francisco, refletindo a parábola do amigo importuno, ensina que

O ensinamento do Evangelho é claro: é preciso rezar sempre, até quando tudo parece em vão, quando Deus nos parece surdo e mudo, e que perdemos tempo. Mesmo que o céu se ofusque, o cristão não deixa de rezar. A sua oração anda de mãos dadas com a fé. E a fé, em muitos dias da nossa vida, pode parecer uma ilusão, uma labuta estéril. Há momentos escuros na nossa vida e nesses momentos a fé parece uma ilusão. Mas praticar a oração também significa aceitar esta dificuldade. “Pai, vou rezar e não ouço nada... Sinto-me assim, com um coração seco, com um coração árido”. Mas devemos continuar, com a dificuldade dos maus momentos, dos momentos nos quais não sentimos nada. Muitos santos e santas viveram a noite da fé e o silêncio de Deus - quando batemos à porta e Deus não responde - e estes santos foram perseverantes. Nestas noites de fé, quem reza nunca está sozinho. Na verdade, Jesus não é apenas testemunha e mestre de oração, é muito mais. Ele acolhe-nos na sua oração, para podermos rezar n'Ele e através d'Ele. E isto é obra do Espírito Santo²⁴.

O evangelista Lucas apresenta no capítulo 18 (1-8) outra parábola contada por Jesus, para falar não só da oração persistente; mas também mostrar que Deus não desampara aqueles que o procuram. Trata-se da parábola da viúva e do juiz iníquo. Ela se sentia injustiçada e

²³ JEREMIAS, 1978, p. 160.

²⁴ FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/aud-geral-2021-09-27.html>. Acesso em: 27 de set. 2021.

constantemente pedia o juiz para fazer-lhe justiça contra seu adversário. Por muito tempo ele se recusou; e finalmente, resolveu atender a viúva, para ficar livre dela que o cansava; e assim não correr o risco de ser esbofeteado. Jesus conclui a parábola dizendo que Deus não faria justiça aos seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os fizesse esperar? (18, 7).

Na parábola do amigo importuno Lucas apresenta alguns pontos em comum: pedido, recusa da necessidade e resposta. Porém, na concepção de Gourgues (2005) o evangelista apresenta a parábola na perspectiva escatológica

Deus tarda a fazer justiça a seus eleitos, como o juiz tardou a fazer justiça à viúva. Essa demora, como indica no v.8 a questão final, é a demora da parusia, ou antes, adotando os mesmos termos que Lucas, do momento em que o Filho do Homem virá. Já no v. 7 a referência escatológica se deixa talvez entrever no termo “eleitos” (eklertoí), que o Novo Testamento utiliza precisamente em contexto escatológico. Ocorre o mesmo com o termo ekdikesis (fazer justiça) que se encontra em um contexto semelhante em Lucas 21, 22 [...] Desse modo, a experiência da oração em função da qual é lida a parábola do juiz e da viúva adquire um rosto bem preciso. Essa experiência, que se refere ao tempo da Igreja (seria um outro indício em favor da adição?), é a dos crentes que clamam dia e noite a um Deus que demora a intervir em seu favor (v. 7), tentados a perder a confiança nele, a abandonar a fé: “O Filho do Homem, quando vier, ainda encontrará fé (pistis) sobre a terra?”²⁵.

Ainda na visão de Gourgues, Lucas pensa em um tempo de provação ou de tribulações atravessado pelas comunidades. Enfim, a parábola da viúva e do juiz iníquo exorta à persistência na oração no seio da provação e na espera de uma intervenção escatológica que tarda. Ela torna-se uma exortação à oração como manifestação da fé que se mantém apesar de tudo em meio às dificuldades²⁶. Se Deus não intervém agora em favor dos seus que enfrentam essas dificuldades, deve-se conservar a segurança de que o fará, e que então lhes fará justiça sem demora. Fabris (2006) também apresenta a parábola nessa mesma linha escatológica

Deus com certeza assumirá a causa de seus eleitos, fará justiça plena aos que lhe suplicam. Esta interpretação da parábola, que põe em comparação um juiz iníquo deste mundo com o modo de agir de Deus, baseia-se no pressuposto bíblico de que Deus é o defensor dos fracos e dos oprimidos (cf. Sr 35, 12-18; Dt 10, 17-18). No atual contexto de Lucas, a parábola está relacionada com a situação dos discípulos que vivem numa condição de perseguição, enquanto se faz esperar a intervenção libertadora de Deus. Por que o Senhor demora? Por que fica calado? É a pergunta que atormentava os justos oprimidos na história do povo de Deus (Sl 44, 23-25; 89, 47; Hab 1, 2-4). Na Igreja de Lucas, esta interrogação sobre o silêncio de Deus se torna pergunta acerca da vinda do Filho do Homem. Quando, Senhor? Perante esta espera, capaz de se tornar decepção, o evangelista lembra a promessa de Deus: com certeza ele intervirá para libertar os que o invocam (18, 7). A demora não é devido ao descuido, como no caso do juiz iníquo, mas à paciência de Deus, que com a espera quer deixar espaço para a conversão e salvação (cf. 2 Pd 3, 9; Ap 6, 9-11). Mas exatamente em relação a isso há motivo para refletir e se perguntar: “Quando o Filho do Homem vier, encontrará fé sobre a terra?”²⁷.

²⁵ GOURGUES, 2005, p. 46.

²⁶ GOURGUES, 2005, p. 48.

²⁷ FABRIS, 2006, p. 176.

Ora, com toda certeza, Deus faria justiça aos que o suplicam. Como afirma Gourgues (2005)

Deus é alguém seguro, com o qual se pode contar como se conta com um amigo, com a certeza de que não decepcionará, mesmo que se faça rogar. Imaginando o pior caso, diz a parábola do juiz e da viúva (18, 1-8), tem-se a enfrentar a malevolência e a iniquidade, mas quem é persistente termina por ser atendido. Com maior razão no caso de Deus, que é bom e benévolo para com os seus [...] Porque o Deus que se manifestou agindo no passado continua agindo agora e sempre. Posso voltar-me com confiança para um Deus que sei que é vivo e que permanece presente em nossa história²⁸.

Jesus conclui as parábolas exortando tanto à perseverança quanto a confiança; porque sabe que Deus terminará por nos escutar. O perigo é fazer Deus parecer um simples pai que resistindo, inicialmente, aos caprichos dos filhos, acaba por ceder mais tarde às suas vontades. Então para Gourgues (2005)

Na realidade, examinando bem, as duas parábolas insistem no fato de que é preciso demandar, na certeza de que se obterá resposta. Mas não está dito que se obterá exatamente o que se demandou. Isso ressalta, sobretudo, da primeira parábola e de seu contexto²⁹.

A oração, portanto, não deve ser concebida como uma campainha. A confiança me faz acreditar em um Deus misericordioso e que escuta a oração de cada pessoa. A fé, portanto, é um abandono; e faz esperar Dele o que há de melhor, ainda que isso não corresponda exatamente ao que havia sido pedido.

2.3 A catequese de Jesus

A partir da parábola do *amigo importuno* tem-se duas aplicações, segundo Gourgues³⁰ dos vv. 9-13. A primeira (v. 9-10) no tom de exortação insistente, retomada três vezes em termos diferentes: “Pedi, procurai, batei”. O desfecho conduz à crença nas palavras de Jesus: *De fato, todo aquele que pede, recebe; quem procura, encontra; e para quem bate, a porta será aberta* (v. 10).

2.3.1 Pedir, procurar e bater à porta (v. 9-10)

Esses três verbos possuem uma dimensão religiosa para o judaísmo. São usados para indicar uma postura cheia de fé daquele que ora, com a certeza de que Deus escuta sua

²⁸ GOURGUES, 2005, p. 50.

²⁹ GOURGUES, 2005, p. 52.

³⁰ GOURGUES, 2005, p. 42.

oração. Ao mesmo tempo, são um convite de Jesus para que o homem se aproxime de Deus com amor filial, com ternura especial e repleto da confiança de que Deus cuida dele em suas necessidades.

Nas palavras de Gourgues (2005) “o que se ressalta da parábola não é só a idéia de que é preciso orar na certeza de ser escutado, mas ainda a de que é preciso orar sem desanimar.”³¹ Até porque nem sempre sabemos o que pedir em nossas orações. Por isso que para Grun (2019)

Há aquelas que se queixam: “Rezei tanto para que Deus me livrasse da depressão, mas mesmo assim não me sinto melhor”. “Rezei tanto pela minha mãe, que sofria de câncer, e mesmo assim ela morreu”. A oração não pode ser vista como uma garantia de que Deus retirará determinada depressão ou doença. Seu objetivo é me transformar, ela quer que eu me entregue a Deus em minha impotência, passando a me sentir apoiado por ele. Posso lhe perguntar o que pretende me dizer com a depressão, a doença. Assim, pode ocorrer uma transformação dentro de mim em relação à minha depressão ou doença³².

É necessário rezar sempre, sem desistir. Se Deus demora a nos atender, antes de tudo, é para que a fé cresça, até acreditar em seu amor sem outra prova que o seu próprio amor, testemunhado exatamente no seu sono³³. Por outro lado, às vezes, a demora em ser atendido só aumenta o desejo, aumentando conseqüentemente a capacidade de acolher a graça.

Por isso, a “impertinência” da fé ousa pedir, procurar e bater exatamente diante do silêncio de Deus, na certeza de obter, encontrar e ser acolhida. Sabe o que é esse sono do amigo: é a insistência de Deus, que revela ao homem todo o seu amor. Tal fé ultrapassa o próprio muro da morte na invocação do amigo³⁴.

Santo Agostinho ensinava que não obtemos o que pedimos porque pedimos mal, isto é, porque pedimos com um coração mau ou sem confiança e humildade ou coisas más. O autor da Carta de Tiago também nos diz que “*Não possuís porque não pedis. Pedis, mas não recebeis, porque pedis mal, com o fim de gastardes nos vossos prazeres*” (Tg 4,3). É preciso continuar pedindo, procurando, batendo. Se o pedinte persistir em chamar seu amigo, obterá o pão; se ele desistir, voltará para casa de mãos vazias.

2.3.2 Pedir um peixe e um ovo (v. 11-13)

Na segunda aplicação (v. 11-13) Jesus compara a atitude dos dois pais. Ele diz que apesar das fraquezas humanas, um pai sabe oferecer coisas boas aos filhos, num momento de

³¹ GOURGUES, 2005, p. 43.

³² GRUN, 2019, p. 39.

³³ FAUSTI, 2021, p. 504.

³⁴ FAUSTI, 2021, p. 504.

necessidade; quanto mais Deus, o pai do céu, não será capaz de fazer. E fará muito mais.

Nenhum pai ou nenhuma mãe trata mal um filho que pede e suplica, mesmo quando não pode atender o pedido do filho, não lhe dará uma pedra com a qual poderá machucar-se, muito menos um escorpião ou cobra venenosa que poderá matá-lo. Ora se os pais humanos tratam assim seus filhos, quanto mais nosso Pai do céu nos trata com cuidado. Daí surge a necessidade de pedirmos bem, pois Deus não poderá nos dar algo que possa nos fazer mal. Ainda segundo Gourgues (2005) “esses versículos desenvolvem, sob a forma de uma antítese que opõe a conduta dos homens (vv. 11-12) à de Deus (v. 13), não só a idéia de que Deus ouve a oração (vv. 9-10), mas de que a ouve dando o que é bom.”³⁵ Ou seja, concedendo o Espírito Santo, na concepção de Lucas.

O que Deus dará é a antecipação do Reino pelo Espírito Santo. Bovon (2002) conclui dizendo que

Esta menção do Espírito Santo não significa que Deus não aceita nada além de súplicas de tipo espiritual. Os exemplos dos vv. 11-12 se opõem a essa ideia. O dom do Espírito de Deus pode ser apresentado na forma de pão de cada dia, de um afeto humano ou de um acontecimento feliz. O mesmo que o AT, tampouco o NT dissocia radicalmente os bens espirituais dos bens materiais³⁶.

Para Masseroni (1999) “a eficácia da prece constitui, entretanto, uma ‘desproporção’”. Na sua visão, a resposta de Deus é sempre maior que as nossas súplicas, que as nossas expectativas. Ainda que, por vezes, ‘misteriosamente’ diferente. Por isso, a prece é o poder do discípulo³⁷. O autor segue dizendo que

Eis a grande resposta à prece de súplica: a dádiva do Espírito. A promessa de Deus ultrapassa toda espera, transcende a imaginação humana (v. 13). O segredo da eficácia não se fundamenta apenas na confiança, mas, também, na disponibilidade de acolher os grandes bens da era messiânica: essas prospectivas do Reino são lembradas no “Pai-nosso”. Entre os bens que Mateus chama “coisas boas (Mt 7, 11), Lucas enfatiza que o Pai dará o Espírito. Se o “Pai-nosso” (Lc 11, 2-4) se constitui na mais alta síntese da mensagem evangélica, de forma a ser a prece exemplar, aqui Jesus vai mais a fundo nas raízes. Ele parece dizer que, antes de perguntar como se aprende a rezar (Lc 11, 1), é necessário pedir a presença do Orante: a presença do Espírito Santo que “intercede” em nós e para conosco (Lc 11, 13; Rm 8, 26)³⁸.

A oração é infalível se pedirmos o que é conforme a vontade de Deus, com uma confiança que tudo deseja e nada retém impossível, com uma humildade que nada pretende e tudo atende³⁹. Por isso, as nossas orações deveriam encerrar-se sempre com o pedido que o próprio Jesus nos ensinou “*Seja feita a tua vontade*” (Mt 6, 10).

Como se trata da pesquisa da oração perseverante nas severas provações das pessoas

³⁵ GOURGUES, 2005, p. 43.

³⁶ BOVON, 2002, p. 197.

³⁷ MASSERONI, 1999, p. 73.

³⁸ MASSERONI, 1999, p. 75.

³⁹ FAUSTI, 2021, p. 510.

mais simples e pobres adicionamos um item que fala dos “amigos necessitados” nas comunidades de fé. Com isso, apresentar a carência concreta de “pão” dessas pessoas que nunca perdem a fé-confiança em Deus. Antes disso, descrevemos, brevemente, a atitude esperada das lideranças comunitárias, das quais me incluo, para com as necessidades dessas pessoas simples e pobres.

2.4 Uma Igreja (comunidade) atenta às carências do “amigo importuno”

No encontro que teve com o Clero da Diocese de Roma em 06 de março de 2014, o Papa Francisco dirigiu-lhes a seguinte exortação

[...] Hoje podemos pensar a Igreja como um “hospital de campo” [...] É necessário curar as feridas, e elas são numerosas. Há tantas chagas! [...] Nós, sacerdotes, devemos estar ali, próximos destas pessoas. Misericórdia significa, antes de tudo, curar as feridas. E vós, amados irmãos — pergunto-vos — conheceis as feridas dos vossos paroquianos?⁴⁰.

A Igreja em saída, que nos propõe o Papa, nos possibilita um encontro de ricas experiências, porque além de ser lugar de acolhida e amparo para os sofredores, torna-se também lugar de transformação e conversão para os seus membros. Quem se aproxima dos sofredores: pobres, oprimidos, aflitos, pecadores, se assusta e se surpreende com as suas chagas abertas, tem a oportunidade de compartilhar da paixão vivenciada pelo outro, compadecer-se. Contudo, quase sempre, deste mesmo encontro sai maravilhado com a capacidade que possuem de resistir e confiar na Providência Divina.

O encontro com o próximo, pobre e sofredor, é mesmo um encontro com Cristo: onde tocamos as suas chagas e por Ele somos iluminados, transformados!

O ministério ordenado, por excelência, vivido conforme orienta a Igreja, ao estilo de Jesus Cristo, como serviço, proximidade, compaixão e ternura, permite um encontro íntimo com as misérias humanas, na escuta das confissões, nas visitas aos doentes, nas conversas de aconselhamento espiritual e nos serviços diversos desempenhados.

As pastorais organizadas e disponibilizadas nas Paróquias, também cumprem função importante na promoção do encontro e acolhida aos mais necessitados. As Conferências Vicentinas, a Pastoral da Escuta, os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística que levam a Comunhão aos paroquianos restritos ao lar, a Pastoral da Saúde, entre outras, são

⁴⁰ FRANCISCO, Papa. *Discurso aos párocos da Diocese de Roma*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican.pt/pt/2014/03/20140306-discurso-papa-romanos.html>. Acesso em: 22 out. 2021.

compostas por pessoas voluntárias, que se dispõem em visitar, escutar, acolher e oferecer algum conforto às pessoas que sofrem.

Aqui apresentamos alguns casos acompanhados tanto pelo padre, quanto por lideranças e outros agentes de pastorais, de pessoas e famílias humildes que viveram, ou ainda vivem algum sofrimento, e que através da oração livre, insistente e confiante encontram forças para resistir e manter a esperança. São dramas diários que enfrentam essas pessoas e que as fazem agir como o *amigo importuno*: na confiança de que o Amigo não desampara suas dores. A maioria dessas pessoas está engajada em algum grupo Pastoral ou Movimento.

2.5 Os três “pães” da Igreja

Quando Jesus narra uma parábola ele quer aplicá-la às atitudes dos seus opositores, também de seus discípulos, e ainda do povo. O trabalho aqui realizado a respeito da oração perseverante e confiante, das pessoas mais simples e pobres, que são encontradas nas diversas comunidades de fé, tem como referência essa história encontrada no Evangelho de Lucas.

Depois de desenvolver esse drama da parábola, aqui denominada *do amigo importuno* em três partes (necessidade, recusa e resposta), será apresentada ainda uma quarta: a preocupação e percepção da Igreja com a situação das pessoas mais simples e também pobres inseridas no contexto paroquial.

Como o *amigo importuno* estava necessitado de **três pães** para amparar *um amigo que chegou de viagem*; então, alegoricamente, e com intuito de ilustrar melhor o que se deseja explicitar, apresentamos aqui três reais preocupações da Igreja, para com essas pessoas que vivem constantes provações e que clamam por uma resposta aos seus anseios. Como expressado no Livro dos Salmos: “*Atende-me depressa, Senhor, meu espírito desfalece. Não escondas de mim a tua face, para que eu não me assemelhe aos que descem à cova*” (Sl 143,7).

A Santa Mãe Igreja, fiel e atenta à Palavra do Mestre, sempre demonstrou, especialmente, para com as pessoas que sofrem, profundo sentimento de compaixão e caridade. Por isso, traduzindo a parábola do *amigo importuno* para a vida eclesial apresentam-se aqui, alegoricamente, três situações que visitam essas pessoas simples e humildes e, que são objetos de atenção da Igreja: a enfermidade, a pobreza e a morte.

2.5.1 A enfermidade

A Igreja sempre esteve muito atenta ao sofrimento humano. E “vê nele um mal que não deveria existir”⁴¹. É preciso ter um cuidado especial para com essa fragilidade que invade a vida do homem. “A enfermidade se apresenta na Bíblia como um estado de debilidade e de fraqueza, o pior de todos os males, como, por exemplo, em Eclesiastes 30,17 e 31,2”⁴².

No contexto do Antigo Testamento surge a concepção da doença como castigo de Deus pelos pecados que o homem cometia; sendo um sinal da ira divina em resposta à infidelidade do povo que ele havia escolhido como eleito. Nesse ponto é importante ressaltar que o mal não parte de Deus, mas se torna um reflexo do coração impuro do homem, como se o pecado da humanidade voltasse sobre si mesma. Desse modo, a enfermidade estava ligada diretamente ao aspecto religioso, muito mais do que médico. Baldessin (2008) completa que “a partir da Aliança, o castigo adquire outro sentido: é uma justa represália de Deus contra a infidelidade do povo que escolhera como seu eleito”⁴³.

Exemplos de castigo aplicados por Deus por causa da falta de confiança e da infidelidade do homem estão na figura de Davi que O desobedece ao recontar o povo (1º Cr 21), devido a essa transgressão, o povo sofre com a peste; ou ainda na explícita ameaça a aqueles que porventura se desviarem dos caminhos do Senhor: “*Ainda mais, o Senhor fará vir sobre ti todo tipo de doença e de pragas que nem estão mencionadas no livro desta lei, até que sejas destruído*” (Dt 28, 61).

Em um primeiro momento, a rigidez da lei pode transmitir a imagem de um Deus vingativo e impiedoso, mas, como dito anteriormente, o castigo não se tratava de algo gratuito e sim, uma resposta como reflexo da falta de amor do povo.

A enfermidade trata-se de um estado e não de uma característica, dizemos estar doentes, não somos doentes. Da mesma maneira, a infidelidade do homem deve ser um estado, de modo que Deus busca recordá-lo da sua verdadeira natureza e da necessidade de se converter e se tornar fiel ao caminho do Senhor.

No Novo Testamento, a doença passa a ter um novo sentido, a oportunidade de se encontrar com Deus e ser curado, não apenas fisicamente, mas espiritualmente. Jesus que acolhe a miséria do coração de cada homem e o perdoa. A lei mosaica, enraizada no peito

⁴¹ BALDESSIN, Pe. Anísio. *Assistência religiosa aos doentes: aspectos bíblicos*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 10.

⁴² BALDESSIN, 2008, p. 10.

⁴³ BALDESSIN, 2008, p. 11.

daquele povo, aos poucos vai se convertendo em uma nova lei: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

Segundo Vendrame (2001)

No Novo Testamento, encontramos o sentido profundo da doença, que nos ajuda a compreender o sofrimento humano. Os Evangelhos chamam, fartamente, nossa atenção para isso, citando repetidamente o grande número de doentes que procuravam Jesus, os quais ele atendia com a cura. Dentre seus milagres, é a cura de doentes que mais se destaca. E a atitude mais característica e marcante de Cristo diante dos enfermos é a de compaixão e piedade, levando-o a aliviá-los de seus sofrimentos. Jesus desaprova a ideia de que a doença sobrevém como castigo divino, em razão do pecado (Jo 9,3). Um dos sinais do Reino de Deus é exatamente a cura dos enfermos⁴⁴.

A cura do cego de nascença (Jo 9,1-41) nos remete claramente à quebra do paradigma vigente à época, o que causou enorme desconforto aos fariseus, de modo que Jesus desassocia a doença do pecado, conferindo à mesma a manifestação de Deus na vida daquela pessoa. Porém, aos olhos cegos dos fariseus, era Jesus quem estava errado ao dar um novo sentido à lei de Moisés.

Nos Atos dos Apóstolos afirma-se que Jesus passou pelo mundo fazendo o bem e curando a todos (10, 36-38). É importante salientar a universalidade do amor de Jesus, no sentido que a cura efetuada por Ele não se restringia aos seus amigos, mas alcançava a todos, inclusive, aqueles considerados inimigos e impuros. A pessoa que se encontra em uma situação de debilidade física necessita de uma assistência não só médica, sobretudo, espiritual. Dessa maneira, ela deve ser acolhida, sem julgamentos, não sendo rejeitada por estar impura e por isso não poder ser tocada pelos sacerdotes como expresso no Antigo Testamento.

Na carta de São Tiago, ele exorta que chame os presbíteros em caso de enfermidade (5, 14) para que esses possam ungir o doente e, desse modo, fortalecê-lo não apenas no físico, mas principalmente no espírito. Havendo, inclusive, dentre os sacramentos cristãos, um intimamente ligado à doença e destinado ao reconforto daqueles que sofrem: a Unção dos Enfermos.

No Ritual, encontramos a fórmula destinada à Unção dos Enfermos: “*Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade alivie os teus sofrimentos.*”⁴⁵

O CIC (n.1509), na parte sobre o Sacramento da Unção dos Enfermos, diz que

“Curai os enfermos!” (Mt 10,8). A Igreja recebeu esta missão do Senhor e esforça-se por cumpri-la tanto pelos cuidados aos doentes como pela oração de intercessão com

⁴⁴ VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 15.

⁴⁵ SACRAMENTÁRIO. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 184.

que os acompanha. Ela crê na presença vivificante de Cristo, médico da alma e do corpo. Esta presença age particularmente por intermédio dos sacramentos e, de modo especial, pela Eucaristia, pão que dá vida eterna a cujo liame com a saúde corporal São Paulo alude.

Aquele que se encontra doente, também está muito fragilizado e necessita de atenção dos demais e da Igreja. Os sacramentos convidam à relação com Deus e com a Igreja, mesmo no momento de dor, como visto, a Igreja estende a mão e acolhe o sofrimento para convertê-lo em sinal de Deus para aquela pessoa e/ou sua família.

Muitas vezes por não saber bem como lidar com essas situações de dor, grande parte das pessoas recorre às expressões com a ideia de justificar o sofrimento e a enfermidade, sem refletir a respeito do sentido dessas palavras. No entanto, é importante evitar e não alimentar determinadas frases, tais como:

- **“É vontade de Deus; Deus sabe o que faz”**: Será mesmo que a doença faz parte do projeto de Deus, que essa é sua vontade? Deus desejaria mal a seus filhos? A frase corta qualquer possibilidade de comunicação. É difícil para nós nos sentirmos impotentes diante do sofrimento, então culpamos Deus. Seria mais honesto reconhecer que não compreendemos certos porquês e oferecer ajuda àqueles que sofrem.
- **“Coragem, você tem que ser forte”**: É um convite a negar os sentimentos: raiva, revolta, tristeza e medo, os quais fazem parte do processo do sofrimento. Onde fica a parte humana? É terapêutico, reconhecer legítimas as várias expressões do estado de alma e todas as etapas pelas quais se deve passar no contexto da superação de uma situação difícil. Cabe àqueles que estão próximos demonstrar compreensão e afeto sincero.
- **“É preciso sofrer para ganhar o céu”**: Jesus não veio para nos ensinar a sofrer, mas como amar e viver a fraternidade. Enxergar apenas o sofrer do Cristo, é ignorar todo o caminho percorrido por Ele, como se esse se limitasse à Via Sacra. Muitas vezes o sofrimento permanece um mistério. Desse modo, perceber o Amor em meio ao sofrimento dá total sentido, afinal, há um que é amado (o enfermo), aquele que ama (e por isso cuida do doente) e a fonte do amor (que é o próprio Deus). Então é preciso amar para ganhar o céu.

A esta altura podemos nos perguntar: o que dizer a quem sofre, então? É difícil saber exatamente. Não existe uma fórmula mágica, infalível para resolver o problema. Mais fácil é tomar consciência do que não se deve dizer, como visto anteriormente.

Cada situação é completamente diferente da outra. Cada pessoa é inteiramente original e única. Não podemos ter o mesmo comportamento para com todos, usando sempre as mesmas frases ou textos, como se todos estivessem passando pela mesma situação. Aqui faz-se necessário o uso da sensibilidade e inclusive, se for o caso, o silêncio.

A criatividade do amor nos faz ver o que é mais conveniente e apropriado para cada circunstância. O mais importante não é saber o que dizer, mas simplesmente ser presença viva do amor de Deus. O silêncio é também uma forma de comunicação e respeito. Acontece que não sabemos mais como valorizar o silêncio. Na hora do sofrimento, dificilmente lembramos o que as pessoas dizem, mas nos recordamos de quem esteve ou não presente na visita, seja no hospital ou na casa. Assim a presença e a escuta são fundamentais.

Inclusive, o hospital em si, como lugar físico, está relacionado à presença da Igreja e às obras de caridade, no sentido de que esse foi criado para hospedar os enfermos que não tinham condições financeiras suficientes para contratar os médicos para as próprias casas. Sendo as ordens religiosas, por exemplo, as responsáveis pela criação dos primeiros hospitais, ainda na Idade Média. Dessa maneira, com o intuito de auxiliar as pessoas mais humildes foram construídos locais para hospedar os enfermos, daí o nome *hospital*.

Em 2018, na ocasião do Dia Mundial do Enfermo, em 11 de fevereiro, o Papa Francisco dirigiu as seguintes palavras

A Maria, Mãe da ternura, queremos confiar todos os doentes no corpo e no espírito, para que os sustente na esperança. A Ela pedimos também que nos ajude a ser acolhedores para com os irmãos enfermos. A Igreja sabe que precisa duma graça especial para conseguir fazer frente ao seu serviço evangélico de cuidar dos doentes. Por isso, unamo-nos todos numa súplica insistente elevada à Mãe do Senhor, para que cada membro da Igreja viva com amor a vocação ao serviço da vida e da saúde. A Virgem Maria... ajude as pessoas doentes a viverem o seu sofrimento em comunhão com o Senhor Jesus, e ampare aqueles que cuidam delas⁴⁶.

Ainda é bom lembrar que o doente não é somente objeto de nossa ação pastoral (nós é que sabemos o que é bom para ele, que orações ele precisa fazer, textos para ler, etc.) mas ele é sujeito e também nos evangeliza. Quantos testemunhos extraordinários de fé, amor, esperança e aceitação dos limites encontramos neste trabalho. Muitas vezes fomos confortar o irmão e saímos confortados com o seu exemplo de fé e confiança em Deus.

⁴⁶ FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o XXVI Dia Mundial do Doente*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican>. Acesso em: 29 out. 2021.

2.5.2 A pobreza

No mundo é preocupante o número de pessoas na condição de miseráveis, ou seja, que estão abaixo da linha de pobreza. E que não têm sequer o mínimo para sobreviverem, diariamente. Também o número de pessoas que são consideradas pobres é grande. Essas pessoas vivem com menos de 200 reais por mês. Por outro lado, segundo dados da Oxfam⁴⁷ pouco mais de 1% da população mundial concentra 99% da riqueza de todo o planeta. Isso é realmente inconcebível, inaceitável e injusto.

Já nos anos 60 e 70, a Igreja Latino-Americana denunciou esse pecado da ganância contra os mais pobres. Uma de suas principais vozes proféticas foi o padre peruano Gustavo Gutiérrez, que também é um dos fundadores da *Teologia da Libertação* na América Latina. Em 1968, com a II Conferência do Episcopado Latino-americano, em Medellín (Colômbia), a Igreja reforçou sua opção preferencial pelos mais pobres e sofredores. Os vários pronunciamentos e documentos falavam do compromisso com a libertação dos oprimidos e pobres. Ela foi chamada a denunciar a extrema miséria e, sobretudo, a situação de opressão e alienação em que vivia a imensa maioria da população latino-americana. Foi convidada a ser, antes de tudo, ela mesma, testemunha de pobreza, e assim falar dos pobres e para os pobres, comprometendo-se com a causa deles.

No seu livro *Beber no próprio poço* o padre Gutiérrez escreve que

Somente mediante este tipo de compromisso com os pobres será possível vivermos autenticamente a pobreza espiritual, enquanto desprendimento dos bens deste mundo. E são inumeráveis os textos e os testemunhos referentes a esse propósito. Trata-se de uma atitude responsável de cada cristão, mas, também, do conjunto da Igreja. Escrevem os religiosos da CLAR neste sentido: “hoje, mais do que nunca, acreditamos que, para o exercício de sua missão no Continente, a Igreja necessite da presença ativa de comunidades religiosas como verdadeiros sacramentos vivos (sinais e instrumentos) do reino de Deus, em favor dos pobres. Para isto, urge que os religiosos, na prática, deixem de se solidarizarem com as injustiças do sistema atual; que, em qualquer lugar onde estiverem, deem — por seus espíritos, seus modos de vida e suas estruturas —, um testemunho claro de pobreza evangélica (cf. Medellín, Pobreza, n. 16)⁴⁸.

No IV Encontro Mundial com os Movimentos Populares (16 de outubro de 2021)⁴⁹ realizado de modo virtual, o Papa Francisco salientou que o contexto da pandemia acirrou ainda mais as desigualdades sociais, o sofrimento dos pobres, aumentou a quantidade de indigentes nas ruas e de pessoas em situações extremamente precárias. Além disso, o aumento

⁴⁷ **Oxfam** é uma confederação de 19 organizações e mais de 3000 parceiros, que atua em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, da desigualdade e da injustiça, por meio de campanhas, programas de desenvolvimento e ações emergenciais.

⁴⁸ GUTIÉRREZ, 1984, p. 136-137.

⁴⁹ O Encontro aconteceu em duas etapas: na primeira, em julho, foi realizada uma reunião com os representantes dos Movimentos Populares do mundo inteiro; e a segunda, em 16 de outubro foi realizada pela plataforma zoom.

nos preços dos alimentos vem se tornando um obstáculo para aqueles que pouco tem e que por isso estão famintos, muitas vezes indo viver nas ruas.

A fome humilha o ser humano, criado à imagem e semelhança do Criador; e destinado a cuidar e administrar toda a criação. Ela causa enorme sofrimento na vida e escancara a desigualdade que paira sobre a sociedade, nas palavras do Papa Francisco

Produzimos comida suficiente para todas as pessoas, mas muitas ficam sem o pão de cada dia. Isso ‘constitui um verdadeiro escândalo’, um crime que viola direitos humanos básicos. Portanto, é um dever de todos extirpar esta injustiça através de ações concretas e boas práticas, e através de políticas locais e internacionais ousadas⁵⁰.

Compreender que a fome é algo que pode ser combatido com a adoção de políticas públicas e a atenção com os mais pobres é algo fundamental. O gesto de Jesus de repartir o pão nos ajuda a compreender o que deve ser feito: distribuir o que é produzido de maneira justa e igualitária entre os irmãos. A fome, por mais surpreendente que seja, não exprime a falta, mas o excesso daqueles que poderiam distribuir o que tem e que deveria fazer parte da Casa Comum.

O Catecismo (n. 2446) nos recorda nas palavras de São João Crisóstomo do cuidado com os pobres e a partilha dos bens

Não deixar os pobres participar dos próprios bens é roubá-los e tirar-lhes a vida. Nós não detemos nossos bens, mas os deles." "É preciso satisfazer acima de tudo as exigências da justiça, para que não ofereçamos como dom da caridade aquilo que já é devido por justiça

E também nas palavras de São Gregório Magno: “Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas lhes devolvemos o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não tanto um ato de caridade” (CIC, n. 2446).

A oração do Pai Nosso também nos recorda a respeito dessa partilha, quando rezamos *o pão nosso de cada dia nos dai hoje*, não pedimos o alimento apenas para cada um de nós, mas também para os irmãos. Além disso, a pluralidade adotada nessa oração indica que o pão deve ser dividido entre nós: o outro e eu. Se tenho dois pães, mas só preciso de um para me alimentar, na verdade estou tomando um pão do meu irmão, que está faminto e bate à minha porta insistentemente pedindo o que é seu por direito. Como visto anteriormente, a caridade não se trata de um favor, mas de uma compensação à desigualdade existente.

Alguns podem alegar que o pão a mais na despensa será destinado a cobrir eventuais faltas no futuro, não precisam dele no momento, mas guardam para o amanhã. No entanto, é

⁵⁰ Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-07/papa-francisco-mensagem-pre-cupula-sistemas-alimentares-roma.html>. Acesso em: 05 nov. 2021.

importante refletir a respeito desse tipo de situação, pois algo semelhante ocorreu na história do povo de Deus, narrada no livro do Êxodo (16, 15-21) na ocasião do maná

Ao verem isso, os israelitas perguntavam uns aos outros: “Man hu?” [que significa: o que é isto?], pois não sabiam o que era aquilo. Moisés lhes disse: “Isto é o pão que o Senhor vos dá de comer. Isto é o que o Senhor vos mandou: “Recolhei a quantia que cada um de vós vai comer, uma medida por cabeça, segundo o número de pessoas. Cada um recolherá, de acordo com o número dos que se acharem em sua tenda.” Assim fizeram os israelitas. Uns recolhiam mais, outros menos. Mas quando, depois, conferiram, não sobrava a quem recolhera mais, nem faltava a quem recolhera menos. Cada um recolhia de acordo com o que ia comer. E Moisés lhes disse: ‘Ninguém guarde nada para a manhã seguinte’. Alguns, porém desobedeceram à Moisés e guardaram o maná para o dia seguinte. Mas ele bichou e apodreceu. Moisés irritou-se contra eles. Manhã por manhã, cada qual ajuntava o maná que ia comer. Mas quando o sol esquentava, o maná se derretia.

O maná é o pão que veio do céu como resposta ao murmúrio do povo no deserto, Deus escutou o clamor dos homens e enviou alimento para eles. Porém, o próprio Senhor estabeleceu algumas condições a respeito desse pão: que cada família deveria pegar o necessário para os seus e não guardar o alimento para o dia seguinte. Aqui há duas situações de pecado: a gula e a falta de fé. A gula, por tomar mais do que o necessário para a família e a falta de fé, por não confiar na Providência Divina.

Ainda hoje a situação de fome no mundo é reflexo da ganância e da falta de fé de muitos. Com a globalização, o sofrimento dos irmãos mais distantes pode ser acompanhado pelas mídias sociais, praticamente em tempo real. Porém, essa dor, vinda, por exemplo, da fome e da desnutrição, não pode se tornar meramente uma sequência de números no noticiário. Como visto anteriormente, cada pessoa é única e cada um daqueles representa uma pessoa que sofre e que clama por ajuda.

Nas palavras de **Santa Dulce dos Pobres** (1914-1992)⁵¹: “Se Deus viesse à nossa porta, como seria recebido? Aquele que bate à nossa porta, em busca para o conforto de sua dor, para o seu sofrimento, é um outro Cristo que nos procura.”⁵²

Apesar da situação atual de isolamento social, deve-se entender que as pessoas pobres e que, muitas vezes, tem fome não podem ser ignoradas e, de certo modo, isoladas pela sociedade. O pobre deve ser acolhido e acompanhado pela Igreja.

Por outro lado, esse isolamento social também empobreceu as relações entre as pessoas, sendo comuns os casos de ansiedade, sentimentos de solidão e de depressão. Essa

⁵¹ Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes (conhecida como Irmã Dulce) foi beatificada em 2011, pelo enviado do Papa Bento XVI, Dom Geraldo Majella Agnelo; e canonizada em 13 de outubro de 2019, pelo Papa Francisco, com o título de Santa Dulce dos Pobres, a primeira santa nascida do Brasil.

⁵² Frases e Oração - *Obras Sociais Irmã Dulce*. Disponível em <https://www.irmadulce.org.br>. Acesso em: 09 nov. 2021.

pobreza nos relacionamentos se intensifica no cenário das redes sociais e do mundo virtual, que aos poucos vai se tornando o mundo real, especialmente para a juventude, tamanha a influência exercida sobre as pessoas e seus modos de interagir e socializar com os demais

A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar. Os adolescentes é que estão mais expostos à ilusão de que a social web possa satisfazê-los completamente a nível relacional, até se chegar ao perigoso fenómeno dos jovens «eremitas sociais», que correm o risco de se alhear totalmente da sociedade. Esta dinâmica dramática manifesta uma grave ruptura no tecido relacional da sociedade, uma laceração que não podemos ignorar⁵³.

A falta do contato real com as pessoas, apesar de virtualmente tudo parecer estar bem, pode levar a graves problemas de saúde. O homem é um ser de relação e precisa do contato com o outro para se desenvolver em diversas esferas da vida.

2.5.3 A morte

A terceira e última situação que apresentamos é a morte. Embora sejamos cristãos, e cremos na ressurreição de Jesus e na vida Eterna, a morte ainda traz enorme sofrimento na vida da maioria das pessoas. Perder um ente querido é uma situação desafiadora, visto que a morte, muitas vezes, chega de forma repentina e surpreendente e por isso pode causar sentimentos de revolta contra Deus e os irmãos.

Porém, a morte não deve ser encarada como um fim, mas como um novo nascimento.

No exemplo de São Francisco de Assis

Frei Gustavo Medella lembra que Francisco já partiu há quase 800 anos, mas sua experiência continua a inspirar milhões de homens e mulheres em todo mundo. “O Santo de Assis, descobrindo profundamente amado por Deus, o Sumo Bem, Único e Verdadeiro Bem, conseguiu transmitir este amor para além das fronteiras de seu tempo e de seu espaço. Foi modelo de vida até o fim. Francisco bem sabia que tudo aquilo era e tinha havia recebido como dom gratuito, e por isso não queria tomar posse de nada, nem das coisas, nem da natureza, nem da pessoa. Soube viver em profunda gratuidade e, assim, apesar de todos os sofrimentos (físicos inclusive), conseguiu ser uma pessoa realizada e feliz. Quando chegou sua hora, Francisco encheu seu coração de esperança e conseguiu chamar a morte de “novo nascimento”. Não se trata de um fim, mas de uma transformação, do ingresso em uma nova maneira de existir. No *Cântico das criaturas*, Francisco louva e agradece a Deus por todos os benefícios que Ele realizou (e realiza) na criação. E não deixa de fora a “Irmã Morte Corporal”, escrevendo assim: “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, da qual homem algum pode escapar. (...) Felizes os que ela achar conformes à tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!”⁵⁴.

A morte veio como fruto do pecado original, quando os primeiros pais se afastaram de Deus (Gn 3, 19). No Novo Testamento, São Paulo nos recorda da relação existente entre o

⁵³ FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican/pt/2021/11/09-mensagem-133-dia-mundial-comunicacoes-sociais.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

⁵⁴ Disponível em <https://franciscanos.org.br/carisma/especiais/a-morte-na-mistica-franciscana>. Acesso em: 12 nov. 2021.

pecado e a morte: “*O salário do pecado é a morte*” (Rm 6, 23a). Porém, no mesmo trecho, é mostrada a presença de Deus e de seu Amor também nesse momento: “*Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna*” (Rm 6, 23b). Desse modo, a morte não é o fim da vida, mas um passo para a vida eterna.

Jesus se apresenta como aquele que é vencedor da Morte. Na passagem da ressurreição de Lázaro (Jo 11, 1-45) há vários elementos a serem destacados e que ensinam a respeito de como lidar com esse momento:

A amizade com Lázaro: Jesus se compadece do sofrimento e morte do seu amado amigo (v. 35). Estava ciente de que ali seria manifestada a glória de Deus, como vimos anteriormente, pois a enfermidade é uma oportunidade de encontro verdadeiro com o Senhor, de se tornar mais amigo d’Ele, que sempre esteve ao seu lado.

O questionamento a Jesus: A morte leva a perguntas sobre a presença divina na vida das pessoas, a fé pode se abalar: *Se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido* (v.21). É importante que se saiba compreender o tempo de Deus e o propósito daquela situação.

A confiança: Mesmo em meio à provação, é demonstrada confiança em Deus. “*Mesmo assim, eu sei que o que pedires a Deus, ele te concederá*” (v. 22). Nessa certeza, Jesus afirma que Lázaro será ressuscitado. Isso nos ensina a confiar no Amor do Pai e na Providência Divina.

A renovação das promessas: Jesus salienta a necessidade de que aquele que pede, tenha fé e creia verdadeiramente no poder de Deus (vv. 25-26). A morte também convida a essa renovação da fé, se não acreditamos, tememos que a morte seja o fim, não apenas daquela pessoa, mas indiretamente do nosso no fim da peregrinação nesse mundo. Mas o próprio Cristo reforça: “*Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá*” (v. 25).

O Papa Emérito Bento XVI também nos fala sobre a morte

Por que sentimos medo diante da morte? Por que motivo uma boa parte da humanidade nunca se resignou a acreditar que para além dela não existe simplesmente o nada? Diria que as respostas são múltiplas: temos medo diante da morte, porque temos medo do nada, este partir rumo a algo que não conhecemos, que nos é desconhecido. E então em nós existe um sentido de rejeição, porque não podemos aceitar que tudo quanto de belo e grande foi realizado durante uma existência inteira seja repentinamente eliminado e precipite no abismo no nada. Sobretudo, nós sentimos que o amor evoca e exige a eternidade, e não é possível aceitar que ele seja destruído pela morte num só instante

Além disso, temos medo diante da morte porque, quando nos encontramos próximos do fim da existência, há a percepção de que existe um juízo sobre as nossas obras, sobre o modo como conduzimos a nossa vida, principalmente sobre aqueles pontos de sombra que, com habilidade, muitas vezes sabemos anular ou tentamos remover

da nossa consciência. Diria que precisamente a questão do juízo está com frequência subjacente ao cuidado do homem de todos os tempos pelos finados, a atenção pelas pessoas que foram significativas para ele e que não estão mais ao seu lado no caminho da vida terrena. Num certo sentido, os gestos de carinho e de amor que circundam o defunto constituem um modo para o proteger, na convicção de que eles não permaneçam sem efeito na hora do juízo. Podemos ver isto na maior parte das culturas que caracterizam a história do homem⁵⁵.

Assim como para com os enfermos, a Igreja também se preocupa com os mortos, havendo para tal o rito das Exéquias. No Catecismo

O sentido cristão da morte é revelado à luz do mistério pascal da Morte e Ressurreição de Cristo, em quem pomos a nossa única esperança. O cristão que morre em Cristo Jesus “deixa este corpo para ir morar junto do Senhor” (n. 1681)

O dia da morte inaugura para o cristão, ao final de sua vida sacramental, a consumação de seu novo nascimento iniciado no Batismo, a “semelhança” definitiva à “imagem do Filho”, conferida pela unção do Espírito Santo, e a participação na festa do Reino, antecipada na Eucaristia, mesmo necessitando de últimas purificações para vestir a roupa nupcial (n. 1682)

A Igreja que, como mãe, trouxe sacramentalmente em seu seio o cristão durante sua peregrinação terrena, acompanha-o ao final de sua caminhada para entregá-lo “às mãos do Pai”. Ela oferece ao Pai, em Cristo, o filho de sua graça e deposita na terra, na esperança, o germe do corpo que ressuscitará na glória. Esta oferenda é plenamente celebrada pelo Sacrifício Eucarístico. As bênçãos que a precedem e a seguem são sacramentais (n. 1683)

O sofrimento é uma realidade que não pode ser negada e muito menos ignorada. Faz-se presente na pobreza, no desemprego, na perda de alguém querido, na enfermidade, na fome, etc. A grande maioria dos sofrimentos são causados pelo próprio ser humano, mas isso não significa que fiquem desamparados pelo amor do Pai e pela Igreja nesses momentos de aflição.

Como afirma São João Paulo II na *SD* (23)

Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo têm diante dos olhos o mistério pascal da Cruz e da Ressurreição, no qual Cristo, numa primeira fase, desce até às últimas da debilidade e da impotência humana: efetivamente, morre pregado na Cruz. Mas dado que nesta fraqueza se realiza ao mesmo tempo a sua elevação, confirmada pela força da Ressurreição, isso significa que as fraquezas de todos os sofrimentos humanos podem ser penetradas pela mesma potência de Deus, manifestada na Cruz de Cristo. Nesta concepção, sofrer significa tornar-se particularmente receptivo, particularmente aberto à ação das forças salvíficas de Deus, oferecidas em Cristo à humanidade. Nele, Deus confirmou que quer operar de um modo especial por meio do sofrimento, que é a fraqueza e o despojamento do homem; e ainda, que é precisamente nesta fraqueza e neste despojamento que Ele quer manifestar o seu poder. Compreende-se, deste modo, a recomendação da primeira Carta de São Pedro: Se alguém « sofre por ser cristão, não se envergonhe, mas dê glória a Deus por este título⁵⁶.

⁵⁵ Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/11/11/como-bento-xvi-se-prepara-para-a-morte/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

⁵⁶ JOÃO PAULO II, 2006, p.45.

Desse modo, a Igreja escuta o clamor daquele que sofre de uma enfermidade, com a pobreza ou a morte, e responde com gestos de amor, não ações vazias, mas expressões de partilha e acolhida aos irmãos. Tal como os membros de um corpo, quando um está doente, todos os demais padecem (1º Cor 12, 26). Assim, não devemos ser omissos ao sofrimento do próximo, mas estender a mão e entregar o pão que ele pede tão insistentemente na nossa casa.

2. 6 À guisa de conclusão

O segundo capítulo apresentou uma singela, porém, atenta reflexão sobre a parábola do amigo importuno. A intenção foi perceber a eficácia da oração na perícopa narrada por Lucas e compreender que, assim como o *amigo importuno* é surpreendido no meio da noite, com a chegada de uma visita (e naquele momento sem recursos - sem pão - para oferecer); da mesma forma um inesperado sofrimento pode se revelar na vida das pessoas mais simples e pobres. O exemplo do amigo que buscou insistentemente o pão para acolher a visita se assemelha ao de pessoas humildes que se voltam para Deus em um só ato de fé-confiança.

A resistência do amigo que poderia oferecer o pão ao que estava *necessitado*, não desanima aquele que bate à porta. Mas faz com que o *amigo necessitado* proceda com muita chatice, na tentativa de ser escutado e atendido. Sua atitude é de insistência, teimosia e confiança de que certamente seria atendido por aquele amigo. A insistência e aborrecimento revelam que o amigo - que tinha os três pães para partilhar e socorrer o necessitado - era a única esperança naquele momento, quando não existia mais possibilidade alguma de se encontrar auxílio em outro lugar.

É isso que a parábola narrada por Jesus quer apontar: a extrema necessidade de se ter um encontro verdadeiro com Deus através da experiência da oração. Especialmente para aqueles que O procuram e O invocam de coração sincero e confiante: os humildes e pobres. Portanto, “o que se ressalta da parábola não é só a idéia de que é preciso orar na certeza de ser escutado, mas ainda a de que é preciso orar sem desanimar”⁵⁷. E ter a convicção de que Deus escuta simplesmente a oração (vv. 9-10), mas de que a escuta dando o que é bom; ou seja, concedendo o Espírito Santo.

Por fim, a análise da parábola proporcionou também apresentar, simbolicamente, a preocupação da Igreja com a situação das pessoas mais simples (e também pobres) no contexto paroquial; daqueles que sofrem pela fome, enfermidade e perda de um ente querido.

⁵⁷ GOURGES, 2005, p. 43.

CAPÍTULO 3 – A ORAÇÃO DOS SANTOS E LEIGOS

Neste terceiro capítulo serão apresentados alguns poucos testemunhos bíblicos, como o de Ana (mãe de Samuel), Susana e da Virgem Maria no que diz respeito à fé e confiança. Também são apresentados os testemunhos de fé e oração de duas humildes religiosas, além do exemplo de um cardeal dos tempos atuais. Outro ponto tratado são alguns relatos de experiências, vivenciadas no meu exercício pastoral em diferentes paróquias, nas quais pude observar a forma de rezar de pessoas simples e carentes.

3 Os testemunhos bíblicos

Para ilustrar a pesquisa, a exemplo do que fizemos no primeiro capítulo, apresentamos ainda três personagens bíblicos, dentre inúmeros que temos, no intuito de falar da fé, especialmente, da Virgem Maria; uma vez que estamos tratando de duas santas mulheres nesse capítulo (Mônica e Rita de Cássia). São elas: Ana, mãe do jovem Samuel (1º Sam 1, 1-20), Susana (Dn 13) e Maria, mãe de Jesus (Lc 1, 26-38).

3.1 Ana, mãe de Samuel

O Primeiro livro de Samuel narra a história de Ana (cap. 1) e como essa mulher sentindo-se humilhada (v. 6-7), por sua esterilidade (v. 5), achava-se em grande aflição (v. 8). O texto diz que ela se encontrava no Santuário, juntamente com o sacerdote Eli (v. 9); e que *depois que em Silo comeram e beberam, Ana levantou-se (v. 9) e cheia de amargura, em profusão de lágrimas, orou ao Senhor (v. 10)*. Báez (2011) comenta que

Afirma-se claramente a ação de rezar ao Senhor, mas não se diz nada da expressão verbal da oração, que parece exprimir-se através do choro. Trata-se, portanto, de uma oração silenciosa ou, pelo menos, não verbal. Ana não diz nada, simplesmente chora diante de Deus. O choro pode ser, de fato, uma verdadeira oração que é ouvida por Deus, como testemunham tantos salmos: “o Senhor escuta a voz do meu pranto” (Sl 6, 9); “Senhor, não fiques surdo ao meu pranto” (Sl 39, 13); “recolhe as minhas lágrimas em teu odre” (Sl 56, 9); “ele me livrou da morte, libertou os meus olhos das lágrimas”. (Sl 116,8)¹.

Às vezes deparamo-nos com as pessoas mais simples e pobres dessa maneira: introspectiva; muitas delas em silêncio, com uma prolongada súplica a Deus feita através de lágrimas. O texto não diz se Ana se encontrava com os olhos abertos ou fechados; mas,

¹ BÁEZ, Silvio José. *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*. Paulinas: São Paulo, 2011, p. 97.

supondo que estivesse com os olhos fechados, daria ainda mais sentido a esse modo de oração [silenciosa] em prantos. Nesse caso, as lágrimas seriam a própria súplica a Deus.

Os salmos oferecem ricas passagens nas quais o salmista eleva a Deus suas mais confiantes preces:

Salmo 5 – Oração da manhã (v. 4): *“Pois a ti suplico, Senhor, já de manhã ouves a minha voz, bem cedo te invoco e fico esperando”*. – Muitas vezes a prece matinal é feita em silêncio de modo que as palavras venham do coração e não dos lábios. É importante tomar consciência, desde cedo, da presença de Deus e de que Ele está escutando as preces de cada um dos fiéis.

Salmo 31 – apelo na aflição (v. 3): *“Inclina para mim teus ouvidos, vem depressa livrar-me. Sê para mim o rochedo que me acolhe, refúgio seguro, para a minha salvação”*. – Muitas vezes, sem compreender o “silêncio” de Deus, a pessoa busca insistir na súplica. Porém, há de se ter paciência.

Salmo 6 – Oração do sofrimento (v. 10): *“O Senhor ouviu a minha súplica, o Senhor acolheu minha oração”*. – O fiel deve ter a confiança de que Deus escuta as orações, acolhendo as súplicas. As situações não ficam sem resposta, porém, há de se compreender o tempo de Deus, sem pressa, mas com fé.

Báez (2011) traz uma contribuição do silêncio fúnebre

No antigo Israel, durante os ritos fúnebres ou em momentos de lamentação pessoal ou comunitária, era costume observar longos momentos de silêncio. Ficar em silêncio era uma expressão de dor, um modo de ser solidário com o sofrimento do outro, ou de aceitar o próprio sofrimento. Através do silêncio se entrava simbolicamente em contato com o mistério da morte, quando o ser humano não pode mais fazer uso da palavra².

É assim também que essas pessoas simples e pobres encaram suas tribulações. Com muito silêncio [interior], na certeza de escutar a vontade de Deus. Afinal, muitas vezes o Senhor nos encontra no silêncio, por exemplo, no deserto, Deus se encontrou com diversos personagens bíblicos, com o clamor e o choro deles e os fez refletir. A tribulação é um momento de encontro verdadeiro com Deus.

Na sequência do relato bíblico no livro de Samuel, o texto diz que Ana proferiu verbalmente um pedido e uma promessa ao Senhor: que se lembrasse de sua miséria dando-lhe um filho; e que em contrapartida ela o ofereceria por toda a sua vida (v.11). Segundo Báez (2011) “se escutarmos a oração de Ana, o seu choro se torna palavra, e o relato conta explicitamente o voto feito por ela na presença do Senhor”³.

² BÁEZ, 2011, p. 29.

³ BÁEZ, 2011, p. 97.

Num último momento, a narração do texto bíblico não diz mais nada sobre a expressão verbal da oração de Ana. Simplesmente se diz que ela demorava em suas preces diante do Senhor (v. 12). Ana continua a rezar ainda mais intensamente

Do pranto passou para a palavra, da palavra para o silêncio. De fato, enquanto ela está rezando, o sacerdote Eli olha para ela e fixa o seu olhar exatamente sobre a sua boca: “Eli observava a sua boca” (v. 12b). O narrador nos convida a olhar para Ana com os olhos de Eli e a observar particularmente a sua boca exatamente porque, como se dirá logo em seguida, não se escutava nada. Ana realmente rezava em silêncio⁴.

Essa atitude de Eli de prestar muita atenção na oração silenciosa de Ana também deve ser a dos presbíteros que, com sabedoria e discernimento, devem observar os movimentos dos fiéis, sem julgamentos, buscando compreender e acolher. Muitas vezes as pessoas pedem ajuda apenas com o olhar, e o silêncio nem sempre é capaz de conter o sentimento que pode ser expressado por lágrimas. Báez (2011) esclarece que

O v.13 descreve vivamente esse terceiro momento da oração de Ana: “Ana rezava em seu coração e apenas os lábios se moviam, mas a voz não se ouvia”. A expressão “em seu coração” traduz a expressão hebraica ‘falava sobre o seu coração’⁵.

Ela falava sobre as dores, angústias e esperanças. Falava na intimidade com Deus, como uma oração livre, insistente e confiante, assim como os pobres e humildes se expressam na simplicidade, mas com extrema confiança em Deus.

Eis a oração dessas pessoas mais simples às quais convivemos na comunidade de fé: uma oração silenciosa, sem murmuração, quase sempre sem questionamento, diante das provações e infortúnios da vida. Na esperança de que o Senhor acolhe sua dor e responderá às suas dúvidas e incompreensões. Muitas vezes intercedem pelos outros, por aqueles que não rezam, pelos seus familiares e até mesmo, de forma geral, pelo mundo que sofre.

Nos versículos seguintes (13b-14) Eli julga que Ana estivesse embriagada; e lhe repreende duramente: *Até quando estarás bêbada? Cura essa bebedeira* (v. 14). Aqui Báez (2011) apresenta o seguinte comentário

Ana, por sua vez, se justifica dizendo: “Não, meu senhor, sou apenas uma mulher atribulada e não tomei vinho nem outra bebida inebriante, mas estou desafogando-me (*spk*) diante do Senhor” (v. 15). Ana descreve a sua oração silenciosa como desabafo diante de Deus. O verbo hebraico, traduzido por “desafogar-se”, *spk*, quer dizer literalmente “derramar”, “verter”, “fundir”, “derreter”⁶.

E mais uma vez clama ao Senhor pedindo que não a considerasse como uma mulher perdida, pois foi sua intensa dor e aflição que a levou a falar-Lhe naquele momento (v. 16). O

⁴ BÁEZ, 2011, p. 98.

⁵ BÁEZ, 2011, p. 99.

⁶ BÁEZ, 2011, p. 98.

texto diz que, em seguida, Eli despede Ana desejando-lhe a paz e o cumprimento das promessas de Deus (v. 17). Então, Ana foi embora, comeu, e seu rosto não estava mais abatido como antes (v. 18).

Esse relato da vida de Ana, especialmente, quando retorna para casa, após intensa prece com lágrimas, no Santuário, revela aquilo que as pessoas simples e pobres também experimentam na oração [inicialmente, angustiante e sofrida] a Deus. Mas, depois da entrega e das lágrimas dirigidas ao Senhor, ela se encontra revigorada e aliviada, inspirando às pessoas simples a restabelecerem suas forças.

Interessante perceber a dinâmica do movimento de saída das lágrimas e da entrada de Deus, como em um copo, inicialmente, cheio de lágrimas, que vai se derramando na presença do Senhor. Deus, em troca, não deixa aquele copo sair dali vazio, e a cada gota derramada, Ele preenche aquele copo com seu Amor. Sim, no sofrimento, na tribulação, há a manifestação do Amor de Deus pela humanidade. Por isso, se observa a mudança no semblante, mais confiante e disposto a enfrentar as provações, o Senhor me escutou e respondeu à minha súplica, como diz o salmista.

Após o nascimento de Samuel, e *logo que o desmamou, Ana levou consigo o menino à casa do Senhor em Silo, e mais um novilho de três anos, duas arrobas de farinha e um odre de vinho* (v. 24). Após sacrificar o novilho, ela apresentou o menino ao sacerdote Eli (v. 25). E em seguida rezou: *Ouve, meu senhor. Por tua vida, juro, eu sou a mulher que esteve aqui orando ao SENHOR na tua presença. Eis o menino por quem eu pedi, e o Senhor ouviu a minha súplica* (vv.26-27).

Com isso, Ana confirma sua esperança no Senhor, aquele sentimento depositado desde a manhã, na juventude, mas que não esmoreceu com o passar do dia, o cair da tarde e o aumento das provações. Ana confiou em Deus e foi atendida.

3.2 Susana, filha de Helcias

Uma segunda personagem bíblica é Susana. Sua história encontra-se no livro de Daniel (cap. 13). O episódio da vida dessa mulher é recordado no tempo da Quaresma.⁷ Ela foi acusada, falsamente, por dois juízes de cometer adultério (vv.36-41). Impressiona-nos, desde o início a confiante resposta de Susana após receber uma proposta indecente e ser chantageada: *A situação para mim está difícil por todos os lados: Se eu fizer isso aí, estou condenada à morte, se não fizer, sei que não escapo de vossas mãos. Mas prefiro dizer não, e*

⁷ Liturgia da segunda feira na quinta semana da Quaresma.

cair nas vossas mãos, a cometer um pecado contra o Senhor (vv. 22-23). No dia seguinte, ao ser forçada a comparecer na presença de familiares, do povo e dos juízes que a caluniaram, Susana, ao escutar a sentença teve uma única atitude: *Chorando ela olhava para o céu, pois seu coração confiava no Senhor* (v. 35).

Essa atitude revela que a confiança em Deus deve ser mantida mesmo em meio à injustiça e à maldade do coração dos perversos. O intuito daqueles juízes era o de possuir aquela mulher, como haviam feito com tantas outras, valendo-se da mesma estratégia. Susana confiava que Deus providenciaria um meio, visto que ele se encontra do lado dos justos.

Diferentemente da mãe de Samuel (1 Sam 1,13) que rezava em silêncio, Susana, após receber a condenação de morte, rezou assim, em **alta voz**: *Ó Deus eterno, que conheces o que está escondido, que tudo vês antes que aconteça, tu sabes muito bem que deram um testemunho falso contra mim! Vou morrer, mas sem ter feito nada daquilo de que me acusaram.*

O clamor de Susana naquele momento é semelhante ao daqueles que, ainda hoje, são injustamente acusados de crimes que não cometeram, situação comum, infelizmente, na realidade das pessoas mais simples e pobres, e que por isso são perseguidos e mortos. Susana, aflita, clama ao Senhor que a livre da morte, mesmo essa parecendo ser inevitável.

Em seguida, o texto diz que Deus atendeu ao seu clamor (v. 44). E no momento em que era conduzida para a morte, Deus suscitou o espírito de um jovem de nome Daniel para defendê-la dessa falsa acusação (v. 45). E no final dessa passagem, depois de comprovada a inocência de Susana, seu pai Helcias e sua mulher, juntamente com Joaquim (marido de Susana) e toda a família, louvaram a Deus já que nada de desonesto se encontrava nela (v. 63).

Reiterando, rezou insistentemente ao Senhor para que a livrasse desse mal e Deus respondeu, colocando um homem justo em seu caminho. A oração deve ser persistente, mesmo para algo que pareça impossível de ser alcançado. Muitas vezes serão necessários gestos de coragem, como os de Susana, que enfrentou os juízes e revelou as mentiras desses homens em alta voz. Essa mulher nos traz um significativo exemplo de fé por não se deixar levar pelas armadilhas do mal, por confiar em Deus e expressar esse sentimento publicamente. Deus ouviu o clamor daquela jovem e a atendeu.

3.3 Maria, modelo de oração e de fé

Quando falamos de oração, não podemos nos esquecer daquela que é para todo cristão um modelo de fé: Maria, a mãe de Jesus. Desde a visita e anúncio do anjo Gabriel (Lc 1, 26-

39), a jovem Maria soube acolher na fé os propósitos de Deus para sua vida, expressando o serviço e a humildade em sua oração: “*Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1, 38). Por diversas vezes, Maria exerceu essa fé-confiança no Senhor:

Quando da partida com seu esposo para o recenseamento (Lc 2, 1-6). Maria estava prestes a dar a luz ao Menino Jesus, poderia ter escolhido ficar em sua terra, devido aos riscos que a viagem oferecia tanto para ela quanto para o bebê. Porém, Maria confiou nos propósitos divinos e foi junto com José, seu esposo, para o recenseamento, cumprindo a promessa.

Na falta de hospedagem para o nascimento de seu filho (Lc 2, 7-8). Quando Maria chegou à cidade natal de José, então deu à luz ao seu filho. Porém, não encontrou sequer uma simples hospedaria para abrigar a criança. O frio intenso daquela noite, fez com que Maria e José improvisassem um lugar mais quente para o Menino Jesus. E o único lugar foi adaptar um cocho de animais, com palhas. Novamente era necessário confiar na Providência Divina, de que nada faltaria, mesmo em meio às dificuldades.

Na fuga para o Egito (Mt 2, 13-15). A Sagrada Família nos recorda de tantas famílias que fogem das guerras e perseguições. A fé e a esperança da salvação, do livramento, foram os sentimentos que guiaram essa família. As perseguições virão, mas é necessário que se confie em Deus e em seus desígnios.

Nas palavras da profecia de Simeão (Lc 2, 34-35). “*Uma espada transpassará a tua alma*”. Essas palavras de Simeão devem ter causado medo a Maria, porém, a confiança no plano de salvação deve ser maior. O servo do Senhor, e também a sua serva, teriam que sofrer diversas vezes, por amor à humanidade.

Na paixão de Jesus (Jo 19, 25-27). Maria entrega Jesus para a humanidade e os homens o condenam à morte. Por outro lado, Jesus pede à Maria para que seja mãe de toda a humanidade: “*Mulher, eis o teu filho. Eis a tua mãe*”. A fé sendo demonstrada no amor incondicional do Filho e da Mãe pelos homens.

Na Quaresma de 2020,⁸ em sua pregação aos membros da Cúria Romana, o Cardeal Frei Raniero Cantalamessa, OFM, pregador da Casa Pontifícia, refletiu sobre as palavras ditas por Jesus estando na cruz à Sua Mãe em referência ao discípulo João e, por extensão, a todos nós: *Mulher, eis o teu filho!* (Jo 19, 26). O padre capuchinho partiu desta passagem do Evangelho para refletir sobre outros títulos de Maria como, por exemplo, Mãe de Deus e nossa

⁸ Veja sobre os demais dogmas em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/cantalamessa-quarta-pregacao-quaresma-mulher-este-teu-filho.html>. Acesso em: 05 fev. 2022.

O título de “Mãe de Deus” é um dos quatro dogmas marianos solenemente definido pela Igreja com base na maternidade real e não só espiritual de Maria. Trata-se de reconhecer uma verdade central da nossa fé: Jesus Cristo é Deus e Homem verdadeiro, numa só e única pessoa⁹.

Quanto a Maria ser mãe dos fiéis, ou seja, mãe de todos nós, o Frei ressaltou que se trata, obviamente, da maternidade espiritual. Quando Jesus disse a ela “*Este é o teu filho*”, e a João “*Esta é a tua mãe*”, ele os confiou um ao outro numa relação de maternidade e filiação que não se baseia no mérito, mas na graça divina: Jesus nos oferece o dom inefável de compartilhar conosco a Sua mãe, espiritualmente¹⁰.

O Frei Cantalamessa destacou Maria como modelo de fé e esperança, observando

Chega uma hora na vida em que é preciso ter uma fé e uma esperança como a de Maria: quando parece que Deus já não escuta as nossas súplicas; quando diríamos que Ele desmente a Si mesmo e as Suas promessas; quando nos faz passar de derrota em derrota e os poderes das trevas parecem triunfar em todos os âmbitos ao nosso redor, e dentro de nós anoitece, como naquele dia em que se fez noite ‘sobre toda a terra’; quando parece, como diz um salmo, que Ele esqueceu de ter piedade e que a ira Lhe fechou o coração. Quando chegar essa hora, lembre-se da fé de Maria e clame como outros clamaram: ‘Meu Pai, eu não te entendo, mas confio em Ti!’¹¹.

A oração de Maria é, de fato, a oração dos pobres conforme podemos notar no Magnificat (Lc 1, 46-56). “*A Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque ele olhou para a humildade de sua serva...*”. Quantas vezes escutamos isso das pessoas mais simples e carentes das várias comunidades de fé.

Enfim, aqueles que oram devem confiar que Deus atenderá às suas preces, mesmo que seja necessário insistir como Abraão ou o amigo importuno, pois o Senhor sempre escuta o clamor do seu povo. Conforme está escrito no Livro dos Salmos: “*Busquei o Senhor e ele respondeu-me e de todo temor me livrou*”. (Sl 34,5).

Por isso, passa-se a apresentar relatos de experiências pastorais: de uma mãe que louva a Deus em seus trabalhos pastorais, mesmo com a situação complicada dos filhos. De uma filha que glorifica ao Senhor mesmo com o pai gravemente enfermo. De uma família que serve a Deus com alegria e disposição, mesmo vivendo severas dificuldades.

⁹ <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/cantalamessa-quarta-pregacao-quaresma-mulher-este-teu-filho.html>.

¹⁰ <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/cantalamessa-quarta-pregacao-quaresma-mulher-este-teu-filho.html>.

¹¹ <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/cantalamessa-quarta-pregacao-quaresma-mulher-este-teu-filho.html>

3.4 Oração na tradição

O exemplo de duas santas e místicas da Igreja ilustra a pesquisa aqui desenvolvida. Tratam-se de Mônica (331-387) e Rita de Cássia (1381-1457). A história de fé dessas mulheres serve de incentivo para todos, especialmente aqueles que assumiram a maternidade, e que enfrentam tribulações com os filhos. No presente trabalho serão observados, nas trajetórias cristãs de Mônica e Rita de Cássia, apenas os momentos nos quais buscaram a oração, como súplica a Deus, no desejo de conformar suas dores à vontade do Senhor. Mesmo porque Santa Mônica e Santa Rita já são amplamente conhecidas e devotadas pelo povo. De modo especial pela prática da fé, e pela busca da oração insistente e confiante em Deus.

3.4.1 Santa Mônica

A tradição relata que Mônica, mãe de Santo Agostinho, rezou durante muitos anos, aproximadamente trinta anos, para a conversão de seu filho. Agostinho, antes de se converter ao Catolicismo, foi um jovem centrado a experimentar as realidades mundanas, às vezes rebelde e orgulhoso. Segundo Falbo (2009) ele

Entregou-se a uma vida desregrada e imoral, intolerante a qualquer regra, deu-se a todo tipo de experiência intelectual, religiosa, pessoal ou social. Esse comportamento do filho foi, para Mônica, causa de apreensões e lágrimas¹².

Por isso, a história de vida dessa mãe é a confirmação de que o Senhor nunca abandona aqueles que Lhe suplicam. Muito antes do intenso calvário e longos anos de oração insistente pelo filho Agostinho, Mônica, já no casamento, enfrentou muitas tribulações que exigiram provas de uma fé-confiança em Deus. O seu casamento não foi, humanamente, dos mais felizes. Todo casamento é rosa e espinho, como, aliás, qualquer outro relacionamento. Porém, “o casamento de Mônica foi repleto, sobretudo, de espinhos de toda espécie, ainda que ela os tenha conseguido suportar e amenizá-los”.¹³

Mesmo que ela estivesse enfrentando tribulações no relacionamento conjugal, com o tempo a preocupação de Mônica mudou de foco: passou a ser o caminho que trilhara seu filho Agostinho. A dor dessa mulher e a intensificação de suas orações deu-se quando soube que o

¹² FALBO, Giovanni. *Santa Mônica: modelo de vida familiar*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 47.

¹³ FALBO, 2009, p. 38.

seu filho tinha se tornado maniqueu¹⁴ e ativo propagador da seita. Para ela, de fato, a morte espiritual na qual caíra seu filho era muito mais terrível do que a morte física”.¹⁵

Toda essa angústia e sofrimento serviram para fortalecer a fé de Mônica em Deus. No intuito de ver seu filho convertido ao cristianismo recorreu ao Bispo de Madaura (Antígono)¹⁶, na tentativa de que ele convencesse Agostinho de seus erros. Segundo Falbo (2009), o bispo aconselhou que

Não era o caso de iniciar uma disputa doutrinal com alguém que estava cheio de si e sem disposição para escutar os outros. Além disso, tratava-se de um jovem de discurso fluente e brilhante que, já anteriormente, confundira a outros, ainda que firmes e doutos. Sugeria-lhe que tivesse paciência, que esperasse. A única arma à sua disposição deveria ser a oração¹⁷.

A insistência e o desejo de converter o filho dessa “falsa” doutrina era tão grande que Mônica chegou a irritar o bispo, a ponto de ele perder a paciência e dizer: “Vai-te embora! Sossega! Não é possível que se perca um filho de tantas lágrimas!”¹⁸ Mônica acolheu as palavras do bispo como se fossem sinais de Deus. E com a paciência renovada e uma vida de lágrimas intensificou suas orações. “Estava certa, pois o Senhor lhe havia confidenciado, nas suas insistentes orações, que dali a pouco ele daria o passo mais importante: aquele de voltar a ser cristão católico¹⁹.

Ainda nas palavras de Falbo (2009) foi a experiência da leitura da Carta de Paulo aos Romanos (13, 13-14) que levou Agostinho à conversão imediata, deixando de lado sua vida passada e aderindo a Cristo. Ele

Levou o livro a Alípio, que leu o trecho e o continuou até o primeiro versículo do capítulo seguinte: “Acolhei entre vós aquele que é fraco na fé”, e aplicou essas palavras a si, dado que, casto como era, não se identificou com as precedentes. Estava feito. A graça de Deus tinha triunfado. Agostinho era outra pessoa e, junto com Alípio, decidiu mudar de vida²⁰.

Naquele dia, Mônica foi a mãe mais feliz do mundo. “Toda uma vida de lágrimas e de orações tinha, pela graça de Deus, encontrado o seu feliz epílogo. Deus não podia resistir às suas contínuas e confiantes orações²¹.

¹⁴ O maniqueísmo é a religião fundada por Mani (215-274) na Pérsia. É uma mistura de várias crenças filosóficas, religiosas e mitológicas.

¹⁵ FALBO, 2009, p. 58.

¹⁶ Segundo a nota 20 (p. 63), do livro de Falbo, *Santa Mônica: modelo de vida familiar*, o fato de o bispo ser identificado com Antígono de Madaura é opinião de G. Papini em *Sant'Agostinho*, Firenze: Vallecchi, 1929, pp. 73-74.

¹⁷ FALBO, 2009, p. 63.

¹⁸ FALBO, 2009, p. 63.

¹⁹ FALBO, 2009, p.74.

²⁰ FALBO, 2009, p. 96.

²¹ FALBO, 2009, p. 97.

A correspondente do Vatican News em Roma, Tiziana Campisi, assim fala da mãe de Agostinho

Uma mulher tenaz e amorosa, com uma fé sólida: este é o retrato de Santa Mônica. Esposa virtuosa e mãe cuidadosa, ela alimentou sua fé com a oração, prática piedosa e escuta da Palavra de Deus. O seu é o exemplo de oração incessante que deveria alimentar a fé de toda cristão. E, de fato, a oração é o “segredo” da vida de Mônica, um diálogo com Deus que nunca se interrompeu. Uma oração que, embora às vezes parecesse que não era ouvida, foi insistente, sustentada pela vontade de ferro de querer ser uma boa esposa e de ver seus filhos seguros no porto de Deus²².

O que se ressalta em Mônica é a constância na fé, alimentada diariamente pela oração, pela escuta atenta da Palavra de Deus. O exemplo dessa mulher foi, posteriormente, lembrado por seu filho. No livro *Confissões* (III, 11, 20) Agostinho, citado por Falbo (2009) afirma que

[...] sustentada pela esperança, mas não se cansando de chorar e gemer, não deixava em nenhum momento nas suas orações de verter lágrimas por mim diante de ti. E as suas orações chegavam à tua presença, mas tu permitiste ainda que eu me revolvesse e me debatesse naquelas trevas²³.

Em uma de suas homilias matinais, no dia 11 de outubro de 2018, na capela da Casa Santa Marta, o Papa Francisco, salientando a importância do caráter insistente e perseverante daquele que clama por Deus, chamou a oração de

um trabalho: uma labuta que requer vontade, constância e determinação, sem vergonha [...] Uma prece constante, importuna. Como a de Santa Mônica, por exemplo: Quantos anos rezou assim, até com lágrimas, pela conversão do seu filho Agostinho. No final o Senhor abriu a porta²⁴.

Já a Irmã Ilaria Magli, monja agostiniana do Mosteiro dos Santos Quatro Coroados, de Roma, explica o que caracterizou a conversa de Mônica com Deus

O que certamente distingue sua oração é sua tenacidade e insistência em arrancar Agostinho tanto da seita maniqueísta como de todos os erros de sua adolescência, a fim de trazê-lo àquela certa felicidade que é a estabilidade com Deus. Esta insistência, e esta grande liberdade que a mulher e mãe Mônica tinha para com Deus, gosto um pouco de compará-la à mulher sirofenícia do Evangelho (Mt 15, 21-28) que, para sua filha doente, insiste também diante das respostas que parecem bruscas de Jesus e quer a todo custo conseguir a cura de sua filha, com aquela liberdade que não a faz dizer: “Ah, olha, Senhor, é verdade, tens razão, eu não pertencço à casa de Israel”. Com licença, estou indo embora. Não, não, ela insiste e insiste. Isto realmente nos ensina perseverança e confiança em um Pai que nos salva²⁵.

²² Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-08/santa-monica-mulher-de-oracao-a-imitar.html>. Acesso em: 09 fev. 2022.

²³ FALBO, 2009, p. 61.

²⁴ FRANCISCO, Papa. *Meditações matutinas na missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta: rezar sem nunca se cansar*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican/pt/2018/10/11/meditacao-matutina-11-10-2018.html>. Acesso em: 27 set. 2021.

²⁵ Disponível em: <https://catedraldebotucatu.org.br/santa-monica-mulher-de-oracao-a-ser-imitada.html>. Acesso em: 09 fev. 2022.

E completa dizendo que “é nesta realidade que Deus nos fala. Para Mônica, Deus falou precisamente através de um sofrimento que era a distância de Agostinho de Deus, também de seu marido. E ele a levou a assumir na oração este grito materno”²⁶.

Deus, com certeza, “não podia desprezar aquelas orações e aquelas lágrimas, pois a mãe não lhe pedia ouro, prata ou bens desta terra, mas unicamente a salvação espiritual do filho”²⁷. Falbo (2009) ainda destaca que

A oração, a confiança em Deus e o empenho concreto fizeram-na vencedora nesta batalha, certamente superior às suas forças, mas levada avante com a energia indomável que vem só do Senhor. A sua luta, os seus sofrimentos e as suas lágrimas foram recompensadas para além de qualquer possível desejo através da plena conversão do filho²⁸.

A memória de Mônica permanecerá no curso dos séculos, “sobretudo por ter dado à Igreja e ao mundo o grande Agostinho. Mas isso foi fruto de uma vida de lágrimas”²⁹. Sendo assim, pode-se presumir que o homem não está isento das provações e sofrimentos, porém, isso não deve ser motivo para se desistir do diálogo com Deus por meio da oração. As lágrimas poderão vir, mas os planos de Deus são irretocáveis e infalíveis.

Nas palavras do próprio Jesus no contexto do Sermão da Montanha: “*Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados.*” (Mt 5, 4). O consolo chega quando a oração é atendida, as lágrimas de tristeza dão lugar às lágrimas de alegria, como ocorreu no exemplo de Santa Mônica e na conversão de Santo Agostinho que, inclusive, veio a se tornar Doutor da Igreja.

3.4.2 Santa Rita de Cássia

A história de Santa Rita de Cássia não foi diferente da história de Santa Mônica. Muito cedo foi prometida, por seus pais, em casamento a Paulo Ferdinando. Aprendeu com seus pais a ser uma pessoa de oração. Em alguns momentos em que a vida lhe reservou dificuldades, exercitou a oração com mais intensidade como, por exemplo, no casamento com um homem violento. Segundo Teixeira (1995)

Passados aqueles primeiros dias de encantamento, foi aparecendo o verdadeiro Paulo, um homem irascível, violento, um gênio impossível. Era um homem feroz, diz um escritor. Estúpido, gostava de ganhar as coisas no grito. Era um lavrador forte e destemido, evitado por muitos e querido por poucos³⁰.

²⁶ Disponível em: <https://catedraldebotucatu.org.br/santa-monica-mulher-de-oracao-a-ser-imitada.html>.

²⁷ FALBO, 2009, p.70.

²⁸ FALBO, 2009, p. 162.

²⁹ FALBO, 2009, p. 49.

³⁰ TEIXEIRA, Pe. Aloísio. *Vida de Santa Rita*. Aparecida: Santuário, 1995, p. 28.

A vida matrimonial de Santa Rita foi uma batalha. Teve que conviver diariamente com o gênio difícil de seu esposo. Teixeira (1995) observa que “isso custou anos de sofrimento e oração, mas como a paciência vence tudo, Rita igualmente venceu. Venceu o egoísmo, a ruindade, a aspereza e o nervosismo de Paulo Ferdinando, fazendo dele um humilde servo de Deus³¹.

E quando a situação na família de Santa Rita já parecia pacificada e harmoniosa, eis que surge outra tribulação: o assassinato de Paulo Ferdinando. Isso causou profunda tristeza nessa jovem esposa, uma vez que havia alcançado resultados na conversão do marido. Diante da violenta morte de Paulo Ferdinando, Rita não se enche de cólera. “Com o Senhor Jesus Rita aprendera a perdoar. Perdoa e reza. Reza por seu marido e pelos assassinos”³².

Após a morte de seu esposo, os dois filhos de Santa Rita alimentaram enorme desejo de vingança no coração. Na busca de extirpar do coração de seus filhos o ódio pelo assassinato do pai Rita depositou sua confiança mais do que nunca em Deus. “Foram precisos muita luta, muita oração e muitos sacrifícios daquela santa mãe para aplacar o ódio de morte dos corações dos filhos”³³.

Santa Rita não queria que seus filhos retribuíssem a crueldade sofrida pelo pai. Por isso, suplicou a Deus que os levasse antes mesmo que cometessem esse grave pecado. Pouco tempo mais tarde, os filhos morreram tomados de uma grave doença, mas antes de partirem, com a intercessão da mãe, conseguiram perdoar os assassinos do pai. Às vezes, rezar dessa maneira pode parecer incoerente, como se estivesse pedindo algo ruim, mas, na verdade, foi um gesto de amor pela sua família e de tantos outros que perpetuariam essa vendeta³⁴.

Após a morte de seus filhos, Rita desejou definitivamente a vida monástica. Mas, de início, encontrou muitas dificuldades. Foi rejeitada no Convento porque já havia sido casada, além de o marido ter sido assassinado e os filhos acometidos pela peste. Esses fatos, de certa forma, colocavam dúvidas a respeito da vocação de Santa Rita. Mas os planos de Deus para ela eram maiores e com a ajuda dos santos chegou ao convento como relatado pelo portal *Cruz Terra Santa* a seguir

Então, numa noite, Santa Rita dormia, quando ouviu uma voz chamando: “Rita. Rita. Rita.” Ela abriu a porta e estavam ali, São Francisco, São Nicolau e São João Batista. Eles pediram que ela os seguisse e depois de andarem pelas ruas, os santos desapareceram e Rita sentiu um suave empurrão. Ela caiu em êxtase e, quando

³¹ TEIXEIRA, 1995, p. 29.

³² ROCHA, Hylton M. *A santa dos impossíveis: Vida de Santa Rita de Cássia narrada para o homem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 58.

³³ TEIXEIRA, 1995, p. 34.

³⁴ **Vendeta** é uma sequência de ações e contra-ações motivadas por vingança que são levadas a cabo ao longo de um período de tempo por grupos que buscam justiça.

voltou a si, estava dentro do mosteiro, estando este com as portas trancadas. Então as freiras não lhe puderam negar a entrada. Rita viveu ali por quarenta anos³⁵.

No Convento, Rita pôde viver de maneira plena sua entrega a Deus. Suas atitudes no Convento demonstravam pobreza, serviço e vida de oração. “Sua humildade fazia com que Rita não só se sentisse a menor no convento, ‘uma pobre pecadora’, como ela se chamou perante a comunidade, como também escolhesse para si os objetos mais simples e os trabalhos mais difíceis”³⁶.

Santa Rita cultivava intensa vida de oração no Convento. Diariamente reservava muitas horas para oração. Quando começou a sentir o peso da idade, ela proferiu essa oração diante do crucifixo: “*Aumenta a minha paciência, à medida que aumenta a minha dor, meu sofrimento*”. Sua atitude sugere que a oração requer paciência, saber esperar a resposta de Deus, mesmo em meio aos sofrimentos.

Aos sessenta e dois anos, Santa Rita ficou definitivamente acamada, numa longa enfermidade que durou quatro anos. Deus quis que ela provasse para nós sua paciência, para que pudéssemos imitá-la³⁷.

Na concepção de Rocha (1980), Santa Rita foi uma “criatura humana. Uma mulher frágil, mas que soube aceitar as dificuldades da caminhada, transformando as pedras do caminho em pedras vivas para a construção do Reino dentro de si mesma”³⁸.

Ainda na fala desse autor

Rita foi aprendendo que a oração é um longo vôo, um êxodo como o dos pássaros migradores. Nesta caminhada, Rita foi descobrindo que a oração é uma longa paciência. E que é preciso colocar-se em estado de ser “capaz de Deus”. Ou ainda na condição de “pobre”, diante de Deus³⁹.

Refletindo na vida de oração de Santa Rita, se compreende que a verdadeira oração cristã nunca será uma fuga. Será, pelo contrário, um mergulho de toda sua vida em Deus. “Uma vida, vivida em muitos caminhos, mas sempre orientada para Deus. Uma vida, que teve momentos fortes de dor, de ansiedade, de ternura, de dúvidas, de fracassos e vitórias, de tristezas e alegrias. Como nossas vidas”⁴⁰.

A vocação de Santa Rita, de certo modo, está intimamente relacionada à oração de Santa Mônica, afinal, Rita veio a pertencer à Ordem de Santo Agostinho, filho de Santa

³⁵ Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-rita-de-cassia/106/102/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

³⁶ TEIXEIRA, 1995, p. 54.

³⁷ TEIXEIRA, 1995, p. 72.

³⁸ ROCHA, 1980, p. 59.

³⁹ ROCHA, 1980, p. 74.

⁴⁰ ROCHA, 1980, p. 91.

Mônica. A oração é tal qual a semente lançada pelo semeador, talvez ele consiga ver o crescimento da árvore e até alguns dos frutos, mas não tem a exata noção de quantos serão alcançados por esse gesto, quantos se alimentarão dos frutos ou mesmo se sentarão à sombra fresca.

Uma vida de oração tem reflexos nas vidas de tantas outras pessoas. Não fossem as orações em tempos longínquos, nos tempos atuais não se encontrariam tantos testemunhos de esperança em meio às aflições, tantos exemplos de santidade e de confiança em Deus. Um desses exemplos é o do Cardeal François Van Thuan (1928 – 2002). A respeito dele, o Papa Emérito Bento XVI disse o seguinte, na ocasião dos cinco anos de falecimento desse cardeal e início do processo de beatificação

O Cardeal Van Thuân era um homem de esperança, vivia de esperança e difundia-a entre todos os que encontrava. Foi graças a esta energia espiritual que resistiu a todas as dificuldades físicas e morais. A esperança apoiou-o como Bispo isolado da sua comunidade diocesana por 13 anos; a esperança ajudou-o a entrever no absurdo dos eventos que viveu, nunca teve o direito de um processo durante a sua longa detenção um desígnio providencial de Deus. A notícia da doença, o tumor, que depois o conduziu à morte, chegou quase em simultâneo com a da nomeação para Cardeal por parte de João Paulo II, que nutria por ele grande estima e afeto. O Cardeal Van Thuân amava repetir que o cristão é o homem da hora presente, do agora, do momento, (...). Nesta capacidade de viver a hora presente transparece o seu íntimo abandono nas mãos de Deus e a simplicidade evangélica que todos admirávamos nele⁴¹.

Van Thuan esteve preso por treze anos sem ao menos ter direito a julgamento. *“Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.”* (Mt 5, 10). O próprio Van Thuan (2000) partilhou um pouco de sua experiência no cárcere

Quando fui preso, tive de viajar logo, de mãos vazias. No dia seguinte me foi permitido escrever para arranjar as coisas mais necessárias: roupas, dentifício... Escrevi a meu destinatário: ‘Por favor, mande-me um pouco de vinho, como remédio contra o mal de estômago.’ Os fiéis compreendem o que significa: mandam-me uma pequena garrafa de vinho de missa, com o rótulo ‘remédio contra o mal de estômago’, e hóstias escondidas em um frasco contra a umidade [...] Não poderei nunca exprimir a minha grande alegria: todos os dias, com três gotas de vinho e uma gota de água na palma da mão, celebro a minha missa [...]⁴².

E conclui suas palavras dizendo que eram as missas mais belas de sua vida.

Diante de testemunhos como esse pode-se inferir que a fé e a confiança no Reino de Deus não deixam o cristão desistir, mesmo quando acometido por injustiças ou graves doenças, a oração deve seguir sem cessar. Os exemplos de Santa Mônica, Santa Rita de

⁴¹ BENTO XVI, Papa. *Discurso aos Oficiais e aos colaboradores do Pontifício Conselho Justiça e Paz, por ocasião do 5º aniversário da morte do cardeal François-Xavier Nguyễn Van Thuân*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican>. Acesso em: 11 fev. 2022.

⁴² THUAN, François Xavier Nguyen Van. *Cinco pães e dois peixes*. Do sofrimento do cárcere um alegre testemunho de fé. 8.ed. Aparecida: Santuário, 2000, p. 43.

Cássia e de Van Thuan demonstram como a oração é capaz de fortalecer o cristão e conduzir à conversão daqueles pelos quais intercedem.

3.5 A Oração nos dias de hoje: Relatos de experiências

Os modelos primorosos de fé e confiança através da oração incessante não se restringem apenas a Maria, aos santos e religiosos, mas habitam no seio das paróquias, nas comunidades, na simplicidade de muitos leigos, nas pessoas humildes. Um personagem bíblico que ajuda a refletir a respeito da fé e da confiança em Deus em meio às tribulações é Jó, conforme tratado anteriormente. Como afirma o Papa São João Paulo II em uma de suas reflexões na SD (10)

É conhecida a história deste homem justo que, sem culpa nenhuma da sua parte, é provado com inúmeros sofrimentos [...] Nesta situação horrível, apresentam-se em sua casa três velhos amigos que procuram – cada qual com palavras diferentes – convencê-lo de que, para ter sido atingido por tão variados e tão terríveis sofrimentos, deve ter cometido alguma falta grave [...] Dir-se-ia que os velhos amigos de Job querem não só convencê-lo da justeza moral do mal, mas, de algum modo, procuram defender, aos seus próprios olhos, o sentimento moral do sofrimento. Este, a seu ver, pode ter sentido somente como pena pelo pecado; e, portanto, exclusivamente no plano da justiça de Deus⁴³.

Como ocorreu com Jó, ainda hoje, amigos ou familiares podem, de maneira equivocada, atribuir o sofrimento a alguma situação de pecado daquele que se encontra aflito. Mas não poderia o sofrimento se tratar de uma manifestação de Deus na vida daquela família e/ou comunidade?

Segundo o pensamento de Buelta (1988): “Deus às vezes aparece diante de nós como uma ameaça, como um estranho a quem não desejamos ver porque queremos seguir vivendo” (Ex 20, 19)⁴⁴. E completa que “porém, o sofrimento também deve ser visto como parte da história de cada um, sendo uma forma de Deus se manifestar e, inclusive, levar alguém à conversão diretamente ou por meio dos testemunhos dos irmãos”⁴⁵.

Neste item apresentamos relatos de experiências de fé que acompanhamos de perto nas comunidades paroquiais onde trabalhamos. São pessoas muito simples e pobres que foram visitadas pelo sofrimento e viveram severas provações, mas que nunca perderam a fé e a confiança em Deus, valendo-se, por exemplo, da oração incessante e da devoção.

⁴³ JOÃO PAULO II, 2006, p. 17.

⁴⁴ GONZÁLEZ BUELTA, 1988, p. 34.

⁴⁵ GONZÁLEZ BUELTA, 1988, p. 35.

3.5.1 Grave enfermidade de um pai

Introduzindo aqui mais um relato de experiência, agora quando pároco na comunidade Senhor dos Passos, no Município de Sarzedo-MG e pertencente à Arquidiocese de Belo Horizonte, deparamo-nos com uma sofrida situação no ano de 2010. Tratava-se da enfermidade do Sr. José Vieira, conhecido como Sr. Duca que descobrira um câncer de próstata já na velhice, por volta de 65 anos. A sua família era como a maioria das famílias típicas do interior antigo: simples, pobre, religiosa, trabalhadora e honesta. Sua filha Sandra era engajada na comunidade paroquial atuando como Ministra Extraordinária da Eucaristia. Só depois de algum tempo do diagnóstico da doença, nos contaram sobre o fato. O diagnóstico confirmou que o tumor era maligno e estava em estágio avançado. Foram vários meses de tratamento. Tudo isso vem à nossa memória como se ainda fosse recente. Por fim, já sem o que fazer, a família nos comunicou que a equipe médica havia autorizado o retorno do Sr. Duca para casa. E lá ficou por um bom tempo ainda, no seu calvário diário.

Nesse tempo, entre a descoberta da enfermidade e a morte do Sr. Duca, presenciamos por muitas vezes a atitude de fé de sua filha Sandra. Em incontáveis oportunidades a víamos se dirigir à igreja matriz, que ficava próxima à sua casa. E ali rezava, ora diante da imagem do Senhor dos Passos, ora na capela diante do Santíssimo. Rezava com fé, lágrimas, esperança e confiança em favor do sofrimento e possível cura de seu pai. Como nós despachávamos na secretaria paroquial os serviços burocráticos, duas vezes na semana, quase sempre a encontrávamos. Muitas vezes nem sabíamos o que falar, perguntar, conversar. Mas percebíamos sua atenção, delicadeza, fé e confiança em Deus. Sempre com paciência para conversar, responder e dar notícias de seu pai. Parecia que nada tirava a sua paz. Embora, imagino, guardasse interiormente sua dor.

Quando servia como ministra na celebração e participava de outros momentos celebrativos, a fé de Sandra parecia intensificar-se, como se estivesse para receber uma resposta de Deus a qualquer momento. Nada mais esperava da medicina. A situação de seu pai já se arrastara por quase um ano. Só de Deus esperava um alívio, um consolo, uma resposta em favor do sofrimento do pai, Sr. José Vieira, que veio a falecer oito meses depois do diagnóstico recebido.

O exemplo de fé-confiança em Deus dessa mulher nos mostra que a resposta ao sofrimento não deve ser o de se afastar da Igreja e de Deus como se fossem os responsáveis por tudo o que esteja acontecendo, mas de abraçá-lo como um irmão e continuar a servir. No poema, O Cântico do Sol, São Francisco de Assis saudava a Morte como irmã, pois

compreendia a ação de Deus na vida de cada um e que a morte não se tratava do fim, mas parte do caminho: “*Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Morte corporal, da qual homem algum pode escapar (...). Bem aventurados aqueles que cumpriram tua vontade*”.

Esse episódio da vida de Sandra, a morte do pai devido a uma grave enfermidade, revela o quanto Deus se preocupa em dar um sentido para o sofrimento na vida de todos, um sentido maior, muitas vezes incompreendido: recordar o sofrimento do próprio Cristo e, conseqüentemente, todo o amor que emana desse gesto.

Bento XVI (SS, 37) afirma que “não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor.”⁴⁶

Em meio às aflições, como gesto de amor incondicional, Deus sempre responde àquele que clama. Como Deus atende às nossas necessidades e preces não sabemos. De acordo com Galilea (1984)

Entretanto, Jesus não prometeu que a oração é eficaz para resolver qualquer necessidade, qualquer desejo, qualquer capricho [...] A oração não existe para substituir a responsabilidade humana, como também não é um salva-vidas. Quando oramos por um doente, por exemplo, o que se pode esperar não é que a saúde necessariamente retorne, mas que esse doente se identifique com a vontade de Deus e viva sua doença como um filho de Deus⁴⁷.

Seria de certa maneira egoísmo rezar *Seja feita a Vossa vontade*, mas, no fundo do coração repetir incessantemente “Seja feita a minha vontade”. Ou seja, caso a resposta divina fosse, de certa forma, diferente da esperada, não aceitasse e murmurasse contra Deus. No sermão sobre a oração do Pai nosso, Santo Tomas afirma

Quando dizemos a Deus: *Seja feita a vossa vontade*, é como se fôssemos doentes que aceitam o remédio amargo, prescrito pelo médico. O doente não quer tal remédio, mas aceita a vontade do médico, do contrário, seguindo só sua vontade, seria um insensato. Da mesma maneira, não devemos pedir a Deus nada além do Seu querer, isto é, a realização de Sua vontade em nós. O coração do homem é reto, quando está de acordo com a vontade divina, assim como fez o Cristo: (Jo 6, 38): *Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou*⁴⁸.

Ainda para Galilea (1984)

a oração é eficaz ao nível da nossa identificação com a vontade de Deus (Lc 11, 9-13). Cristo nos prometeu que, se orarmos com constância, receberemos o Espírito Santo: nosso ser e nosso atuar se converterão progressivamente, fazendo com que crescamos na vida segundo o Espírito e na imitação de Cristo, nós e aqueles pelos quais oramos⁴⁹.

⁴⁶ SPE SALVI, 2005, p. 57.

⁴⁷ GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 172.

⁴⁸ O PAI NOSSO E A AVE MARIA - SUMA TEOLÓGICA. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07>. Acesso em: 17 fev. 2022.

⁴⁹ GALILEA, 1984, p. 172.

Portanto, a oração, ainda que de súplica, não tem o propósito de convencer a Deus, mas aumentar em nós a convicção de que a Sua vontade é o melhor para o ser humano.

3.5.2 A dolorosa perda de um filho

Aqui mais uma forte experiência de fé-confiança em Deus de pessoas simples que vivemos na Paróquia em Sarzedo. A fé de Dona Efigênia. Mãe de quatro filhos, viúva. Tivemos o pesar, mas também a satisfação de celebrar as exéquias de seu falecido esposo. Dona Efigênia muito antes de viver seu calvário com o filho Paulo, já irradiava muita paz e esperança na fé que herdou de seus pais e procurou ensinar aos filhos. Mas, a exemplo do filho pródigo (Lc 15, 11-32), um de seus filhos resolveu aventurar-se em caminhos que provocaram muitos sofrimentos para a família, de modo especial para sua mãe.

Dona Efigênia, que já participava da Legião de Maria há anos, cultivava uma fé inquebrantável em Nossa Senhora. Infelizmente teve a triste notícia de que seu filho Paulo estava envolvido e viciado em drogas. De fato, nós que conhecíamos bem a família, percebemos que Paulo sempre foi mais fechado, calado, até misterioso. Vem-nos à memória que dona Efigênia, sem receio algum, com toda simplicidade que sempre teve, em um encontro comunitário solicitou orações por seu filho Paulo que, segundo ela, estava se perdendo no mundo das drogas.

Essa mulher se apegou tanto à fé em Nossa Senhora e ao Senhor dos Passos que passou a rezar, posso dizer, em dobro. Geralmente, por suas dificuldades de idade, ela comparecia só duas vezes por semana na igreja: às segundas-feiras para o encontro da Legião de Maria, e aos domingos para a celebração eucarística. E raramente, em outras atividades. Mas, ao viver em casa essa realidade com o filho sua fé parece ter-se agigantado. Rezava, segundo ela, todos os dias dois terços e, também, havia passado a fazer adoração às quintas feiras, na igreja matriz.

E quando parecia que Deus atenderia à maneira de dona Efigênia suas preces, ela nos confidenciou uma nova tristeza com o filho: estava envolvido também com prostituição. Nós que a conhecíamos bem (hoje que Deus a acolha no seu Reino, ela que procurou fazer a Sua vontade, faleceu em 2019) ficamos sinceramente muito comovidos com toda a situação. Como padre, ainda novo no ministério, ficamos sem saber realmente que palavras dirigir ao coração dessa mulher que transmitia tanta simplicidade, fé e confiança. De um detalhe nos recordamos bem: já no final de nossa visita em sua casa convidamos dona Efigênia a fazer

uma oração e, por fim, impusemos as mãos sobre sua cabeça e demos uma bênção pedindo, no silêncio do coração, por ela, que tinha tanta fé em Nossa Senhora e no Senhor dos Passos, para que pudesse continuar firme nessa fé-confiança.

Sinceramente, não temos palavras para descrever a dor que estava no coração dessa santa mulher. Nunca a vimos se revoltar com a situação. Na verdade ouvia sempre palavras de esperança: “Nossa Senhora vai cuidar do meu filho”; “O Senhor dos Passos guia os passos do meu filho”; “Eu tenho fé que Deus vai ter misericórdia de mim”; “Eu tenho rezado todos os dias entregando meu filho”. Palavras de esperança, insistentes, de confiança que saíam do coração e lábios dessa senhora. Depois de certo tempo, dona Efigênia recebeu a triste notícia de que o filho Paulo havia sido assassinado. Tinha apenas 31 anos.

A morte de um filho recorda Nossa Senhora com Jesus nos braços aos pés da cruz. Nada poderia fazer naquele momento, apenas confiar em Deus. Imenso sofrimento experimentado por uma mãe, o de ter o filho assassinado.

Muitas vezes é pedido em oração que alguém seja livrado do mal, porém é importante recordar que todo acontecimento carrega em si um propósito, ainda que, em um primeiro momento, não seja compreendido.

Santo Afonso Ligório (1992) escreve

Muitas vezes pedimos a Deus que nos livre de alguma tentação perigosa, e Deus não nos atende e permite que a tentação continue. Nesse caso, devemos entender que Deus assim permite para que nosso próprio bem. Não são as tentações e meus pensamentos que afastam de Deus, mas sim o consentimento dado. Quando a alma tentada se recomenda a Deus e, com o auxílio, resiste aos ataques de seus inimigos, progride na virtude e une-se mais estreitamente a Ele. Esta é a razão por que o Senhor deixa de atendê-la. São Paulo pedia insistentemente ao Senhor que o livrasse das intenções impuras: “Permitiu Deus que sentisse em minha carne um estímulo, que é o anjo de satanás, para me esbofetear; por cuja causa roguei ao Senhor três vezes que o afastasse de mim” (2Cor 12,7). Mas o Senhor respondeu: “Basta-te a minha graça”⁵⁰.

O desfecho da oração incensante dessa mulher de muita fé não foi, humanamente, o que ela esperava. Mas, sem dúvida alguma, suas preces diárias de entrega do filho aos cuidados de Nossa Senhora e do Senhor dos Passos, serviram para confortar seu coração, na esperança de que suas súplicas foram ouvidas e de que seu filho já participa, pela misericórdia de Deus, da glória celeste.

⁵⁰ LIGÓRIO, 1992, p. 62.

3.5.3 Desemprego, miséria e fome

Fizemos nosso segundo estágio pastoral em Ribeirão das Neves (2000-2001), na Comunidade Sagrado Coração de Jesus, no bairro Landi, que pertencia à época a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, no bairro Mantiqueira, em Belo Horizonte. Lá conhecemos muitas pessoas simples, pobres, trabalhadoras e de muita fé. Eram muitas as famílias que viviam (e imagino que ainda vivem) com dificuldades. Faltavam muitos recursos básicos: trabalho, moradia digna e própria, saúde, uma boa escola, alimentação. Mas não faltava a fé. Não faltava a presença e participação ativa, servidora e de fé na comunidade.

Deparamo-nos com uma dessas famílias: Marcos, Camila e os filhos Alex, Bianca e Laura, à época, ainda pequenos. Família, além de simples, também muito pobre materialmente. Mas, de uma presença, um testemunho de fé na comunidade, que dava gosto de ver. Certa vez um senhor que era vicentino nos comunicou que a família era assistida pela Conferência Vicentina. Conhecíamos a família e pudemos mensurar o grau de dificuldade que estariam enfrentando. Na ocasião, Marcos nos comunicou que estava desempregado; sua esposa era doméstica. Não temos muitas lembranças do motivo pelo qual fomos convidados a visitar essa família. A partir dessa visita pudemos acompanhar o drama dessa família que, na verdade, sobrevivia a cada dia pela Providência de Deus. Sem emprego, com aluguel a pagar e escassos recursos em casa e ainda com três filhos para cuidar. Marcos ficou um bom tempo sem emprego fixo e se virava com trabalhos como o de servente de pedreiro. Eles foram amparados pela Sociedade Vicentina durante esse período. Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que em nenhum momento nos recordamos de tê-los visto, sequer um minuto, revoltados ou impacientes. Pelo contrário, a fé e a confiança em Deus eram tão grandes que nunca abandonaram a comunidade. Costumavam dizer que Deus faria a obra e que providenciaria um novo emprego para Marcos. E que a situação iria melhorar.

Ainda hoje, passados mais de vinte anos, residem em Ribeirão das Neves e no mesmo bairro. Uma das alegrias que temos é a de até hoje manter contato com a família. Ficou uma amizade. Vivem ainda com muitas dificuldades, para não dizer pobreza; mas com os filhos crescidos e encaminhados no trabalho. Deus que escuta sempre como Pai as preces de seus filhos, acolheu as dores dessa família e a faz viver, em meio às dificuldades diárias, a esperança da fé e de dias melhores.

Dessa experiência nos vem à mente um versículo do Livro dos Salmos: *“O pobre não ficará esquecido para sempre, a esperança dos pobres jamais se perderá”* (Sl 9, 19). O próprio Deus se fez pobre para visitar a humanidade, afinal, o Reino de Deus é dos pobres e

para os pobres. Porém, é importante que respondamos ao clamor desses irmãos necessitados com o nosso amor, assim como fez a Sociedade Vicentina para com essa família de Neves. Afinal, nas palavras de Jesus: *“todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes”* (Mt 25,40).

3.5.4 Uma experiência atual

Uma experiência mais recente se deu na paróquia Sagrada Família, bairro Havaí, em Belo Horizonte, onde atualmente somos pároco. Trata-se da vida cheia de provações de uma Ministra Extraordinária da Eucaristia: Patrícia Souza. Ela pertence à comunidade Nossa Senhora Aparecida, a mais carente da paróquia. Sua luta diária se dá com seus dois filhos: um filho, viciado em drogas o qual já foi preso algumas vezes; e uma filha que sofre de depressão, o que a leva a mutilar-se frequentemente.

A família é muito pobre, simples, mas Patrícia sempre demonstrou uma fé-confiança em Deus e Nossa Senhora Aparecida. Nas suas maiores dificuldades sempre diz: “Padre, eu louvo a Deus, por tudo, tudo, tudo; não tenho nada a reclamar”; “Nossa Senhora sabe a fé e o amor que tenho por ela”. O engajamento pastoral dessa mulher na comunidade é um exemplo, por sua responsabilidade e compromisso, mesmo vivendo diariamente essa dura realidade. A fé [em Deus e Nossa Senhora Aparecida] sobressai em meio a tanta angústia. Encontramos Patrícia nas celebrações, adoração, momentos marianos, envolvida nas barraquinhas, música, serviços gerais, dentre outros. Sua trajetória é um verdadeiro testemunho de fé e coragem para a Comunidade.

A experiência de Patrícia nos recorda o sofrimento de tantas mães que intercedem, dia após dia, pelos seus filhos e filhas. Em diversas paróquias pelo Brasil, há o movimento *Mães que oram pelos filhos* no qual, como o próprio nome indica, as mães intercedem pelos filhos, não apenas pelos próprios, mas por todos. A mãe que ora e sofre por aqueles que se perdem em meio às tentações e pecados. Na paróquia Sagrada Família, essa pastoral se encontra semanalmente na Capela Nossa Senhora Aparecida, na qual Patrícia participa ativamente.

Há outros tantos exemplos de encontro com Deus por meio da oração dos humildes, cada qual à sua maneira ensinando e evangelizando aqueles com os quais convivem. Na ocasião do Dia Mundial dos Pobres, em 14 de novembro de 2021, o Papa Francisco nos recorda de que sempre teremos pobres entre nós (Mc 14,7) e de que Jesus está com eles

Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos. As suas palavras – «sempre tereis pobres entre vós» – pretendem indicar

também isto: a sua presença no meio de nós é constante, mas não deve induzir àquela habituação que se torna indiferença, mas empenhar numa partilha de vida que não prevê delegações. Os pobres não são pessoas «externas» à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social⁵¹.

Essas pessoas simples e pobres nos evangelizam. Os testemunhos de fé-confiança aqui apresentados reforçam a esperança em Deus. E nas palavras do Cardeal Gotti, segundo Santo Afonso de Ligório (1992), de

que o Senhor não é obrigado a dar-nos sempre uma graça igual à tentação, mas é obrigado, quando somos tentados e recorremos a Ele, a dar-nos por meio da graça (que para todos tem preparada e oferece) a força suficiente, com que oportunamente possamos resistir às tentações⁵².

Essa é, com toda certeza, a convicção de Patrícia nas suas agruras diárias: a total confiança de que Deus (e a intercessão de Nossa Senhora) não permite uma tentação sem o auxílio necessário.

3.6 A oração nos momentos de sofrimento

A oração muitas vezes não é feita valendo-se apenas de fórmulas prontas. Muitas vezes o povo desenvolve uma linguagem própria para expressar a sua fé-confiança no divino. É importante que o presbítero possa, com olhar paternal e pastoral, auxiliar os fiéis a encontrarem a melhor maneira de rezar e de caminhar ao encontro de Deus, especialmente em situações que envolvam sofrimentos pessoais, familiares ou comunitários. Vejamos a fé que as pessoas simples e carentes expressam.

3.6.1 Sabedoria popular

O povo, em geral, tem seus provérbios, canções, ditos populares para cada situação que enfrentam na vida, sejam de angústia, alegria ou esperança. Por exemplo, quando se quer alcançar um determinado objetivo diz-se que: *de grão em grão a galinha enche o papo*; ou a concepção de quem acorda cedo será abençoado: *Deus ajuda quem cedo madruga*. Não é diferente quando se trata de alguém que vive severos sofrimentos, e se considera religioso e

⁵¹ FRANCISCO, Papa. *Mensagem pra o V Dia Mundial do Pobre*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/vatican>. Acessado em 18 fev. 2022.

⁵² LIGÓRIO, 1992, p. 48.

que deposita radicalmente sua fé e confiança em Deus. Particularmente, nas expressões de pessoas mais simples, encontramos tamanha sabedoria bíblica e popular, que nem mesmo elas sabem mensurar. Vemos tal sabedoria humana buscar inspiração nos seguintes meios:

- a) **Nos textos bíblicos:** *O senhor é o meu pastor e nada me faltará* (Sal 22, 1) Confiança na providência divina. *Cairão mil a teu lado e dez mil à tua direita; mas nada te poderá atingir* (Sal 91, 7) Referência à proteção de Deus ao povo eleito. *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus* (Mt 22, 21) Equilibrar o divino e o secular no cotidiano.
- b) **Nas canções:** *Ainda se vier noites traiçoeiras, se a cruz pesada for...* A certeza de que Deus acompanha o homem também no contexto do sofrimento e não o abandona. *Ninguém te ama como eu...* Amor de Deus pela humanidade, principalmente por ter entregue o Seu próprio Filho para a salvação de todos. *Eu confio em nosso Senhor, com fé, esperança e amor...* Confiança em Deus e nas suas obras na vida de cada um.
- c) **Nos ditados populares:** *Deus escreve certo por linhas tortas.* De algum modo tudo dará certo ao longo do caminho. *A esperança é a última que morre.* Quem tem fé e esperança de que algo melhor vai acontecer. *Há males que vem para o bem.* Quer dizer que uma situação ainda que ruim pode ter boas consequências. *Quem espera sempre alcança.* Especialmente a graça de Deus.

3.6.2 A atenção orante dos presbíteros

Na caminhada pastoral experienciamos, diariamente, inúmeros sofrimentos e batalhas desses leigos, pessoas simples e pobres. Na carta de Tiago (5, 13) se diz que: *se alguém estiver doente chame os presbíteros*. Por isso, os consagrados são chamados a observar atentamente várias situações de enfermidades (física e emocional) onde se revelam a presença do Senhor Crucificado e Ressuscitado. São elas:

3.6.2.1 Na visita aos enfermos

Especialmente no hospital nos deparamos com as reais dificuldades, não só do **enfermo**, mas também daqueles que o acompanham. São situações adversas: por parte do doente, quase sempre internado em hospital com estruturas precárias, demora na realização de exames importantes, falta de recursos; e por parte de seu acompanhante, alimentação

insuficiente, além de o deslocamento realizado até o hospital ser feito, muitas vezes, por meio de transporte público (de ônibus ou metrô) tornando assim a ida mais cansativa, e, agora, até mais arriscada (com a pandemia da Covid-19). Quase sempre são pessoas com o semblante cansado, abatido, mas com fé e esperança em Deus. É de uma fé impressionante que mesmo na dor, esse enfermo, ainda que prostrado no leito, expressa as seguintes palavras quando recebe a visita: “Padre, eu rezo o terço todos os dias”; “padre, eu rezo pelo senhor todo santo dia”. O necessitado, mesmo na dor e sofrimento, encontra forças para rezar por aqueles que deveriam rezar por ele.

Um hospital não deveria ser um lugar estranho aos cristãos, por isso, com as devidas precauções sanitárias, não apenas os presbíteros, mas também os leigos deveriam ser encorajados a ir ao encontro daqueles que estão nas enfermarias, muitas vezes abandonados pela própria família. É comprovado que a atenção de outras pessoas contribui positivamente na recuperação de quem se encontra debilitado e doente. A enfermidade pode alcançar a pessoa em qualquer momento da vida, em muitos casos na velhice, mas também na infância e na juventude. Aqui entra o sentimento de compaixão, de se colocar no lugar do irmão e dedicar um tempo para ele, auxiliando sua família a viver esse momento de maneira mais leve e na presença de Deus. Devemos estar atentos e prontos a ajudar o irmão que sofre.

3.6.2.2 Na carência material

Uma situação não menos diferente se dá quando visitamos uma família que vive severa **carência material**. Quase tudo na sua residência atesta essa pobreza material: a falta de acabamento nos cômodos da casa, o lanche oferecido, o lugar para se acomodar, dentre outros aspectos. São pessoas pobres e simples, de fé, de presença e vivência na comunidade paroquial, e que revelam suas angústias atuais: desempregados, endividados, adoecidos no corpo. Famílias que, mesmo na intensa pobreza, ainda procuram justificar essa “possível falta com Deus”: “Padre, meu dízimo está atrasado há muitos meses. Mas se Deus quiser eu vou quitar logo”; “padre, eu tive que diminuir no dízimo porque as coisas aqui em casa apertaram”. São pessoas que vivem a pobreza dentro da própria casa, porém, revelam ao padre que doaram o alimento para a campanha do quilo, não aquilo que restava, mas uma parte do pouco que tinham. Assim como na passagem da viúva pobre (Lc 21, 3-4) que doou tudo o que tinha ao templo.

São leigos e leigas assim, simples, pobres e que enfrentam dificuldades e que ainda têm a gentileza e a caridade de nos momentos especiais da vida de um presbítero (como

natalício e ordenação) presenteá-lo com algum cartão, perfume, toalhas, sapatos, CDs, livros, roupas, etc. Em contrapartida temos que reconhecer nossa enorme dificuldade de retribuí-los, nessa mesma data, com um simples cartão, telefonema, abraço. Muitas vezes temos a visão equivocada de que para ajudar alguém devemos fazer algo grandioso, mas esse era justamente o erro dos fariseus que faziam dessa forma para se mostrar para os demais.

No entanto, o amor e a caridade residem na simplicidade. É essencial ter o olhar atento para perceber os gestos de amor presentes nas ações mais corriqueiras e saber, também de forma simples, como valorizar a ajuda de cada um. Saber ser humilde assim como os pobres. Nas palavras da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2002)

Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandalizamos o fato de saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício”⁵³.

3.6.2.3 Na morte de um ente querido

Uma terceira situação em que os presbíteros são convidados a observarem mais atentamente é no momento em que essas pessoas simples **perdem um ente querido**. São situações extremamente dolorosas, pois, quase sempre, elas dependiam exclusivamente do seu parente falecido. Trazemos um exemplo recente quanto ao falecimento de um ex-ministro da Eucaristia da paróquia: Sr. Camilo. Sua família é muito pobre e dependia exclusivamente do ofício de pedreiro do Sr. Camilo. Na ocasião de sua morte, sua esposa e duas filhas pareciam que queriam partir junto com ele, tamanha era a dor e a impossibilidade de superar esse momento. Algumas vezes ouvimos da própria esposa, que apresenta uma deficiência física nas pernas: “Não sei o que fazer, Camilo era o arrimo da casa; ele colocava o pão todo dia para nos sustentar”. E ela chorava copiosamente. E também o testemunho de uma de suas filhas: “O pai estava quase terminando de construir o meu quarto”. Pois na casa, muito simples, na verdade, um barracão, a família vive apenas em quatro cômodos.

É importante que o presbítero, com o auxílio das pastorais e dos leigos, consiga aconselhar as famílias a respeito de como lidar com a morte. Apesar de ser um momento bastante delicado é necessário que se esteja preparado, principalmente em ocasião de grave enfermidade. Desse modo, ao se sentir amparada, por exemplo, pelos irmãos da comunidade e

⁵³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*. São Paulo: Paulinas, 2002, Introdução, n. 2.

as obras de caridade, aquela família pode suportar de forma mais serena a visita da irmã Morte Corporal, como a chama São Francisco de Assis no Cântico das Criaturas.

3.6.2.4 Nos estudos

Outra situação que carece de atenção dos presbíteros trata-se dos **Estudos**. Conhecemos uma família religiosa, humilde e caridosa; e que vivia constantemente em dificuldades financeiras. Nessa família havia uma jovem que sonhava em cursar uma graduação. Porém, víamos muitos obstáculos pela frente. Mas o que nos impressionava era a maneira de rezar de sua mãe. Na verdade, o fervor de sua fé chegava a ser até, mesmo inocente (ingênua) pelas reais condições em que vivia a família: severa carência e luta para conseguir a cada dia o básico para a sobrevivência. Visitamos muitas vezes essa família. Era engajada na paróquia: a filha, que aspirava por um curso superior, participava na pastoral da Acolhida; e a mãe, na pastoral da Legião de Maria. Nas muitas conversas que tivemos na pobre residência delas, a mãe revelava uma fé inquebrantável, insistente e confiante em Deus, de que sua filha um dia faria uma graduação. Foram anos de oração, desde o momento em que as conhecemos. Já se passaram dez anos, de busca, de confiança, de espera em Deus em favor da filha. Essa, ainda não ingressou em um curso superior, até em razão da condição de pobreza, que permanece até o momento; visto que precisam discernir, a cada dia, o que escolher para sobreviver. Mas, já houve uma mudança significativa na família. A fé se intensificou na certeza de que Deus se faz presente na miséria. A família caminha mais com os pés no chão, ciente de que existem outros caminhos de realização profissional tão dignos quanto ao de um curso superior.

Diante desse relato saibamos perceber que a oração nos transforma, mesmo se aparentemente não for atendida. É importante que o padre, na figura de pastor e conselheiro do seu povo, consiga vislumbrar alguns caminhos para sugerir às pessoas, abrindo os olhos das mesmas para novas possibilidades, mesmo que para isso sejam necessárias renúncias. Afinal, muitas vezes alguém fixa o olhar em determinado objetivo, se esquecendo de compreender o verdadeiro caminho que está trilhando e ainda de refletir a respeito das oportunidades que possam surgir.

3.6.2.5 Nos relacionamentos

Uma quinta e última situação a qual os presbíteros são chamados a ficarem atentos são os **Relacionamentos**. Existe, muitas vezes, um agravante na vida dessas pessoas mais simples e pobres das diversas comunidades de fé: a dificuldade de um bom relacionamento, seja com o cônjuge, com alguém da família ou ainda com algum irmão de comunidade. E muitos sofrem com isso. Clamam a Deus, dia e noite, para abrir-lhes o coração e poder perdoar, viver em paz com determinadas pessoas. “Padre, eu rezo todos os dias, entrego na minha oração, na novena, na adoração, meu esposo, minha esposa, meu colega de pastoral, meu vizinho; e peço a Deus forças para perdoar, para tirar do meu coração esse sentimento ruim”.

A fé-confiança em Deus, nessa situação, ajuda a pessoa a dar passos de amor, mesmo que essa caminhada exija um pouco de sofrimento, como se tirassem um prego do próprio peito. Muitas vezes preferindo deixar o prego inflamar em vez de retirá-lo. Cabe ao presbítero mostrar que é necessário deixar o coração mais leve, dar o primeiro passo para acolher o irmão, afinal, muitas vezes o orgulho não deixa que alguém busque o irmão, mas é necessário. Nas palavras do Papa Francisco em ocasião do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver a misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós, cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz⁵⁴.

Toda essa atenção despendida pelos presbíteros aos fiéis deve ser realizada de forma orante, seja ao visitar um hospital, ao entrar em uma casa de uma família que passa por sofrimento ou ao aconselhar nos estudos, relacionamentos e especialmente em caso de morte.

3.7 À guisa de conclusão

No terceiro capítulo observamos a demonstração da fé-confiança de santos e santos leigos, especialmente ao lidarem com as provações. Destaque para as mulheres que, com os seus testemunhos de fé, servem de motivação e exemplo para as novas gerações. A perseverança da fé de Santa Mônica que rezou pela conversão de seu filho Agostinho; e a luta

⁵⁴ FRANCISCO, papa. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 14.

de Santa Rita que rezou pela mudança de comportamento de seu esposo e de seus filhos, antes de tudo, as fortaleceram, interiormente.

Os relatos de experiências apresentados na pesquisa trazem as batalhas de “santas” mulheres, donas de casa, mulheres de fé e atuantes nas suas comunidades paroquiais. É a filha que padece contra o câncer e sofrimento de seu pai; a mãe que luta contra os vícios do filho; a esposa-mãe que experimenta a fome e o desemprego dentro de sua própria casa. Mas todas elas depositaram fé e confiança em Deus. É assim que a oração faz conosco diante de um momento de provação: no início, o coração se apresenta pesado, angustiado, preocupado; e no final, ele já parece ter se transformado, interiormente; pois vem a consolação, mesmo que aparentemente a situação exterior não tenha mudado.

A sabedoria humana tem seu lugar nos momentos de sofrimento. Particularmente, nos lábios das pessoas mais simples, encontramos rica literatura de sabedoria bíblica e popular, e que nem mesmo elas sabem medir a riqueza dessas expressões. Essa sabedoria é a confiança e certeza de que Deus tudo providenciará.

Os presbíteros-pastores são chamados a redobrar a atenção nas diversas situações de sofrimentos de suas ovelhas: na enfermidade, na carência material, na injustiça, na morte e outras tribulações. Eles são convidados à sensibilidade: seja pela oração diária e fiel, em favor do povo de Deus, de modo especial, daqueles que padecem seus males; seja pela proximidade física e necessário amparo.

Na Sagrada Escritura perscrutamos o exemplo de santas mulheres: Ana, mãe de Samuel e Susana que enfrentaram a amargura da humilhação e da acusação, respectivamente, mas que alimentaram suas esperanças nas promessas de Deus. E o exemplo de Maria, mãe de Jesus. Pois quando falamos de fé não podemos nos esquecer daquela que é para nós um verdadeiro e sincero modelo. Desde a visita e anúncio do anjo Gabriel, a jovem Maria soube acolher na fé os propósitos de Deus para sua vida. “*Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1, 38). Por inúmeras vezes Maria exerceu essa fé-confiança no Senhor: do nascimento de Jesus à morte de Cruz.

CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida procurou apresentar, de modo especial, a fé-confiança em Deus no tocante às pessoas simples e carentes que participam nas diversas comunidades paroquiais, e como agem nos momentos de sofrimento. A **delimitação** do tema proposto está centrada exclusivamente na **súplica** – e esta confiante – por exemplo, na entrega de um determinado sofrimento. Esse estudo visou perceber como essas pessoas de condição humilde, ainda que, enfrentando severas provações, depositam de maneira confiante e insistente, sem nenhuma revolta, suas esperanças em Deus.

Buscou-se observar três aspectos na prática de oração dessas pessoas: **a liberdade, a insistência e a confiança**. Liberdade, que é também intimidade, a exemplo de Jesus na relação com o Pai (Abbá). Insistência, por confiar que Deus não se irrita e nem se aborrece com a perseverança dessas pessoas. Confiança, na esperança de que seja atendido.

A intenção foi perceber o estilo de oração [livre, insistente e confiante] dos mais pobres e humildes, a partir da parábola do amigo importuno encontrada em Lucas (11, 5-8). Nessa passagem Jesus expressa a importância da perseverança na oração. A parábola aponta a extrema necessidade de uma pessoa que ao receber, na tranquilidade da noite, uma inesperada visita recorre, de forma insistente, a um único amigo; pois, naquele momento, só ele poderia agraciá-lo com os necessários pães. Essa narrativa de Jesus que fala da perseverança na oração serviu para mostrar as inesperadas situações de sofrimento que invadem a tranquilidade da “noite” das pessoas simples e carentes, participantes de nossas comunidades de fé. E como elas expressam na oração, ainda que inconscientemente, a atitude perseverante do amigo importuno.

No capítulo I, foi apresentada a concepção e importância da oração para o cristão. Para ilustrar o trabalho, trouxemos a experiência bíblica de fé de muitos, como: Abraão, Moisés, Jó e Paulo. A atitude orante de Jesus às dificuldades foi desenvolvida com mais propriedade. Além disso, a hagiografia revela a vida de intensa busca de oração suplicante e perseverante, como observado em: João Crisóstomo, Agostinho, Teresa de Jesus e outros. Exemplificamos os diversos momentos e espaços de cultivar a fé-confiança dos pobres e humildes, como novenas, peregrinações, etc. E, por fim, a palavra do Magistério a respeito dessa temática, com os papas Francisco e Bento XVI.

No capítulo II, buscamos apresentar a eficácia da oração na parábola do amigo importuno propriamente dita; e concluir com a catequese de Jesus sobre a perseverança na oração. Para isso, analisaram-se os principais elementos da parábola: necessidade (do pão),

recusa (do amigo) e resposta (à insistência). Posteriormente, aplicamos essa história no cotidiano das pessoas simples e pobres, e apresentaram-se, simbolicamente, três reais preocupações da Igreja para com as situações de sofrimento dessas pessoas: a enfermidade, a pobreza material e a morte de um ente querido.

E no capítulo III, procurou-se evidenciar os diversos testemunhos de vida de santos e leigos que enfrentaram fortes tribulações; mas que, em todas elas, voltaram seus corações para Deus. Deu-se destaque para o exemplo da vida de algumas santas mulheres, como Santa Rita de Cássia e, de modo especial, a mãe de Jesus. E ainda algumas ungidas experiências de fé-confiança de leigos engajados nas comunidades paroquiais; particularmente daqueles que viveram severos sofrimentos e tribulações, como: enfermidade, miséria, fome e morte de ente querido. A oração dessas pessoas carentes e simples, nos momentos de sofrimento, revela uma enorme sabedoria popular. Salienta-se que os pastores são convidados à fraternidade e caridade pastoral e a dedicar tempo à oração em favor dos que agonizam.

As buscas que fizemos na história, exclusivamente, na Sagrada Escritura, na vida dos santos e nos relatos de experiências pastorais, levou-nos a entender que há, sem dúvida, uma tendência de que as pessoas humildes e carentes busquem a Deus sem rebeldias, de maneira confiante e perseverante. Além disso, as perceptíveis orações de súplicas apresentadas (ora verbalizadas, ora proferidas com gestos) revelam, de modo positivo, que ainda existe total dependência de Deus. Porém, as pessoas mais humildes e carentes, ainda que demonstrem essa fé-confiança não estão isentas do desespero, da revolta, da dúvida e da falta de fé.

Como o nosso campo de pesquisa foi exclusivamente a fé-confiança das pessoas humildes e pobres, pôde-se observar nos vários recortes exemplificados certa regularidade na prática dessa parcela do povo quando atravessam determinadas angústias e aflições. Apresentamos diferentes tribulações, quase que diárias na vida dessas pessoas, para favorecer uma melhor percepção da tendência da fé-confiança. Observamos que cada pessoa exercita essa fé-confiança em Deus de maneira diferente nos momentos de provação. De modo geral, sobressaem a aceitação passiva da vontade de Deus naquela situação e o silêncio orante na esperança de uma possível resposta e confirmação do cumprimento de Sua vontade.

Diante do exposto, podemos concluir que o objetivo do trabalho foi alcançado, mas não esgotado. Esse estudo é passível de aprofundamento. Primeiro, verificar que a oração nos transforma, antes de tudo, interiormente, ainda que pareça que a situação exterior nada tenha mudado, mesmo se não for atendida; segundo, constatar que Deus sempre oferece mais do que pedimos, porque na verdade não sabemos o que pedir; pois pedimos mal (Gl 2, 34); e terceiro, comprovar que Deus, em Sua infinita misericórdia, oferece aquilo que é necessário

para o ser humano. Muitas vezes, alguma situação pode parecer que não causou transformação, por não ter alterado o exterior; na verdade sempre causa um efeito interior. Por exemplo, a perda de um ente querido pode tornar uma família mais unida; ou a manifestação de uma enfermidade pode tornar a pessoa mais sensível aos irmãos.

Por isso, os presbíteros deverão ficar atentos à realidade dessas pessoas humildes das comunidades, embora, não devam se descuidar do restante de seu rebanho, em casos específicos. Haverá situações em que os presbíteros deverão agir simplesmente com sua presença silenciosa e orante.

O assunto não se esgota. Muito pelo contrário, abre novas possibilidades de reflexões e pesquisas quanto à valorização e percepção da prática da oração perseverante e confiante do povo de Deus, em suas diversas esferas, ao lidar com um determinado tipo de provação.

REFERÊNCIAS

- ALETEIA. *Como Bento XVI se prepara para a morte*. Disponível em: <https://pt.leteia.org> › homepage- 1403 ›. Acesso em: 26 nov. 2021.
- BÁEZ, Silvio José. *Quando tudo se cala: o silêncio na Bíblia*. Paulinas: São Paulo, 2011.
- BALDESSIN, Pe. Anísio. *Assistência religiosa aos doentes: aspectos bíblicos*. Loyola. São Paulo, 2008.
- BENTO XVI, Papa. Carta Encíclica *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BENTO XVI, Papa. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Loyola, 2016.
- BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral*. O homem em oração. 22 jun. 2011. Disponível em: <https://www.vatican.va> › content › vatican. Acesso em: 28 de set. 2021.
- BENTO XVI, Papa. *Discurso aos Oficiais e aos colaboradores do Pontifício Conselho Justiça e Paz, por ocasião do 5º aniversário da morte do cardeal François-Xavier Nguyễn Van Thuân*. Disponível em: <https://www.vatican.va> › content › vatican. Acesso em: 11 fev. 2022.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução oficial da CNBB. Edições CNBB: 2.ed. 2019.
- BOVON, François. *El Evangelio según San Lucas II (Lc 9, 51-14, 35)*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.
- CÂMARA, Dom Hélder. *Em tuas mãos, Senhor: “A oração dos pobres”*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CAMPISI, Tiziana. *Santa Mônica mulher de oração a ser imitada*. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-08/.html>. Acesso em: 09 fev. 2022.
- CANTALAMESSA, Frei Raniero. *Quarta pregação da Quaresma*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/cantalamezza-quarta-pregacao-quaresma-mulher-este-teu-filho.html>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas – a caminho com Jesus missionário: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CATECISMO da Igreja Católica. 11.ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- CODINA, Victor. *O credo dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- COLAVECCHIO, R.L. *Jesus e a comunidade do reino no evangelho de São Lucas*. São Paulo: Loyola, 2013.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, decretos, declarações. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 141-256.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*. São Paulo: Paulinas, 2002.

DICIONÁRIO. Disponível em: <https://www.infopedia.pt> > dicionarios > português-grego. Acesso em: 20 de set. 2021.

DULCE, Irmã. *Frases e Oração - Obras Sociais Irmã Dulce*. Disponível em <https://www.irmadulce.org.br>. Acesso em: 09 nov. 2021.

EDITORIAL. *Oração mística e teologia*. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v.46, n.130, p.359-364, set./dez. 2014.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FALBO, Giovanni. *Santa Mônica: modelo de vida familiar*. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2009

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: O rosto da misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia*. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 20 de set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Catequese sobre o Pai nosso (2). 12 dez. 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 27 de set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Catequese sobre o Pai nosso (4). 09 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 27 de set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral*. Catequese (14) – A oração perseverante. 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 27 de set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o LIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*. 02 jun. 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 09 nov. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos párocos da Diocese de Roma*. 06 mar. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 22 out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do XXVI Dia Mundial do Doente*. 11 fev. 2018. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 29 de out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para os Movimentos Populares*. 16 out. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 02 de nov. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem do V Dia Mundial dos Pobres*. Disponível em: <https://www.vatican.va> > content > vatican. Acesso em: 18 fev. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Meditações matutinas na missa da Capela da Casa Santa Marta: rezar sem nunca se cansar*. Disponível em: <https://www.vatican.va> › content › vatican. Acesso em: 27 set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem ao Secretário-Geral das Nações Unidas, por ocasião da Pré-Cúpula sobre sistemas alimentares*. Disponível em: <https://www.vatican.va> › content › vatican. Acesso em: 05 nov. 2021.

FRANCISCANOS.ORG. *Carismas especiais: a morte na mística franciscana*. Disponível em <https://franciscanos.org.br/carisma/especiais/a-morte-na-mistica-franciscana>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FAUSTI, Silvano. *Uma comunidade lê o Evangelho de Lucas*. Brasília: CNBB, 2021.

GALILEA, Segundo. *O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã*. São Paulo: Paulinas, 1984.

GONZÁLEZ BUELTA, B. *Bajar al encuentro de Dios: Vida de oración entre los pobres*. Santander: Sal Terrae, 1988.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Lucas. Do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.

GUTIERREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.

GRUN, Anselm. *Pequena escola de oração: sobre a vida e as práticas espirituais*. Petrópolis: Vozes, 2019.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apóstolica *Salvifici Doloris*. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

LITURGIA das Horas. Tempo da Quaresma. Tríduo Pascal. Tempo da Páscoa. Vol.II. *Tratado sobre a oração. Cap. 28-29: CCL 1, 273-274*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 221.

MASSERONI, Enrico. *Ensina-nos a rezar: Um caminho para a escola do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1999.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: Aproximação histórica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROCHA, Hylton M. *A santa dos impossíveis: Vida de Santa Rita de Cássia narrada para o homem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1980.

SACRAMENTÁRIO. 2.ed. Paulus. São Paulo, 2011.

SANTA RITA. *Histórias de santos*. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-rita-de-cassia/106/102/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SANTA, Teresa de Jesus. *Livro da vida*. Paulus: São Paulo, 1983.

SANTA, Teresinha do Menino Jesus. *História de uma alma*. Manuscritos autobiográficos. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTO, Afonso Maria de Ligório. *A Oração: O grande meio para alcançarmos de Deus a salvação e todas as graças que desejamos*. 4.ed. Aparecida: Santuário, 1992.

SANTO AGOSTINHO. *O DE EXCIDIO VRBIS e outros sermões sobre a queda de Roma*.

Disponível em: <https://www.portalconservador.com> > livros > San. Acesso em: 09 out. 2021.

SANTO AGOSTINHO. *Corpus Christianorum Latinorum*, n. 39, 1177.

SICCARDI, Cristina. *MADRE TERESA*. Tudo começou na minha terra. São Paulo: Paulus, 2013.

SOBRE A ORAÇÃO: SERMÃO DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Disponível em:

<http://www.montfort.org.br> > sobre-a-oracao-sermao-de-São-João-Crisóstomo. Acesso em: 16 de mai. 2021.

TEIXEIRA, Pe. Aloísio. *Vida de Santa Rita*. Aparecida: Santuário, 1995.

TERTULIANO, S. CIPRIANO, ORÍGENES. *Tratado sobre a oração*. 2.ed. Mosteiro da Santa Cruz, 2001.

THUAN, François Xavier Nguyen Van. *Cinco pães e dois peixes*. Do sofrimento do cárcere um alegre testemunho de fé. 8.ed. Aparecida: Santuário.

VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2001.

O PAI NOSSO E A AVE MARIA - SUMA TEOLÓGICA. Disponível em: <https://sumateologica.files.wordpress.com> > 2009/07. Acesso em: 17 fev. 2022.